

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ROSA SCHECHTER

**UM PERCURSO ATRAVÉS DE VIRGÍNIA LEONE BICUDO  
MARCAS, CAMINHOS E MEMÓRIAS**

NITERÓI

2020

ROSA SCHECHTER

**UM PERCURSO ATRAVÉS DE VIRGÍNIA LEONE BICUDO  
MARCAS, CAMINHOS E MEMÓRIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Viana Vidal

Área de concentração: Clínica e Subjetividade

NITERÓI

2020

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S314p Schechter, Rosa Coutinho  
Um percurso através de Virgínia Leone Bicudo - Marcas,  
Caminhos e Memórias / Rosa Coutinho Schechter ; Paulo Eduardo  
Viana Vidal, orientador. Niterói, 2020.  
132 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,  
Niterói, 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2020.m.12818764700>

1. Virgínia Bicudo. 2. Relações Raciais. 3. Psicanálise.  
4. Apagamento. 5. Produção intelectual. I. Vidal, Paulo  
Eduardo Viana, orientador. II. Universidade Federal  
Fluminense. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD -

ROSA SCHECHTER

**UM PERCURSO ATRAVÉS DE VIRGÍNIA LEONE BICUDO  
MARCAS, CAMINHOS E MEMÓRIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Clínica e Subjetividade.

---

Prof. Dr. Paulo Eduardo Viana Vidal – UFF  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Abraão de Oliveira Santos – UFF  
(Examinador)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helena Rodrigues Navas Zamora – PUC-Rio  
(Examinadora)

Niterói, 26 de agosto de 2020.

Ao meu filho e aos  
meus pais.

## AGRADECIMENTOS

Ao Vicente, que vindo de dentro me mostrou como pode ser alegre a vida aqui fora.

Ao meu orientador Paulo Vidal, pela confiança que depositou em mim desde o primeiro momento e pela leveza com que conduziu a orientação.

Aos professores da minha banca, suas contribuições foram valiosas e cruciais! À Maria Helena Zamora, por me inspirar com a sua potência e vivacidade, por ser o exemplo de dedicação na docência. Ao Abrahão de Oliveira Santos, por seu trabalho fundamental na UFF, pela escuta atenta e amorosa com que recebe nós, seus alunos.

Aos meus pais, que me inspiram, me encorajam e me dão todo o suporte para realizar os meus sonhos.

À Flavia, minha companheira de estudos, que me ensina todos os dias a ser pesquisadora, mãe e analista.

Ao Caco, pela irmandade e amizade cada vez mais presente. À Lau, por me ensinar coisas que eu não sabia que podia aprender. À Ana, por ter feito da vizinhança um lugar melhor! À Vitória, pelas práticas e ensinamentos. À Carol, Olga e Tali, pelas alegres partilhas. À Pam e às nossas trocas desde o primeiro dia. Ao Pedro, porque divertir-se é preciso!

À Irene, Maria do Carmo e Leandro. Obrigada por todo o apoio e dedicação com que me receberam em SP e que generosamente me apresentaram Virgínia Bicudo, sem vocês eu não poderia contar essa história!

## RESUMO

Este trabalho teve o objetivo de pesquisar a vida e a obra de Virgínia Leone Bicudo, uma importante intelectual brasileira, socióloga e psicanalista, que nasceu e faleceu em São Paulo (1910-2003). Ao acompanhar a sua trajetória, pesquisamos também, através dos seus trabalhos publicados, o seu percurso na sociologia e na psicanálise. Ao reconhecer a sua importância para os estudos das relações raciais, para a instituição da psicanálise no Brasil e outros diversos feitos, os quais sempre estiveram na vanguarda do seu tempo, perguntamos o motivo pelo qual Virgínia Bicudo ainda é pouca conhecida entre sociólogos, psicólogos e psicanalistas, e, para isso, analisamos o seu apagamento enquanto uma mulher negra brasileira. Para compreender alguns dos atravessamentos de sua época, percorremos parte da obra de Carolina Maria de Jesus e abordamos a teoria racial dominante daquele período, a eugenia. As implicações da pesquisa nos levaram a buscar estudos sobre a branquitude. Concluímos que o seu apagamento foi causado pela estrutura racista que persiste no Brasil e apontamos para a necessidade de mais estudos, pesquisas e publicações sobre Virgínia Bicudo.

Palavras-chaves: Virgínia Bicudo, Relações Raciais, Psicanálise, Apagamento, Branquitude

## **ABSTRACT**

This work has the objective to research the life and work of Virgínia Leone Bicudo, an important Brazilian intellectual, sociologist and psychoanalyst, who was born and died in São Paulo (1910-2003). As we follow her trajectory, we also researched through her published works, her path in sociology and psychoanalysis. Recognising its importance for the study of race relations, for the institution of psychoanalysis in Brazil and other diverse achievements, which have always been at the forefront of its time, we ask why Virgínia Bicudo is still unknown amongst sociologists, psychologists and psychoanalysts, and for that we analyse why her work as a black woman in Brazil was put aside. To understand some of the paths of her time, we went through part of the work of Carolina Maria de Jesus and approached a dominant racial theory of that period, the eugenics. The implications of the research led us to seek studies on whiteness. We conclude that her erasing was caused by the racist structure that persists in Brazil and we point to the need for more studies, research and publications on Virgínia Bicudo.

Keywords: Virgínia Bicudo, Race Relations, Psychoanalysis, Erasure, Whiteness

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1 CAPÍTULO I: APRESENTANDO VIRGÍNIA LEONE BICUDO</b> .....	18
1.1 O percurso de Virgínia Bicudo .....	19
1.2 O Apagamento e a invisibilidade de Virgínia Bicudo .....	30
1.3 A branquitude da pesquisadora .....	35
<b>2 CAPÍTULO II: VIRGÍNIA BICUDO E AS RELAÇÕES RACIAIS EM SÃO PAULO</b> .....	40
2.1 As entrevistas de Virgínia Bicudo .....	40
2.2 Carolina Maria de Jesus – Os relatos de uma mulher negra em São Paulo.....	43
2.3 A eugenia .....	48
2.4 A eugenia no Brasil.....	50
2.5 Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo – Considerações sobre a dissertação de Virgínia Bicudo .....	52
2.6 Notas sobre a pesquisa de Virgínia Bicudo para o projeto Unesco .....	61
<b>3 CAPÍTULO III: VIRGÍNIA BICUDO E A PSICANÁLISE</b> .....	73
3.1 Nosso Mundo Mental .....	73
3.2 Trabalhos publicados de Virgínia Bicudo .....	82
3.2.1 Higiene mental.....	84
3.2.2 História da psicanálise.....	84
3.2.3 Psicanálise com crianças.....	85
3.2.4 A formação do psicanalista.....	87
3.2.5 Psicanálise e arte.....	91
3.2.6 Teoria psicanalítica.....	93
3.3 As cartas de Virgínia Bicudo .....	97
<b>CONCLUSÃO</b> .....	114

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS TRABALHOS DE VIRGÍNIA BICUDO.....</b>	<b>118</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>122</b>
<b>ANEXO - CADERNO DE IMAGENS.....</b>	<b>129</b>

## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – Foto de Virgínia Bicudo.....	14
IMAGEM 2 – Foto de Virgínia Bicudo.....	17
IMAGEM 3 – Foto de Virgínia Bicudo criança.....	18
IMAGEM 4 – Foto de Virgínia Bicudo e família.....	18
IMAGEM 5 – Foto de Formandos do bacharelado em Sociologia e Política da ELSP..	52
IMAGEM 6 – Foto de Virgínia Bicudo em uma das primeiras reuniões da SBPSP.....	73
IMAGEM 7 – Foto de Virgínia Bicudo em congresso.....	82
IMAGEM 8 – Foto de Virgínia Bicudo em congresso.....	82
IMAGEM 9 – Envelope da correspondência de Melanie Klein para Virgínia Bicudo..	97
IMAGEM 10 – Carta de Donald Pierson a Virgínia Bicudo.....	99
IMAGEM 11 – Carta de Roger Bastide a Virgínia Bicudo.....	100
IMAGEM 12 – Carta de Frank Philips a Virgínia Bicudo.....	102
IMAGEM 13 – Carta de Melanie Klein a Virgínia Bicudo.....	103
IMAGEM 14 – Carta de Virgínia Bicudo a Rosenfeld.....	104
IMAGEM 15 – Carta de Melanie Klein a Virgínia Bicudo.....	105
IMAGEM 16 – Carta de Virgínia Bicudo a Bion (frente).....	106
IMAGEM 17 – Carta de Virgínia Bicudo a Bion (verso).....	107
IMAGEM 18 – Carta de Virgínia Bicudo a Montessori.....	109
IMAGEM 19 – Carta de Virgínia Bicudo a Francesca.....	110
IMAGEM 20 – Carta de Virgínia Bicudo a sua família.....	112
IMAGEM 21 – Fotos 3x4 de Virgínia Bicudo.....	129
IMAGEM 22 – Foto de Virgínia Bicudo.....	129
IMAGEM 23 – Foto de Virgínia Bicudo na Liga de higiene mental.....	129

IMAGEM 24 – Virgínia Bicudo na embaixada do Brasil em Londres com o presidente Juscelino Kubitschek.....	130
IMAGEM 25 – Foto de Virgínia Bicudo, Helena Bicudo (irmã), Maria de Lourdes Bicudo (irmã), Joana Leone Bicudo (mãe) e Carmen Bicudo (irmã).....	130
IMAGEM 26 – Foto de Virgínia Bicudo no Uruguai.....	131
IMAGEM 27 – Foto de Virgínia Bicudo em congresso.....	131
IMAGEM 28 – Foto de Virgínia Bicudo em Brasília.....	131
IMAGEM 29 – Foto de Joana Leone Bicudo.....	131
IMAGEM 30 – Foto da Capa do livro Projeto UNESCO.....	132
IMAGEM 31 – Capa do livro Nosso Mundo Mental.....	132
IMAGEM 32 – Matéria de jornal sobre Virgínia Bicudo.....	132
IMAGEM 33 – Artigo publicado em jornal por Bicudo.....	132

## **LISTA DE SIGLAS**

DDPHP – Divisão de Documentação e Pesquisa da História da Psicanálise

ELSP – Escola Livre de Sociologia e Política

FNB – Frente Negra Brasileira

IPA – International Psychoanalytical Association

PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

SBPSP – Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

Uerj – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF – Universidade Federal Fluminense

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

USP – Universidade de São Paulo

**Imagem 1** – Foto de Virgínia Bicudo

Fonte: DDPHP, 1930.

## INTRODUÇÃO

Foi por acaso que me deparei com a história de Virgínia Leone Bicudo. Foi grande o meu espanto por ter passado uma graduação inteira em psicologia sem ter ouvido falar de uma figura tão importante na psicanálise. Eu frequentava o grupo de estudos e pesquisa Porta da Lembrança, na PUC-Rio, e quis articular a psicanálise com algum autor que pesquisasse sobre o racismo, tema principal do grupo. Um artigo sobre a história de Virgínia Bicudo apareceu em uma pesquisa aleatória no Google. Por algum tempo perguntei às pessoas ao meu redor, psicólogos e psicanalistas, se conheciam Virgínia Bicudo. As respostas invariavelmente eram “não”. Sua história foi se revelando aos poucos, como se houvesse uma cortina que a encobrisse.

Após o meu primeiro encontro com as leituras que traziam a história da primeira mulher a deitar em um divã na América Latina, responsável pela inserção, institucionalização e divulgação da psicanálise no Brasil, primeira a escrever uma dissertação de mestrado sobre relações raciais em nosso país e de muitas outras credenciais, comecei a investigar sobre a sua vida, com o objetivo de fazer uma

pesquisa sobre a sua trajetória. No entanto, descobri que as pesquisas que existiam sobre Virgínia Bicudo se debruçavam sobre a história de sua vida e sobre os seus trabalhos dentro da sociologia em relação aos temas raciais. Não havia publicações dedicadas à sua obra na psicanálise. Seus trabalhos como psicanalista foram pouco discutidos e parecem circular apenas entre as paredes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Diante disso, ingressei no mestrado na Universidade Federal Fluminense (UFF) e, aos poucos, foi delimitado o escopo do meu trabalho. A pesquisa se deu sobre a sua obra dentro da sociologia e, também, na psicanálise. Porém, não pude deixar de fazer uma articulação com a sua vida e o momento histórico em que viveu, pois tudo está entrelaçado. Seguindo as orientações feitas pela banca de qualificação, pesquisei sobre as circunstâncias do momento em que Virgínia Bicudo viveu em São Paulo. Para isso, recorri aos escritos de Carolina Maria de Jesus e artigos sobre a teoria racial dominante na época, a eugenia.

Ao longo desses anos fui descobrindo os atravessamentos de pesquisar uma figura tão importante quanto Virgínia Bicudo para a história da psicanálise e para a cultura brasileira. Ficou cada vez mais evidente o absurdo que é não se falar dela. Em uma época em que se acreditava que no Brasil havia uma harmonia racial e que o preconceito que vigorava era majoritariamente de classe, Virgínia Bicudo constatou que isso era uma falácia. Aqui existia, sim, preconceito de cor e a ascensão social de negros e negros não o extinguiu; pelo contrário, o exacerbava. Diante disso, Virgínia Bicudo verificou que o reconhecimento da existência do preconceito de cor provocava uma consciência política entre os negros, o que os fazia se articular politicamente. Além disso, Virgínia Bicudo foi uma das primeiras professoras negras a atuar em uma universidade no Brasil, tendo sido convidada para participar de uma grande pesquisa, intitulada Projeto Unesco, desenvolvida em São Paulo, junto a importantes intelectuais da época.

Na psicanálise, Virgínia Bicudo fundou a SBPSP, inaugurou a análise com crianças em São Paulo, conviveu com importantes psicanalistas como Melanie Klein e Wilfred Bion, trazendo as contribuições teóricas de ambos para o Brasil. Além de ser a primeira mulher a ser analisada na América Latina, foi uma das primeiras analistas não médicas no Brasil. Sempre inovadora, criou programas de rádio, jornais e revistas de psicanálise com o objetivo de atingir um público mais amplo, expandindo a psicanálise

no país e tornando-a acessível.

Para compreender um pouco mais sobre o desconhecimento de Virgínia Bicudo, investiguei o apagamento compulsório de intelectuais negros, do qual ela não escapou. Não vi a possibilidade de prosseguir um estudo cujas únicas referências eram autores brancos. A minha pesquisa foi o resultado do meu profundo incômodo e perturbação com o racismo que estrutura a nossa história, que fez, e continua a fazer, Virgínia Bicudo cair no esquecimento.

O que não poderia ficar de fora em uma pesquisa sobre relações raciais é o impacto que isso causa no pesquisador que a produz. Enquanto pesquisadora branca, surgiram inúmeros questionamentos feitos tanto pelos pares na universidade quanto por mim mesma. Motivada pelas discussões que ocorrem na UFF (e que me afetaram), foi imprescindível elaborar uma reflexão sobre o meu lugar enquanto pesquisadora branca. Esses atravessamentos, analisadores de uma pesquisa, podem tornar o diálogo mais fecundo. Como é ser branca e pesquisar uma autora negra? É uma atitude racista ter como objeto de pesquisa a obra de uma autora negra? É um rompimento com práticas racistas deixar de ler somente autores em sua maioria brancos e compor uma dissertação a partir de outros referenciais, reavivando a história de Virgínia Bicudo? Para me aprofundar nesse tema, integrei um grupo de pesquisa sobre branquitude na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) e apresentei algumas ponderações acerca dos debates que pude acompanhar nesse período.

A prática antirracista não se encerra com uma dissertação. No meu caso, se inicia. A escrita que agora toma forma é parte do lugar que encontrei para romper com a naturalização na psicologia e na psicanálise da invisibilidade como destino da história de autores negros. O apagamento das intelectuais negras é prática corrente em nosso país. A consequência disso, que se abate sobre o legado de Virgínia Bicudo, não se finda com ela. É preciso romper com o modelo de história única<sup>1</sup>, propondo outros tipos de escuta, leituras e encontros. Essa dissertação é, também, uma estratégia de acessar, ler, estudar e dialogar sobre um processo de construção intelectual não hegemônico. É urgente reverter essa condição e trazer aos discursos e práticas as falas, obras e histórias

---

<sup>1</sup> Chimamanda Adichie nos alerta sobre o perigo da história única no vídeo “Os perigos de uma história única” (2009). Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transcript?%20language=pt](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?%20language=pt). Acesso em: 24 ago. 2019.

que foram silenciadas. No entanto, apesar de não querer compactuar com a convivência, que é o costumeiro silêncio branco, compreendi com Audre Lorde (2019) que “as ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande” (p. 137).

Pouco lida, a obra de Virgínia Bicudo padece de grande inacessibilidade. Seus artigos não circulam e não há edições disponíveis de seu livro para comprar nas livrarias ou para consultar nas bibliotecas no Rio de Janeiro. A pesquisa se deu em arquivos de São Paulo. Para isso, contei com o generoso e sempre prestativo apoio da Divisão de Documentação e Pesquisa da História da Psicanálise (DDPHP), da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), para acessar documentos, correspondências, fotografias, convites, artigos, recortes de jornais, livros, áudios de entrevistas e o acervo pessoal da biblioteca de Virgínia Bicudo, que lá se encontra.

Assim, pude fotografar algumas das dezenas de correspondências e fotos de Virgínia Bicudo para compor um trabalho permeado de imagens e afetos. Espero que essa pesquisa contribua com a preservação da sua memória.

**Imagem 2** – Virgínia Bicudo



Fonte: DDPHP. Formatura da Escola Normal Caetano de Campos. 1930.

**Imagem 3** – Foto de Virgínia Bicudo criança

Fonte: DDPHP, 1914.

**Imagem 4** – Foto de Virgínia Bicudo e família

Fonte: DDHP, 1927.

## **CAPÍTULO I: APRESENTANDO VIRGÍNIA LEONE BICUDO**

Pesquisar e escrever sobre a vida e a obra de uma pessoa é um trabalho interpretativo. É necessário compreender não só o sujeito sobre quem nos debruçamos a partir das narrativas dos seus biógrafos, mas também o entorno que o cercava. É um exercício de contextualização atado ao compromisso de não romantizar aquele sobre o qual se pesquisa. Enquanto alguns biógrafos são mais generosos e criativos com as suas narrativas, outros se atêm apenas a fatos comprovados por meio de documentação. Há os que interpretam determinado traço do sujeito de forma singular, a partir das suas próprias visões e compreensões de mundo. Acredito que, em uma pesquisa acadêmica, cabe ao pesquisador tentar interferir o menos possível com os dados à sua disposição. Nessa parte do trabalho, que se circunscreve à biografia de Virgínia Bicudo, tentei me referir apenas aos dados historicamente comprovados e não propor uma interpretação particular às suas memórias. Não pretendo aqui esgotar as narrativas que existem acerca dos seus feitos e realizações e apresentei o material que coletei ao longo de minha pesquisa.

Na primeira parte trago à cena a vida de Virgínia Leone Bicudo. Considero que a sua trajetória pessoal foi tão importante quanto a sua trajetória profissional, pois as duas deixaram marcas profundas nas pessoas com quem conviveu, nos estudos sociológicos das relações raciais e na história da instituição da psicanálise no Brasil. Aqui, detenho-me nos artigos e livros que versam sobre a vida de Bicudo. O material é um tanto escasso e de difícil acesso. Tanto o seu livro *Nosso Mundo Mental* (BICUDO, 1956) quanto os dois que trazem grandes contribuições sobre a vida da socióloga e psicanalista – *Virgínia Bicudo: A trajetória de uma psicanalista brasileira* de Jorge Luís Ferreira Abrão (2010) e *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*, edição organizada por Marcos Chor Maio (BICUDO, 1945/2010a), que contém a dissertação de Bicudo – não podem ser encontrados nas grandes livrarias da cidade em que essa pesquisa foi realizada, Rio de Janeiro. Isso já é bastante significativo quando comparamos a importância de Virgínia Bicudo com a dificuldade de acesso às suas obras.

### 1.1 O percurso de Virgínia Bicudo

Virgínia Leone Bicudo nasceu na cidade de São Paulo, em 21 de novembro de 1910. Filha de uma imigrante italiana branca com um brasileiro negro, ambos de famílias humildes. Seus pais se conheceram no lugar onde os dois trabalhavam, em uma fazenda de café no interior de Campinas, chamada Fazenda Mato de dentro do Jaguari, propriedade de Bento Augusto de Almeida Bicudo. Joana Leone e Teóphilo Julio Bicudo, pais de Virgínia Bicudo, trabalhavam dentro da casa grande da fazenda, fazendo serviços domésticos. Joana Leone havia chegado no Brasil em 1897 no navio Equitá, vinda da Sicília, Itália (TEPERMAN; KNOFF, 2011). A chegada de Joana Leone, de sua família e de muitos outros imigrantes brancos fez parte de uma política pública brasileira, a de branqueamento da sua população (MAIA; ZAMORA, 2018).

Já Teóphilo Bicudo nasceu e cresceu na fazenda, filho de uma mulher negra, escravizada<sup>2</sup> e alforriada, cujo nome era Virgínia Julio, e de pai desconhecido. Janaína Damaceno Gomes (2013) obteve os dados quanto à escravização de Virgínia Julio com a família de Bicudo, não conseguindo encontrar nenhum registro em documentos.

---

2 - Sobre a escolha do termo *escravizada* ao invés de *escrava*, transmito aqui as palavras de Kilomba (2019), que luta por uma formulação não racista da linguagem, direito que é reivindicado por diversos movimentos negros. “Na minha escrita, uso o termo “*escravizada/o*”, e não *escrava/o*, porque “*escravizado/o*” descreve um processo político ativo de desumanização, enquanto *escrava/o* descreve o estado de desumanização como a identidade natural das pessoas que foram escravizadas (p. 20).

Notado por sua inteligência precoce, Teóphilo Bicudo foi encaminhado aos estudos pelo dono da propriedade, o coronel Bento Bicudo. Inicialmente, Teóphilo não utilizava o sobrenome Bicudo. A mudança de registro pode ter se dado por um “costume existente no período pós-abolição, segundo o qual os ex-escravos e seus descendentes, em geral na falta de um sobrenome próprio, adotavam o de seus senhores” (MORETZSOHN, 2013, p. 4).

Teóphilo Bicudo lutou durante toda a sua vida para ascender socialmente. Trabalhou nos Correios e Telégrafos e ministrou, à noite, aulas particulares para candidatos ao vestibular de medicina para complementar a renda familiar. Chegou a ser chefe da seção onde trabalhava e tentou inúmeras vezes ingressar na faculdade de medicina. Em entrevista (25/09/1995) para Marcos Maio, Virgínia Bicudo contou um pouco da história de seu pai:

Vou contar uma coisa tristíssima da história [de Teóphilo Bicudo]. Ele queria fazer universidade. Na época era Curso Superior. E ele queria ir para Medicina. Então estava no sexto ano do ginásio. Veja que homem esforçado, hein? Veio de empregado doméstico que ele era, depois foi subindo e fez Ginásio do Estado naquele ano, ele passava direto para a faculdade de Medicina. Naquele tempo não havia vestibular para Medicina ou em qualquer curso superior. Então, o professor que chamava Barros ou Barrinhos do ginásio do último ano, quando viu que meu pai ia para a Faculdade de Medicina, reprova. Porque ele disse que um negro não podia ser médico. (MAIO, 2010b, pp. 334-335)

Depois de casados, os pais de Virgínia Bicudo se mudaram para o bairro de Santa Ifigênia, em São Paulo. Bicudo era a segunda dos seis filhos do casal. Para Teóphilo Bicudo, os estudos representavam oportunidade de ascensão social e deveriam ser almejados por todos os filhos. Todas as irmãs de Virgínia Bicudo completaram o colegial e conseguiram se formar como professoras primárias, uma das poucas possibilidades para as mulheres da época.

Ao terminar o curso secundário na Escola Normal Caetano de Campos em 1930, Virgínia Bicudo atuou como professora substituta permanente nos Grupos Escolares Carandiru e Consolação (MAIO, 2010b). Em seguida, entrou no Curso de Educadores Sanitários do Instituto de Higiene de São Paulo. “Esse curso tinha a intenção de promover ações profiláticas relativas à saúde pública e políticas sanitárias, preparando as professoras para intervir junto aos pais e alunos da escola primária para transmitir as regras e os princípios do que se considerava uma educação saudável”

(BRAGA, 2016). Foi nesse período que Virgínia Bicudo conheceu Lygia do Amaral<sup>3</sup>, amiga e companheira de trabalho que fará parte do seu percurso e, assim como ela, alguns anos mais tarde, integrou a formação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

No início da década de 1930, Virgínia Bicudo foi contratada pela diretoria do Serviço de Saúde Escolar do Departamento de Educação do Estado de São Paulo como professora primária, mantendo-se no cargo até 1938. Nesse mesmo ano, foi nomeada educadora sanitária. Sentindo que necessitava de algo mais, na constante e inquieta busca que marcaram a sua vida, ingressou na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) em 1936, graduando-se em 1938 (ABRÃO, 2010). Virgínia Bicudo não escolheu o curso que havia na USP, pois o considerava elitista e preferiria um mais simples, que remontava à sua origem. Segundo Bicudo, em entrevista para Marcos Maio em 1995:

Lá [USP] eram os grã-finos e eu não era grã-fina. Pensa que eu era boba? [risos]. Eu sabia escolher. Eu vi lá, tudo era filho de papai, Almeida Prado e eu não. A Escola de Sociologia é gente operária, é lá que eu vou. É isso. Sabe, a gente tinha esse feeling. [...] Eu disse: “Lá não era o meu lugar.” (MAIO, 2010b, p. 344)

Nas entrevistas que concedeu, Virgínia Bicudo relatou que foi buscar na sociologia respostas para o seu sofrimento. “Eu tinha sofrimento, tinha dor e queria saber o que causava tanto sofrimento. Eu colocava que eram condições exteriores. Então pensei que, estudando Sociologia, iria me esclarecer...” (MORETZSOHN, 2013, p. 6). A Escola Livre de Sociologia e Política era uma instituição complementar da USP, inspirava-se na Escola de Chicago, e adotava uma “perspectiva interdisciplinar como nas relações entre Antropologia e Sociologia ou Sociologia, Antropologia e Psicologia Social. [A ELSP] Fez dos problemas urbanos e rurais seus laboratórios” (MAIO, 2010b, p. 314).

Por intermédio das aulas de psicologia social da professora Noemy Silveira Rudolfer na ELSP, Virgínia Bicudo teve o primeiro contato com a psicanálise. Ao se

---

<sup>3</sup> Lygia Alcântara do Amaral, como Virgínia Bicudo, fez a Escola Normal Caetano de Campos, foi educadora sanitária do Instituto de Higiene Mental, visitadora psiquiátrica, analisanda da Doutora Koch, membro associado do Grupo Psicanalítico de São Paulo e integrante do grupo fundador da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. (ABRÃO, 2010)

deparar com a obra de Freud, Virgínia Bicudo encontrou o que estava procurando. Em uma entrevista à Folha de São Paulo, relatou: “O que me levou para a psicanálise foi o sofrimento que eu queria aliviar... Desde criança eu sentia preconceito de cor e procurei o curso de Sociologia para me proteger do preconceito” (MORETZSOHN, 2013, p. 9). Logo, passou a buscar uma formação em psicanálise, encontrando, então, Durval Marcondes, que, além de aluno do curso da Escola de Sociologia, foi professor da cadeira de Psicanálise e Higiene Mental (em período posterior ao dela). Em relação ao curso de psicologia social, Virgínia Bicudo deu o seguinte depoimento:

Foi dentro desse curso que eu tive a felicidade de, pela primeira vez, encontrar uma noção de conflito psíquico como consequência de conflito entre consciente-inconsciente, um superego, um processo de sublimação, um Freud. Então pela primeira vez eu soube que havia não só conflito entre o indivíduo e o ambiente, mas havia conflito mental, intrapsíquico. Que havia um Freud que tinha estudado isso e que tinha uma teoria a respeito, que era a psicanálise. (BICUDO, 1977, p. 8 apud ABRÃO, 2010, p. 58)

Durval Marcondes lhe indicou para análise a Doutora Adelheid Koch, que chegou ao Brasil em 1936, com ajuda de Ernest Jones, fugindo do nazismo. Koch era uma psicanalista judia e alemã, credenciada pela Sociedade Internacional de Psicanálise (IPA). Em novembro de 1937, Virgínia Bicudo estreou o divã de Adelheid Koch, tornando-se a primeira mulher a ser analisada na América Latina (ABRÃO, 2010; BICUDO, 1989a). Sobre sua análise com Koch, Virgínia Bicudo contou: "Eu fui a primeira pessoa a deitar no divã da Dra. Koch. E ela, com seu chapéu preto de abas largas, era muito elegante, uma jovem e linda mulher” (MORETZSOHN, 2013, p. 9). A psicanálise teve o seu início no Brasil com um encontro entre uma mulher judia, fugida do nazismo, com uma mulher negra brasileira. Um encontro como esse não pode deixar de ser notável.

Durante algum tempo, Virgínia Bicudo se manteve permeando as duas áreas, psicanálise e sociologia, estabelecendo um diálogo entre as duas, ambas primordiais em sua formação. Logo após concluir o Bacharelado em Ciências Políticas e Sociais em 1938, sendo a única mulher numa turma de oito alunos homens, todos brancos, passou a fazer parte da equipe coordenada por Durval Marcondes, na Seção de Higiene Mental Escolar na Clínica de Orientação infantil, na função de visitadora psiquiátrica. De acordo com Braga (2016, s/p):

A visitadora psiquiátrica, função que Virgínia Bicudo exercia, deveria colher a história de vida das crianças através de entrevistas com os pais e professores e de observações diretas na escola e na família e realizar orientações aos pais e professores. Alguns anos mais tarde deveria também ser responsável pela psicoterapia com as crianças com problemas emocionais.

Em 1940, Virgínia Bicudo começou a atuar como professora assistente de Durval Marcondes, na disciplina de Psicanálise e Higiene Mental no Curso de Ciências Sociais da ELSP, dando início a uma das suas funções mais importantes em sua trajetória, a de transmissão da psicanálise. Bicudo continuou como professora assistente até o final de 1946. Em 1947, tornou-se professora adjunta, atuando até 1949 (ABRÃO, 2010).

Enquanto visitadora psiquiátrica e professora assistente, Virgínia Bicudo deu início à sua prática clínica. Seus primeiros pacientes lhe possibilitaram arcar com os custos da sua própria análise com a Dra. Koch, além de lhe garantirem independência financeira e um importante papel dentro da sua família, melhorando a condição de todos (ABRÃO, 2010).

Em 1942, Virgínia Bicudo entrou no curso de pós-graduação da ELSP, orientada por Donald Pierson<sup>4</sup>. Sua dissertação, pioneira no Brasil no estudo de relações raciais, *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*, tinha como “[...] finalidade conhecer as atitudes do indivíduo de cor referentes ao preto, ao mulato e ao branco” (BICUDO, 1945/2010, p. 63). Sua pesquisa foi feita por meio de depoimentos de 31 pessoas, pais e mães de alunos de escolas públicas em São Paulo, de análises de documentos da Frente Negra Brasileira, de entrevista com um membro da diretoria e de informações publicadas em seu jornal “Voz da raça”. Bicudo demonstrou que, mesmo quando diminuem as diferenças sociais, o preconceito de cor permanece. Esse trabalho, além de pioneiro quanto ao tema no Brasil, é também múltiplo em suas vertentes, já que articulou sociologia com a psicanálise, algo que até então não era comum, contrapondo-se ao conceito vigente de que, aqui, o preconceito de classe prevaleceria sobre o preconceito de raça.

---

<sup>4</sup> Donald Pierson foi um sociólogo Norte Americano, doutor pela Universidade de Chicago. Sua pesquisa de doutorado foi realizada na Bahia entre 1935 e 1937 sobre relações raciais, cujo título é Pretos e Brancos na Bahia. Pierson foi professor da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, entre 1939 e 1959.

No início dos anos de 1950, em um esforço para compreender a suposta harmonia racial no Brasil, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), em parceria com a editora Anhembi, financiou um projeto de pesquisa que tratava do tema das relações raciais no país. O Brasil era tido até então como um lugar em que todos os povos e raças viviam em harmonia, em uma democracia racial, em contraste com países como Estados Unidos e África do Sul. Dirigida por Roger Bastide, tendo Florestan Fernandes como colaborador, Virgínia Bicudo participou desse projeto, pesquisando sobre as atitudes dos alunos dos grupos escolares de São Paulo em relação à cor de seus colegas. A sua pesquisa tinha como objetivo “evidenciar os mecanismos psíquicos de defesa manifestos nas atitudes relacionadas com a cor dos colegas e verificar a influência no desenvolvimento daquelas atitudes” (BICUDO, 1955, p. 227).

Apesar da relevância, foi tratada como um “apêndice”, assim como as pesquisas de Oracy Nogueira e Aniela Ginsberg, e não foi publicada nas edições posteriores (MAIO, 2010a). Para Braga (2016), “A falta de reconhecimento do seu protagonismo deve ter tido efeitos importantes para Virgínia Bicudo. Ter sido colocada de maneira secundária justamente numa área em que foi pioneira não deve ser entendido como um assunto de menor importância”. Gomes (2013) também questiona o fato de que as reedições da pesquisa não contaram com os textos de Virgínia Bicudo e de Aniela Ginsberg e que, ainda na primeira edição, os trabalhos das duas pesquisadoras foram publicados apenas como protocolos de pesquisa, o que considera uma forma subalternizada de publicação.

Na psicanálise, a trajetória de Virgínia Bicudo é marcada pelo Grupo Psicanalítico de São Paulo, o qual passou a integrar, e que depois ganhou notoriedade, vindo a se tornar a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Em um encontro, ocorrido em 1944, com participação de Durval Marcondes, Adelheid Koch, Frank Philips e Virgínia Leone Bicudo, entre outros, foi lido o comunicado de reconhecimento do Grupo Psicanalítico de São Paulo por parte da International Psychoanalytical Association (IPA), presidida à época por Ernest Jones. Virgínia Bicudo foi, então, indicada como tesoureira. Durante a sua carreira, veio a ocupar diversas funções dentro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo: “foi secretária, tesoureira, supervisora, analista didata, professora e diretora da Sociedade em várias gestões” (TEPERMAN; KNOPF, 2011, p. 71).

Outra marca do seu pioneirismo é a interlocução que Bicudo fazia entre a psicanálise e os meios de divulgação. Por intermédio dela, a psicanálise passou a ser conhecida pelos meios de comunicação de massa. Num programa de rádio intitulado “Nosso Mundo Mental”, artistas representavam cenas do cotidiano familiar e Virgínia Bicudo fazia minuciosas interpretações. Nas palavras de Bicudo: “Em 1954, desenvolvi um programa de divulgação de princípios de higiene mental segundo a Psicanálise, através da dramatização de textos que eu compunha, e eram levados ao ar semanalmente. Esses textos foram publicados no livro *Nosso Mundo Mental em 1955*” (BICUDO, 1988a, pp. 664-665).

Em 1954, Virgínia Bicudo passou a publicar uma coluna no *Jornal Folha da Manhã* que circulava aos domingos e que também se chamava *Nosso Mundo Mental*. A coluna era baseada nas transcrições do programa de rádio. Em 1956, publicou os textos do programa de rádio em um livro com o mesmo título, *Nosso Mundo Mental*. Este foi o seu único livro de psicanálise publicado, já que a sua vasta produção se deu por meio de artigos e trabalhos divulgados em outros meios. A leitura desse livro torna evidente a sua preocupação em ser inteligível ao público leigo, em disseminar a psicanálise e torná-la acessível.

Sua trajetória na psicanálise, contudo, não foi marcada apenas por um reconhecimento positivo do seu trabalho, mas também por críticas à sua prática clínica. Em especial, um importante episódio, ocorrido em 1954, no I Congresso Latino Americano de Saúde Mental, marcará a vida da intelectual. Durante os debates, Lygia do Amaral e ela foram acusadas de charlatanismo, exercício ilegal da medicina e ameaçadas de prisão. Nas palavras de Virgínia Bicudo:

Professores da cadeira de psiquiatria da USP estavam contra a psicanálise. Os psiquiatras ficaram contra Durval Marcondes, porque ele formava psicanalistas. A psiquiatria oficial não aceitava a psicanálise. Os psiquiatras me chamavam de charlatã, achavam que só médico poderia exercer a psicanálise, foi horrível, vocês podem imaginar o que foi? Eu quis morrer... (MORETZSOHN, 2013, p. 10)

Alguns médicos, como o diretor do Conselho Regional de Medicina de São Paulo, o Doutor Flamínio Fávero, chegaram a distribuir panfletos em que se lia: “Se eres neurótico e queres se tornar psicótico, procura a doutora Virgínia Bicudo. Se trate com a doutora Virgínia Bicudo” (BRAGA, 2016). Podemos perceber o quanto a

presença de Bicudo incomodava e perturbava, uma condição que era até então mantida por homens, brancos e médicos. A participação de Virgínia Bicudo foi importante para que a SBPSP aceitasse membros analistas não médicos, o que não acontecia em outras sociedades de psicanálise no país, como as de Porto Alegre e do Rio de Janeiro. Assim, outra importante credencial pertence à Virgínia Bicudo, a de primeira psicanalista não médica do país. De acordo com Abrão (2010, p. 78):

É provável que, ao iniciar a análise de seus primeiros pacientes no final da década de 1930, Virgínia Bicudo não tivesse dimensão do quão pioneira era sua atuação, não só por iniciar a análise de pacientes em uma época em que a psicanálise era pouco empregada no Brasil, mas também por inserir-se, como analista leiga, em um campo que outrora esteve restrito à medicina.

Outra grande iniciativa que contou com o apoio de Virgínia Bicudo, empreendida por Durval Marcondes, foi a criação do Curso de Especialização em Psicologia Clínica em 1954. Esse curso foi implementado na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo (BICUDO, 1989a). Segundo Abrão (2010), essa iniciativa teve grande importância para a regulamentação da profissão de psicólogo, que ainda não contava com formação e instrução teórica de profissionais. Nesse sentido, pode-se afirmar que a atuação de Bicudo contribuiu não apenas para a fundação da psicanálise no Brasil, mas também da psicologia.

Por consequências da difamação, e movida pela constante busca de saber, Virgínia Bicudo mudou-se para Londres em 1955, e lá permaneceu por cinco anos. Durante a sua estadia, frequentou a Clínica Tavistock e a Sociedade Britânica de Psicanálise. Em Londres, Bicudo entrou em contato com importantes psicanalistas, como Melanie Klein, John Bowlby, Ernest Jones e Wilfred Bion, entre muitos outros. Mesmo estando na Inglaterra, continuou com o seu objetivo de transmissão da psicanálise, propagando seus novos conhecimentos para os que estavam no Brasil, pela emissora de rádio BBC. Com dificuldades econômicas e um inglês pouco fluente, Virgínia Bicudo demonstrou a sua capacidade de persuasão e resistência. Para ter condições de arcar com os custos de vida na Inglaterra, conseguiu manter as suas remunerações da Seção de Higiene Mental Escolar, por meio de um pedido de afastamento feito ao governo do Estado de São Paulo (ABRÃO, 2010).

Em Londres, continuou em análise com Frank Philips - já havia feito uma curta análise com Philips quando ele esteve no Brasil em 1954 - e foi supervisionada por Herbert Rosenfeld<sup>5</sup>, que também foi seu professor (MORETZSOHN, 2013). Lá se aproximou de Melanie Klein, fonte de sua admiração, aprofundando-se na teoria kleiniana. Em 1958, numa carta endereçada a Durval Marcondes, escreveu:

Estou seguindo um seminário particular de Mrs. Klein e cada vez mais admiro a personalidade dela; é simpática e profundamente honesta, inteligente e realmente interessada na psicanálise. Ela tem outro livro no prelo! O fato é que o sucesso de Mrs. Klein tem feito mal a muitos analistas menos dotados do que ela. (MORETZSOHN, 2013, p. 14)

Em uma entrevista concedida à Folha de São Paulo em 1994, Bicudo relatou como aconteceu a sua aproximação com Melanie Klein.

Tive contato pessoal e profissional. Quando cheguei não a conhecia. Eu estava no Instituto de Psicanálise de Londres quando a vi. Enviei flores a ela, no dia de seu aniversário. Meu inglês era muito pobre. Então fui ao dicionário e tirei o termo “ornament” (ornamento). Ela depois me mandou um cartão agradecendo e disse que o que mais tinha chamado a atenção dela fora a palavra “ornament” que não era muito usada. Assim, fui me aproximando dela. Uma vez por mês ela dava um chá em sua casa, quando convidava os psicanalistas de Londres. Eu era a única brasileira. Ela me ensinou muito também da psicanálise das crianças. Em 1959, eu voltava para o Brasil e ela me ofereceu um jantar de despedida. Ficamos cada uma numa ponta da mesa, na cabeceira. Ela disse que numa despedida precisava-se ter intimidade. (BICUDO, 1994a, p. 6)

No seu retorno ao Brasil, Virgínia Bicudo passou a ter uma importante posição na SBPSP. A sua volta de Londres teve como intuito oferecer aos seus pares o que tinha aprendido durante os anos fora, principalmente seus conhecimentos acerca da teoria kleiniana. Para Abrão (2010), Bicudo exerceu sobre a SBPSP a “condição de representante do pensamento kleiniano” (p. 169).

Além dos múltiplos cargos que desempenhou na SBPSP, a década do seu retorno, os anos de 1960, é também marcada pelas suas iniciativas editoriais. A criação do *Jornal de Psicanálise*, em 1966, e da *Revista Brasileira de Psicanálise*, em 1967, tinham como objetivo a divulgação das produções psicanalíticas que eram

---

<sup>5</sup> Herbert Alexander Rosenfeld foi um médico e psicanalista analisado por Melanie Klein, que fazia parte do grupo kleiniano.

desenvolvidas na SBPSP (ABRÃO, 2010). Virgínia Bicudo integrou, junto a outros psicanalistas, a Comissão de Ensino da SBPSP. Essa, por sua vez, deu origem ao Instituto de Psicanálise, que se tornou responsável pela formação de psicanalistas na SBPSP. Bicudo ocupou a direção do Instituto de Psicanálise na primeira gestão, permanecendo no cargo por catorze (BARCELLOS, 1976).

Virgínia Bicudo esteve à frente de iniciativas editoriais e publicações que tinham como alvo a difusão da psicanálise no país. É notável o envolvimento que teve com o ensino da psicanálise. Nesse ponto, tanto as transmissões através do rádio quanto a fundação da Revista e o Jornal refletem o compromisso de estimular as produções feitas por psicanalistas, de criar um lugar para essas produções e continuamente divulgar seus trabalhos. Além das suas iniciativas no campo editorial, também é impressionante a grande quantidade de artigos de sua autoria publicados em revistas nacionais e internacionais.

Em 1970, Virgínia Bicudo deu nova mostra do seu papel pioneiro. Levou para a Capital Federal a psicanálise. Fundou o Grupo Psicanalítico de Brasília e, depois, o Instituto de Psicanálise de Brasília (TEPERMAN; KNOPE, 2011). Sua iniciativa é fundamentada num ideal político e de um compromisso social. Segundo Aarão (2010), Virgínia Bicudo acreditava que a psicanálise poderia contribuir para a formação da nova capital. Ao oferecer análise para políticos e pessoas em cargos de liderança, haveria a possibilidade de propiciar melhores condições para que atuassem melhor, com mais responsabilidade e compromisso. Em um depoimento feito em 17/02/2006, sua sobrinha, Rosa Lúcia Zingg contou:

Na europa ela ouvia muito falar na fundação de Brasília, ela esteve com Juscelino em Londres em uma festa na embaixada do Brasil. E ela sonhava em levar a psicanálise para a nova capital do Brasil, ela achava que, tratando o poder, ela podia tratar o Brasil. (ABRÃO, 2010, p. 211)

Em uma entrevista para o Jornal de Psicanálise, concedida em 1989, Virgínia Bicudo relatou que estava em Londres quando construíram Brasília e que acompanhava com entusiasmo o crescimento da cidade pelas publicações da BBC. Apenas uma semana após o seu retorno ao Brasil, foi até a nova capital. A seguir, algumas das suas impressões:

O horizonte amplo, aberto, foi isto que me chamou! Mas, quis primeiro trazer para São Paulo, o que aprendi em Londres. Fiquei dez anos procurando contribuir na organização do Instituto. Aí incluímos Melanie Klein no currículo (1961). Antes era só Freud.

O que acontecia em Brasília era uma migração de gente: os candangos, o pessoal do governo, gente do estrangeiro... Eu pensava "... está havendo um verdadeiro "melting pot" cultural e a Psicanálise será muito importante nesta cidade. Estão vindo pessoas do estrangeiro onde há Psicanálise e podemos dar uma contribuição a todos no trabalho de ambientação..." De fato dava! A Psicanálise dava uma contribuição. Assistimos a isto. Pensei em levar a Psicanálise à capital do país e acho que foi acertado. (BICUDO, 1989a, p. 15).

Durante doze anos, Virgínia Bicudo se dividiu entre as duas cidades. Passava parte da semana em São Paulo e o restante em Brasília. Fazia, no mínimo, quatro sessões semanais com os seus pacientes das duas cidades, trabalhando também nos finais de semana. Depois, quando não era mais a diretora do Instituto de Psicanálise de São Paulo, Bicudo ficava três semanas por mês em Brasília e uma em São Paulo, dedicando-se intensamente ao processo de implementação da psicanálise na Capital (MORETZSOHN, 2013; ABRÃO, 2010; TEPERMAN; KNOFF, 2011).

Em 1971, O Instituto de Psicanálise da SBPSP conferiu ao grupo de Brasília o *status* de sede avançada, sendo chamada de Sede Brasília de SBPSP. Não foi sem resistência por parte de vários analistas, tanto da SBPSP quanto de outras sociedades de psicanálise no Brasil, que essa empreitada audaciosa de Virgínia Bicudo obteve reconhecimento, mas é justamente através desses feitos que se pode reconhecer, em suas ações, uma personalidade corajosa, audaciosa e desbravadora (ABRÃO, 2010).

No início dos anos 1980, Virgínia Bicudo voltou a morar em São Paulo. Por alguns anos, ainda fazia viagens constantes à Brasília, até que, com a consolidação do seu trabalho na capital e com a possibilidade de autonomia dos que ficaram por lá, instalou-se definitivamente em São Paulo. Aos que ficaram em Brasília, escreveu: "Despeço-me feliz e agradecida, vendo-os emancipados para o desempenho de um trabalho que alcança limites além do espaço geográfico" (TEPERMAN; KNOFF, 2011, p.75). Em entrevista, Rosa Lúcia Zingg, sua sobrinha, destacou a morte da mãe de Virgínia Bicudo e a sua saúde já fragilizada como alguns dos fatores que contribuíram para o seu regresso a São Paulo (ABRÃO, 2010).

Virgínia Bicudo continuou a sua atividade clínica até o ano 2000, trabalhando em sua própria casa. No final de sua vida, precisou passar por uma cirurgia, que deixou sua saúde mais debilitada. Nos últimos anos, a perda de memória comprometeu a sua atividade clínica, tendo precisado do suporte familiar para administração das suas finanças e cuidados médicos. Em 2002, Bicudo foi internada em uma clínica de repouso para idosos, falecendo no dia vinte e seis de setembro de 2003 (ABRÃO, 2010).

Em um bilhete encontrado em seu consultório, deixou a seguinte mensagem para a sua família:

À minha família; mãe e irmãs e irmão solicito fazer cumprir meu desejo de ser incinerada em lugar de ser enterrada. Este desejo está baseado em meu modo de pensar sobre o corpo sem vida. O corpo sem vida retorna ao mundo inorgânico e em lugar de tomar espaço em cemitério é mais inteligente que seja transformado em um punhado de cinzas atirado à terra.

Sejamos razoáveis: Estaremos sempre juntos; somos da natureza.

São Paulo, 21 de dezembro 1980.

Virgínia Bicudo (TEPERMAN; KNOFF, 2011, p. 76)

## 1.2 O apagamento e a invisibilidade de Virgínia Bicudo

Após uma breve exposição da biografia de Virgínia Bicudo, que não pôde contar com mais informações por falta de fontes, é necessário que se discuta a invisibilidade do seu legado, assim como o apagamento dos seus trabalhos e de sua trajetória. Estas são questões cruciais para que se compreenda o esquecimento de Bicudo, a despeito de toda a sua importância histórica.

No artigo “Quarto de despejo como imagem da história da psicanálise: o caso Virgínia Bicudo”, Amorim e Moreira (2018) fazem uma analogia com o que seria o lugar para onde são varridos todos os psicanalistas que foram “deixados de fora” (p. 22). Os autores debatem sobre as figuras excluídas da história da psicanálise, tomando a imagem do quarto de despejo, livro de Carolina Maria de Jesus (2014) como metáfora, “para refletirmos acerca da construção histórica da psicanálise que, aparentemente fez-se a partir de um inumerável contingente de psicanalistas que foram “deixados de fora”, marginalizados tanto em suas histórias pessoais quanto em suas obras e esforços nos círculos psicanalíticos” (AMORIM; MOREIRA, 2018, p. 22).

A pergunta que conduziu esta dissertação é, “Por que Virgínia Bicudo foi esquecida?”. O argumento defendido por Amorim e Moreira (2018) é de que o movimento psicanalítico e a sua história se constituem a partir das sucessivas exclusões de diferentes psicanalistas por diversos motivos, dos quais, sem dúvida, Bicudo não escapou. O quarto de despejo seria o “lugar em que se acumulam os indesejados, os que atrapalham a narrativa oficial, os que colocam em xeque o cânone (seja histórico, seja teórico)” (AMORIM; MOREIRA, 2018, p. 23). Um lugar para onde - mesmo tendo um valor histórico incontestável, como Bicudo com todas as suas credenciais, não obstante seu pioneirismo - foi relegada. Esses esquecimentos compulsórios fazem parte não apenas da história da psicanálise, mas da história de todos os intelectuais não brancos.

Não foi apenas na psicanálise que Virgínia Bicudo foi esquecida. Mesmo nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil, os dados de Bicudo não foram trabalhados. Seu apagamento também se deu na sociologia, conforme o relato de Gomes (2013):

Embora sua obra seja pequena, sua importância se deve ao fato de que ela faz parte da reflexão da primeira geração de brasileiros formados por pesquisadores estrangeiros que vão pensar sobre relações raciais no Brasil, a partir da influência direta da Escola de Chicago. A primeira tese sobre relações raciais no Brasil foi escrita por uma socióloga negra que acreditava, a despeito da orientação teórica nas ciências sociais daquele momento, na existência de preconceito de cor no Brasil. Ainda assim, mesmo entre os que estudam associações negras em São Paulo, é difícil encontrar referências ao trabalho de Bicudo. (p. 102)

O sistemático apagamento das intelectuais negras no meio acadêmico faz com que o trabalho de Virgínia Bicudo continue de fora dos currículos e que ainda seja desconhecida por muitos psicólogos e psicanalistas brasileiros. Ao examinar as bibliografias dos cursos das universidades de psicologia e das sociedades e escolas de psicanálise, percebe-se a escassez de autores não brancos. Com currículos compostos por autores majoritariamente brancos, confirma-se a sistemática exclusão de negros e indígenas dos espaços acadêmicos. Para Sueli Carneiro (2005), essas "São estratégias de negação, de dúvida, de não-acolhimento, que reiteram a ideia do não-pertencimento, “do fora de lugar” que representa a presença negra na vida universitária” (p. 119).

Podemos analisar a posição de Virgínia Bicudo, que teve um percurso de vida marcado por discriminações raciais e por, muitas vezes, ser a única pessoa negra nos espaços profissionais em que atuava, e a consequência da invisibilidade do seu legado

mediante termo cunhado por Boaventura Sousa Santos (1995) e aqui conceituado por Carneiro: o epistemicídio. De acordo com Carneiro, este:

[...] se constituiu e se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial, pela negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento. (2005, p. 96)

O epistemicídio atua como uma produção de inferioridade intelectual imposta aos grupos racializados, “pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento” (CARNEIRO, 2005, p. 97). Quando se nega a produção intelectual de autores e pesquisadores não brancos, impossibilitando tanto a entrada quanto a permanência desses sujeitos e de seus trabalhos nas universidades e locais de ensino, institui-se de forma atroz uma exclusão absoluta e racista.

Constatamos que o epistemicídio, enquanto instrumento, desloca o negro para o lugar de objeto, aquele que não pode construir conhecimento, mas sobre o qual o conhecimento é construído. “Sempre colocado como “Outra/o”, nunca como “eu”, nas palavras de Grada Kilomba (2019, p. 78). Carneiro (2005) propõe que o outro em que o negro se desloca é “para uma alteridade que a institui como a dimensão do não-ser humano” (p. 27).

Diante disso, um dos riscos do meu trabalho, enquanto uma pesquisa que se debruça sobre a vida e a obra de Virgínia Bicudo, é que, se por um lado há um rompimento com as práticas de não pesquisar e dialogar com autores negros, por outro há o risco de, mais uma vez, colocar uma mulher negra como objeto de pesquisa de uma mulher branca. A diferença que existe entre ter Virgínia Bicudo transformada em objeto de pesquisa e Virgínia Bicudo como a intelectual que era, sendo uma interlocutora em uma pesquisa acadêmica, é muito importante e deve ser considerada. Para Carneiro, “Os pesquisadores negros em geral são reduzidos também à condição de fonte e não de interlocutores reais no diálogo acadêmico, quando não são aprisionados exclusivamente ao tema negro” (2005, p. 60). Essa questão será retomada mais à frente.

Objetos e fontes de pesquisa, esse outro em que o negro se transforma, são também amplamente debatidos por Frantz Fanon. As conseqüências do colonialismo, que ainda se fazem presentes, culminam na redução e na exclusão dos negros do meio

acadêmico. As práticas atuais do epistemicídio podem ser remontadas ao período colonial, já que, segundo Fanon:

O interesse desse período é que o opressor acaba não se satisfazendo mais com a inexistência objetiva da nação e da cultura oprimidas. Todos os esforços são feitos para levar o colonizado a confessar a inferioridade da sua cultura, transformada em condutas instintivas, a reconhecer a irrealidade da sua nação, e finalmente o caráter inorganizado e não acabado da própria estrutura biológica. (1961/2005, p. 271)

Fanon lutou contra a negação da sua humanidade, contra a imposição do branco de fazer dele um outro que não era ele. “O branco estava enganado, eu não era um primitivo, nem tampouco um meio-homem, eu pertencia a uma raça que há dois mil anos já trabalhava o ouro e a prata” (FANON, 1952/2008, p. 119). Embora ocupasse cargos profissionais elevados e desempenhasse uma profissão de prestígio, como a medicina, Fanon continuava sendo posto em dúvida, tendo a sua humanidade questionada. “Era o professor negro, o médico negro; eu, que começava a fraquejar, tremia ao menor alarme. Sabia, por exemplo, que se um médico negro cometesse um erro, era o seu fim e dos outros que o seguiriam” (FANON, 1952/2008, p. 109). Como homem negro, era o significante negro que contava dentro da estrutura colonial. Diziam-lhe negro, e o negro vinha antes do homem.

Para Gomes (2013), há uma semelhança entre o trabalho de Virgínia Bicudo e de Frantz Fanon. Enquanto a tese de doutorado de Fanon em psiquiatria foi rejeitada, a dissertação de Bicudo foi “esquecida não em seu departamento, mas na história do pensamento social brasileiro, durante anos” (GOMES, 2013, p. 99). Durante muito tempo, o livro escrito por Fanon, *Os condenados da terra* (1961/2005), teve o prefácio escrito por Sartre mais reconhecido do que seu próprio livro. De acordo com Alice Cherki, uma de suas biógrafas, “O belo prefácio de Sartre a esse livro, que Fanon desejara, parece que foi mais lido, ao longo dos anos, do que o corpo do texto” (2005, p. 15). Não podemos ignorar que esses múltiplos apagamentos que incidem tanto sobre a obra de Frantz Fanon como de Virgínia Bicudo e de uma lista inumerável de intelectuais negros fazem parte da sustentabilidade do ideário racista (CARNEIRO, 2005).

Portanto, é importante evidenciar o desconhecimento de Virgínia Bicudo como uma consequência do destino imposto aos intelectuais negros. A dificuldade de

encontrar os trabalhos e publicações de Bicudo já é um analisador que nos conta sobre o lugar ocupado pela sua trajetória e por suas contribuições. Bem diferente da psicanalista que nos anos 1950 teve seu livro de psicanálise esgotado, o livro *Nosso Mundo Mental* (1956) não pode mais ser encontrado. Em contraste com a facilidade que temos ao dispor de inúmeros artigos na internet, os de Virgínia Bicudo não circulam pelas redes e não são fáceis de serem acessados. Gomes (2013) relatou, em sua tese de doutorado, que, ao procurar pela dissertação de Bicudo na Escola de Sociologia e Política, a encontrou sem conservação adequada. “Uma das primeiras teses defendidas na instituição estava mofada e isso me pareceu bastante significativo” (2013, p. 23).

Em termos psicanalíticos, podemos pensar o apagamento dos intelectuais negros a partir da noção de segunda morte discutida por Lacan (2008 [1959-60]) em seu comentário sobre a tragédia grega Antígona, escrita por Sófocles (2019). Na tragédia, o rei Creontes nega sepultura a as honras fúnebres ao irmão de Antígona, Polinices. “Antígona, por sua vez, para além do que seu irmão Polinices pôde fazer de certo ou errado, mantém-se numa posição inquebrantável de sepultá-lo, garantindo o valor de seu ser” (BONFIM, 2016, p. 137). Para Rubião (2003), ao ousar conceder as honras fúnebres ao irmão, Antígona comete um ato transgressor que constitui “o signo capaz de distingui-lo de um animal, o gesto capaz de humanizá-lo e eternizá-lo na memória da família. A segunda morte é o que se trata de evitar — é a morte do simbólico” (p. 68). Podemos pensar no apagamento de Virgínia Bicudo como uma segunda morte, uma morte simbólica, em que o esquecimento de sua importante figura histórica e o aniquilamento do seu legado operam uma segunda morte. Uma morte política.

Sendo assim, devemos nos perguntar quais são os desdobramentos do apagamento de Virgínia Bicudo para a psicanálise. Há um ideal de brancura na psicanálise? Se a psicanálise desloca Bicudo para o seu quarto de despejo, interrompendo a continuidade do seu nome como fundadora e figura primordial para a instituição da psicanálise no país, devemos, então, pensar que as práticas racistas de exclusão, além de incorporadas, também são propagadas pela psicanálise? Se compreendermos o racismo como sendo estrutural, torna-se, então, evidente que a psicanálise também tem como alicerce uma estrutura racista, na qual intelectuais negros são sistematicamente invisibilizados e compulsoriamente esquecidos.

### 1.3 A branquitude da pesquisadora

Interpelada pelos meus pares acadêmicos sobre qual seria o meu lugar na pesquisa de Virgínia Bicudo, compreendi que uma dissertação como esta não poderia deixar de incluir algumas reflexões acerca da branquitude. Enquanto brancos, ao pesquisar sobre racismo, deparamos-nos com um mundo em que fomos educados para não ver. Na maioria das vezes, não nos damos conta de que nos beneficiamos dos inúmeros privilégios que desfrutamos simplesmente por termos nascidos brancos. Os estudos antirracismo nos auxiliam a compreender o que nos negamos a enxergar, que, mesmo não sendo agentes diretos de atitudes racistas, ou não nos percebendo como racistas, por sermos brancos, estamos do lado do opressor, aquele que invariavelmente se beneficia dos privilégios da sua cor de pele. Se manter desse lado é desejar dar continuidade a uma cegueira que semeia uma ilusão um tanto confortável (quando ignorada).

No entanto, por ser uma mulher branca e judia, já havia me deparado com um mundo em que a existência é permeada por pertencimentos e não pertencimentos. Ser judeu é ser apontado como um algo a mais. Já me deparei com a afirmação de que o judeu é um branco racializado. No entanto, sua brancura pode fazer com que o pertencimento a uma “raça”, a judaica, possa passar despercebida. Logo, enquanto branco, continua se beneficiando dos privilégios oriundos da sua brancura.

Então, quais são as implicações para uma mulher branca estudar a vida e a obra de uma mulher negra? Se, por um lado, não pude concordar com uma certa advertência<sup>6</sup> que paira na academia em relação ao estudo de autores negros por acadêmicos brancos, já que isso reiteraria as relações de poder que sempre colocam o negro no lugar de objeto nos estudos raciais, por outro, ignorar a obra a história de Virgínia Bicudo não me pareceu a resposta mais coerente ou a menos racista.

São inúmeros os questionamentos possíveis. Eu não deveria pesquisar sobre Virgínia Bicudo por ela ter sido uma mulher negra? Haveria alguma forma de pesquisar sobre uma mulher negra que não corroborasse com os usuais lugares de brancos pesquisando negros? Não deveria escrever e trazer para as discussões acadêmicas toda a

---

<sup>6</sup> Advertência absolutamente bem fundamentada, já que, de acordo com Guerreiro Ramos (1955/1995), “Há o tema do negro e há a vida do negro. Como tema, o negro tem sido entre nós, objeto de escarpelação perpetrada por literatos e pelos chamados “antropólogos” e “sociólogos” (p. 215); “O negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade nacional que chama a atenção” (p. 215)

sua obra que foi pioneira em diversos âmbitos? Continuar com uma bibliografia inteiramente branca ou com um objeto de pesquisa que estivesse em paridade com a minha cor me faria menos racista? Pesquisar apenas a partir de autores brancos seria a resposta adequada, uma vez que se questiona a hegemonia dos interlocutores?

Para aprofundar essa questão, foi necessário compreender o que é a branquitude, definida por Maria Aparecida Silva Bento (2014) como “traços da identidade racial do branco brasileiro a partir das ideias sobre branqueamento” (p. 25). Já o branqueamento é um processo da elite branca brasileira que, tomando-se como modelo universal, almejou branquear a sua população por meio de políticas públicas que favoreceram e incitaram a imigração de europeus brancos por medo da grande população negra no país. Fortalecida enquanto padrão racial para os demais, a elite branca teve sua autoestima inflada, em detrimento dos outros grupos raciais. Para Bento (2014), há um pacto narcísico entre os brancos, de silenciar sobre o racismo e de não se reconhecer como agente na manutenção das desigualdades raciais. Outra parte do pacto é de alimentar projeções que deterioram a imagem dos negros, construindo um imaginário negativo sobre o que é ser negro, danificando sua autoestima, culpando-o pelas discriminações que sofre e responsabilizando-o por identificar-se com o branco.

Bento (2014) apontou alguns dos sintomas associados à branquitude. Um deles é de não associar as desigualdades raciais à discriminação, apesar de reconhecerem a existência dessas desigualdades. Brancos reconhecem a existência da discriminação, mas não conseguem se colocar como aqueles que discriminam. Tanto as desigualdades raciais quanto a discriminação passam, então, a ser um problema exclusivamente dos negros. Atentando-se para o fato de que nós, brancos, temos uma herança proveniente da escravidão, da qual herdamos privilégios materiais e simbólicos, ainda assim há um silenciamento de nossa parte sobre as implicações sobre ser branco. Para Bento, “Evitar focalizar o branco é evitar discutir as diferentes dimensões do privilégio. Mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da brancura, o que não é pouca coisa” (p. 27).

Diante disso, Bento (2014) colocou a questão do silêncio dos brancos também para os pesquisadores. Apenas referenciados aos problemas dos negros, os trabalhos acadêmicos padecem de um daltonismo que faz com que os pesquisadores investiguem de forma alienada. Nessa mesma direção, Kabengele Munanga (2014) fez um importante questionamento para os psicólogos e psicanalistas. Ambos têm reservado pouco espaço aos estudos que dizem respeito a uma parcela tão grande da população

brasileira, afrodescendente. Para Munanga, há pouca preocupação por parte da psicologia com a discriminação racial, tema que deveria ser importante na formação de profissionais que lidarão com sujeitos marcados pelas suas consequências. Segundo Lucas Veiga (2019), a psicologia brasileira, por ignorar a subjetividade negra na maior parte dos cursos de graduação, deixa de preparar os profissionais para uma clínica adequada a mais da metade da população do país, formada por negras e negros. Para Veiga, a consequência disso é que os pacientes negros não se sentem acolhidos em suas questões e, ainda, sofrem reiteradamente racismo por parte dos profissionais que deveriam estar preparados para atendê-los.

No ensaio *Porta de vidro: entrada para a branquitude*, Edith Piza (2014) teceu reflexões sobre o sentido de ser branco, no Brasil. Piza ilustrou com uma metáfora o que é ser branco e perceber a existência da sua própria racialidade:

Talvez uma metáfora possa resumir o que comecei a perceber: bater contra uma porta de vidro aparentemente inexistente é um impacto fortíssimo e, depois do susto e da dor, a surpresa de não ter percebido o contorno do vidro, a fechadura, os gonzos de metal que mantinham a porta de vidro. Isto resume, em parte, o descobrir-se racializado, quando tudo o que se fez, leu ou informou (e formou) atitudes e comportamentos diante das experiências sociais, públicas e principalmente privadas, não incluiu explicitamente nem a mínima parcela da própria racialidade, diante da imensa racialidade atribuída ao outro. Tudo parece acessível, mas, na realidade, há uma fronteira invisível que se impõe entre o muito que se sabe sobre o outro e o quase nada que se sabe sobre si mesmo. (p. 61)

Piza (2014) observou que há uma excessiva visibilidade dos negros como pertencentes a um grupo, enquanto para os brancos ocorre uma individualização do seu lugar. Estes lugares são denominados pela autora como um “lugar de raça” (p. 72). Essa expressão pode ser definida como “o espaço de visibilidade do outro, enquanto sujeito numa relação, na qual a raça define os termos desta relação” (p. 72). O negro é sempre o representante do seu grupo, já o branco representa nada além de si mesmo, nunca a sua própria raça. Se um grupo detém a total neutralidade e invisibilidade no que diz respeito aos aspectos raciais, o outro tem a sua cor e outras características fenotípicas colocadas em evidência. “As consequências dessa visibilidade para negros é bem conhecida, mas a da neutralidade do branco é dada como “natural”, já que é ele o modelo paradigmático de aparência e de condição humana” (PIZA, 2014, p. 72).

Nessa mesma direção, Ruth Frankenberg, citada por Lia Schucman (2014) argumentou que a invisibilidade é uma característica da identidade racial branca. No

entanto, para Frankenberg, essa identidade não é necessariamente invisível, “mas sim que ela é vista por uns e não por outros, e, dependendo dos interesses, ela é anunciada ou tornada invisível” (SCHUCMAN, 2014, p. 58). Para exemplificar, Schucman se vale do exemplo das cotas raciais, situação em que os brancos enxergam a sua própria cor e raça para se dizerem excluídos de uma política de ação afirmativa.

Schucman (2014) estabeleceu a branquitude como uma posição. Os sujeitos que ocupam essa posição detêm os privilégios quanto ao acesso a recursos materiais e simbólicos. Esses recursos, gerados no colonialismo e imperialismo, continuam sendo preservados e perpetuados até hoje. Schucman articulou a branquitude em relação às vantagens que os brancos têm em relação aos não brancos. A opressão racial e o racismo beneficiam os brancos, pois “são os mecanismos racistas que fazem com que a população branca tenha vantagem no preenchimento das posições da estrutura de classes que comportam privilégios materiais e simbólicos mais desejados” (p. 61).

No artigo *Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista*, fruto de sua pesquisa de mestrado, Lourenço Cardoso (2010) contrapôs diferentes tipos de branquitude. A branquitude crítica desaprova o racismo, já a branquitude acrítica não desaprova o racismo, mas afirma uma superioridade racial dos brancos, em que ocupam uma posição especial em relação aos não brancos. Enquanto os dois grupos se assemelham por partilharem privilégios por conta da sua identidade racial, diferenciam-se por suas posições de censura ou de aceitação dos mesmos. Cardoso (2010) tomou como exemplo o branco neonazista, que reivindica uma condição especial por ser branco, e o antirracista, que, apesar de muitas vezes não fazer questionamentos sobre a sua própria identidade racial, repudia publicamente o racismo.

Por último, cabe citar o pioneiro Guerreiro Ramos, sociólogo que trouxe o branco brasileiro para o foco da discussão. Seu estudo, intitulado de *Patologia Social do “Branco” Brasileiro (1955/1995)*, colocou o branco entre aspas. Isso se deu porque o branco brasileiro, para Ramos, especialmente os brancos do Norte e do Nordeste do país, padecem de uma patologia social.

Esta patologia consiste em que, no Brasil, principalmente naquelas regiões, as pessoas de pigmentação mais clara tendem a manifestar, em sua auto-avaliação estética, um protesto contra si próprias, contra a sua condição étnica objetiva. E é este desequilíbrio na auto-estimação, verdadeiramente coletivo no Brasil, que considero patológico. Na verdade, afeta a brasileiros escuros e claros, mas, para obter alguns resultados terapêuticos, considere aqui, especialmente, os brasileiros claros. (RAMOS, 1955/1995, p. 222)

Guerreiro Ramos (1955/1995) argumentou que o branco brasileiro é, na verdade, um mestiço, sendo poucos os que não têm ascendência negra. Criticando o padrão estético social, em que os negros ocuparam um lugar negativo, o sociólogo relatou que os “brancos” dos estados do norte e nordeste dissimulavam as suas origens raciais, não se identificando com as suas origens étnicas. O ideal da brancura, para Ramos, “é uma sobrevivência que embaraça o processo de maturidade psicológica do brasileiro, e, além disso, contribui para enfraquecer a integração social dos elementos constitutivos da sociedade nacional” (1955/1995, p. 231). A brancura, vista por ele como uma tradição, precisa ser ultrapassada por alguma outra tradição para estabelecer novas circunstâncias, mais dignas para os brasileiros.

Quanto a mim, a pesquisa sobre a Virgínia Bicudo foi a minha porta de vidro. O impacto de descobrir uma psicanalista como Bicudo, tão desconhecida quanto importante, fez com que eu questionasse tudo o que vinha aprendendo até então. Compreender a minha própria racialidade enquanto branca trouxe inúmeras consequências não só para a minha pesquisa, mas principalmente para as minhas relações. Ao me perguntar como podemos desconstruir o racismo, encontrei na tese de Schucman (2014) o conceito de “Racial Literacy”, cunhado por France Twine. De acordo com Schucman, Twine argumenta que os brancos, para que possam desconstruir o racismo na sua identidade racial, precisam se entender como sendo racializados e passem a ter “Racial Literacy”, definida como:

[...] um conjunto de práticas que pode ser melhor caracterizado como uma “prática de leitura” - uma forma de perceber e responder individualmente às tensões das hierarquias raciais da estrutura social – que inclui o seguinte: (1) um reconhecimento do valor simbólico e material da branquitude; (2) a definição do racismo como um problema social atual, em vez de um legado histórico; (3) um entendimento de que as identidades raciais são aprendidas e um resultado de práticas sociais; (4) a posse de gramática e um vocabulário racial que facilita a discussão da raça, racismo e anti-racismo; (5) a capacidade de traduzir e interpretar os códigos e práticas racializadas de nossa sociedade e (6) uma análise das formas em que o racismo é mediado por desigualdades de classe, hierarquias de gênero e heteronormatividade. (TWINE, 2006, p.344 *apud* SCHUCMAN, 2014, p. 172)

## CAPÍTULO II: VIRGÍNIA BICUDO E AS RELAÇÕES RACIAIS EM SÃO PAULO

28 de maio... A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro (JESUS, 2014, p. 167).

Para contextualizar o período em que Virgínia Bicudo escreveu os seus trabalhos voltados para a temática racial, utilizei os próprios relatos coletados por Bicudo nas entrevistas para a sua pesquisa e dissertação do Projeto UNESCO. Com o objetivo de descrever as circunstâncias que a envolviam enquanto mulher negra em São Paulo, na primeira metade do século XX, recorri também aos escritos de Carolina Maria de Jesus. Ainda neste contexto, apresento uma reflexão sobre a eugenia, que, no Brasil, teve uma importante repercussão.

### 2.1 As entrevistas de Virgínia Bicudo

Nas entrevistas para a sua dissertação, Virgínia Bicudo analisou as atitudes de pretos e mulatos em relação às questões raciais, valendo-se das opiniões e impressões de mais de trinta entrevistados para uma observação de como era São Paulo no período de 1941 até 1944.

A maioria dos entrevistados era de classes categorizadas por Bicudo como inferiores. A primeira entrevista é de Antonia, uma mulher negra, analfabeta, que trabalhava como empregada doméstica. Antonia se queixava da falta de união e da competição entre negros. Pode-se notar em seu relato a sua crença na existência de raças. *“Fui criada por branco. Minha madrinha dizia sempre: “Por que os pretos não se unem, para conseguir vida melhor?” Hoje vejo que a raça de cor não tem união, porque cada um quer ser mais que o outro”* (BICUDO, 1945/2010a, p. 68).

O segundo caso analisado é o de Benedita. Cozinheira, mãe de seis filhos, negra e analfabeta. A sua opinião é ambivalente. *“-Os pretos não se casam, ajuntam,*

*porque são criados largados. Não gosto de ver preto casar com branco, é fazer pouco caso do preto*” (BICUDO, 1945/2010a, p. 69). Apesar de dizer que os negros são criados largados, o que poderia ser compreendido como uma inferiorização dos mesmos, Benedita demonstrou estimar os negros e lhes conferir valor, já que casar com brancos seria “fazer pouco caso do preto”. Virgínia Bicudo interpretou o seu relato como um indício de lealdade aos negros, por preferir os brancos no casamento.

O terceiro caso é o de José. Um homem negro de 32 anos, criado por uma família de espanhóis. *“-Não sou fanático por esse negócio de união de pretos. Divirtome em casa. Nunca fui desprezado. Dou-me com os vizinhos. Entre os próprios negros, uns querem ser melhor do que outros. Às vezes, sou mais bem tratado por branco do que por ‘patrício*” (BICUDO, 1945/2010a, p. 69). José era casado com uma mulher negra e, apesar do seu vínculo com uma pessoa da sua cor, demonstrou com o seu relato que, em algumas situações, se sentia melhor tratado por brancos. Assim como Antonia, na primeira entrevista, José descreveu uma competitividade entre os negros. Virgínia Bicudo analisou o seu relato como uma manifestação da existência de rivalidades entre negros. As atitudes de antagonismo dos negros em relação aos de sua cor, somadas à convivência com os brancos, o que foi observado em muitos casos, constituíram para Bicudo um fator que solidificou a falta de solidariedade entre os mesmos, motivo de queixa de vários entrevistados.

O quarto caso é de Justina, mulher negra, filha de pai e mãe negros, casada com um homem também negro. Justina tinha um filho de nove anos. Apesar de seus vínculos com seus familiares, todos da sua cor, revelou forte hostilidade em relação às pessoas negras. *“- Quase não tenho relações com gente de cor, porque são pessoas invejosas, desejam-nos ver sempre mal economicamente ou lutando com doenças; então ficam satisfeitos. Dou-me melhor com os vizinhos brancos. Desejaria ser branca, mas que fazer... Não me sinto infeliz por ser preta, mas pelas dificuldades econômicas e pela doença de mamãe*” (BICUDO, 1945/2010a, p. 69). Há uma atitude no mínimo contraditória em suas afirmações. Como Justina pode não ter relações com pessoas de cor, se é filha de pessoas negras, casada com uma pessoa negra, mãe de um menino negro? Diz não ser infeliz por ser negra. No entanto, seu desejo é pela brancura. Sua hostilidade com outros negros a fez tomá-los por invejosos. Para ela, os brancos são a representação de algo positivo, como se observa na sua relação com os seus vizinhos, constituindo o seu ideal.

O próximo caso é de uma mulher negra, com 45 anos, casada com um mulato<sup>7</sup>. Diferentemente do último caso, sua opinião expressou orgulho e simpatia pelos negros. “-Tenho amizades tanto com pessoas de cor como com brancos. Ter um filho mulato, mais claro que nós, os pais, não me dá nenhuma satisfação, orgulho ou vaidade; ao contrário, gostaria que ele fosse mais escuro” (BICUDO, 1945/2010a, p. 70). Seu desejo por um filho mais escuro, negro como ela, indicou que nem todos os entrevistados tinham uma concepção negativa quanto à própria cor. Apesar de ter amizades com pessoas brancas, sua fala não revelou nenhum desejo pela branquidão.

A próxima entrevistada trouxe em seu relato os episódios de racismo que viveu ao se mudar de uma cidade do interior para São Paulo.

- O branco faz pouco caso do preto, por causa da cor. Quando me mudei do interior para São Paulo [há 10 anos], sofri muito, porque na rua me xingavam de negra ou mexiam comigo. Certo dia, passava por uma rua [Bela Vista], vestida com uma blusa branca engomada, e uma moça que sempre me aborrecia me disse: “Mosca caída no leite.” Não me contive e virei-lhe um tapa no rosto. Nunca mais ela mexeu comigo. Nas lojas da cidade, quando a gente entra para comprar alguma coisa, só é atendida depois de muito esperar. (BICUDO, 1945/2010a, p. 71)

Em sua narrativa, nota-se que as discriminações raciais são percebidas quando a entrevistada emigra do interior para a capital. A sua espera por atendimento nas lojas é longa, nas ruas é xingada e perturbada por ser negra. Os episódios de racismo não são pontuais e lhe causaram indignação, como demonstrou sua reação em relação a quem sempre a discriminava.

Os próximos casos são de negros de classes sociais intermediárias. Virgínia Bicudo indicou que nesses casos, “as atitudes ligadas à cor evidenciam-se de forma muito mais pronunciada do que quando se referia ao preto da classe social “inferior” (1945/2010a, p. 72).

O primeiro caso é de um homem que exercia uma profissão intelectual. Seu depoimento evidenciou o preconceito e as discriminações testemunhadas por ele em São Paulo. Ao contrário da última entrevistada, que se deparou com as manifestações de racismo quando veio do interior para a capital, esse relatou a questão racial conflituosa também presente nas cidades do interior de São Paulo. Para ele, as vivências no interior eram extremamente racistas, com fazendeiros brancos discriminando trabalhadores negros. Quando veio para a capital, os episódios racistas não foram menos intensos.

---

<sup>7</sup> O uso do termo “mulato” será analisado adiante.

Tornou-se temeroso em relação aos brancos, pois era invariavelmente barrado em festas de casamento, em estabelecimentos públicos de lazer e em cassinos.

O entrevistado contou que a sua homenagem, planejada pelos seus amigos brancos, foi vetada pelo hotel em que se realizaria tal tributo. Em outra circunstância, as filhas de um funcionário público foram impedidas de entrar em um centro de funcionários por serem negras. Há relatos de trabalhadores sendo impedidos de alçar a cargos mais elevados por conta da sua negritude. São situações como essas que dão testemunhos do intenso preconceito em relação à cor vivido por negras e negros em São Paulo nos anos de 1940.

As entrevistas realizadas por Virgínia Bicudo também demonstraram que os mulatos sofriam diversas discriminações e preconceitos, como é o caso da entrevistada de número 14. Com 18 anos, é categorizada por Bicudo como sendo de cor parda, filha de mãe negra com pai pardo. Observa-se em seu relato que as atitudes igualmente racistas aconteciam dentro de casa, vindas dos próprios familiares.

Tenho gênio diferente de minha irmã, que desobedece à mamãe, saindo à noite. Ela é orgulhosa, xinga-me de negra, diz que não é minha irmã. Meu pai era pardo, o dela era português, por isso ela despreza. Ela quer casar-se com branco e só namora brancos. Xinga de negros aos irmãos. Não gosta de andar conosco na rua. Quando saímos juntos, ela anda afastada dos outros. (BICUDO, 1945/2010a, p. 104)

Os mulatos também eram impedidos de entrar em festas, no que eram advertidos pelos brancos: “*Não vá a tal festa, porque os sócios não vão gostar e você não vai se sentir bem lá*” (BICUDO, 1945/2010a, p. 116). Assim como os negros, sofriam oposição para ascender em suas carreiras, para obter promoções e para serem aceitos em cargos nas empresas, que, em geral, não aceitavam funcionários não brancos. Os relatos dos entrevistados demonstraram que a discriminação racial em São Paulo não se restringia às pessoas negras. O preconceito e as atitudes racistas se estendiam para todos os que possuíam algum traço associado às pessoas sem resquícios de branquidão.

## **2.2 Carolina Maria de Jesus – Os relatos de uma mulher negra em São Paulo**

Então o mundo já foi pior para os negros? Então o mundo é negro para o negro, e branco para o branco! (JESUS, 1986, p. 56).

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, em 1914. Muito pobre, frequentou a escola apenas por alguns anos. No interior, trabalhou desde pequena, conforme os seus relatos no livro *Diário de Bitita* (1986), em que narrou como era a sua vida e as suas impressões de menina. Como adulta, viveu na favela do Canindé, na Zona Norte de São Paulo. Trabalhou como catadora de papel, e dividia o seu tempo entre a labuta, os três filhos e a escrita. Seu cotidiano de fome, de extrema pobreza e de perseverança foi contado no livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014). Os seus relatos são as descrições mais fidedignas que eu pude encontrar para transmitir como era a vida de uma mulher negra em São Paulo no início do século XX. É o testemunho da realidade. Nenhum artigo acadêmico poderia ter a franqueza e veracidade igual à narrativa do seu diário. Não pode haver comparação entre a vida de Virgínia Bicudo (1915-2003) e a de Carolina Maria de Jesus (1914-1977). A infância de Bicudo não foi marcada pela fome, assim como na sua vida adulta o sucesso profissional e uma carreira bem-sucedida lhe permitiram habitar um outro mundo. Porém, as duas intelectuais negras compartilharam a mesma cidade e o mesmo momento histórico.

No *Diário de Bitita* (1986), há uma passagem em que se pode observar como era a relação entre os policiais e uma mulher negra. Em uma tarde como todas as outras, sem o menor motivo, a mãe de Carolina de Jesus estava lavando roupa e foi presa. Os filhos não podiam reclamar ou seriam alvejados com chicotes de borracha. O fato de ser presa pela sua cor era evidente, conforme as palavras de Jesus: “É só as pretas que vão presas” (1986, p. 27).

No Brasil e em muitos outros lugares do mundo, a relação com o encarceramento não mudou desde então, já que, ainda hoje, os presídios brasileiros são compostos por uma maioria negra (61,7% são pretos ou pardos)<sup>8</sup>. Carolina Maria de Jesus atestou: “Quando havia um conflito, quem ia preso era o negro. E muitas vezes o negro estava apenas olhando. Os soldados não podiam prender os brancos, então prendiam os pretos. Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto” (1986, p. 27).

A rotina exaustiva das mulheres negras naquele período, que tinham como única opção os trabalhos domésticos, foi narrada por Carolina de Jesus:

---

<sup>8</sup> Dado disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/sistema-carcerario-brasileiro-negros-e-pobres-na-prisao>

Quantas louça e talheres e panelas para serem lavadas! E tinha que arear os talheres. Lavar os ladrilhos, enxugá-los com panos. Deixavam o trabalho às onze da noite. Trabalhavam exclusivamente na cozinha. Era comum ouvir as pretas dizerem:

-Meu Deus! Estou tão cansada!

A comida que sobrava elas podiam levar para as suas casas. E nas suas casas, os seus filhos, que elas chamavam os negrinhos, ficavam acordados esperando a mamãe chegar com a comida gostosa das casas ricas. No jantar as cozinheiras faziam mais comida, para sobrar. A comida que os patrões comiam no almoço, não comiam no jantar. (1986, p. 33).

Em condições semelhantes, a situação vivida pelas mulheres negras no Estados Unidos no mesmo período é analisada por Angela Davis no livro *Mulheres, raça e classe* (2016). Para a filósofa, houve uma “equiparação ocupacional” (p. 98) das mulheres negras em relação aos serviços domésticos e ao trabalho que desempenhavam durante o período em que foram escravizadas. Esses não eram apenas vestígios da escravidão que poderiam desaparecer, mas uma realidade imposta às mulheres negras, da qual não puderam escapar por quase um século.

Ainda sobre os vestígios da escravidão, Carolina Maria de Jesus não deixou de relatar os abusos sexuais cometidos pelos patrões e as diversas violências praticadas por seus filhos contra os filhos das mulheres que trabalhavam em suas casas. O corpo da mulher negra, fetichizado, era o lugar onde os sinhôs exerciam suas taras. Os abusos sexuais, rotineiros durante a escravidão, não cessaram quando as mulheres negras foram libertadas e continuaram acontecendo, testemunhando a manutenção das relações de poder (DAVIS, 2016).

Se o filho do patrão espancasse o filho da cozinheira, ela não podia reclamar para não perder o emprego. Mas se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha! O filho da patroa a utilizaria para o seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira, e outros porqueiras que vieram do além-mar. (JESUS, 1986, p. 34).

A escola é um tema recorrente nos escritos de Carolina Maria de Jesus. Se no começo da sua infância se mostrava reticente à aprendizagem formal, aos poucos foi tomando gosto e se apaixonando pelas palavras lidas e escritas. No entanto, ser negra e frequentar a escola não era tarefa fácil. Eram poucas as alunas negras nas salas de aula, pois era muito duro para as que tentavam ingressar e lá permanecer. “No ano de 1925,

as escolas admitiam as alunas negras. Mas, quando as alunas negras voltavam das escolas, estavam chorando. Dizendo que não queriam voltar à escola porque os brancos falavam que os negros eram fedidos” (JESUS, 1986, p. 38).

Insultados não só pelos alunos, mas também pelos professores, os alunos negros não passavam de ano. Carolina Maria de Jesus reproduziu a fala de uma das professoras, em uma circunstância em que a mãe de um aluno foi à escola em protesto pela injusta reprovação de seu filho: “-Os abolicionistas, vejam o que fizeram! Essa gente agora pensa que pode falar de igual para igual. Eu, na época da abolição, tinha mandado toda essa gente repugnante de volta para a África” (1986, p. 39).

Assim como Carolina Maria de Jesus, a experiência de Virgínia Bicudo com o ingresso na escola foi marcada pelo racismo. Em uma entrevista à Ana Verônica Mautner e Luiz Meyer, em outubro de 1998, Bicudo relatou:

Eu fui criada fechada em casa, quando eu saí foi para ir à escola e foi quando pela primeira vez, na escola, a criançada começou: negrinha, negrinha. Quando eu estava dentro de casa eu nunca tinha ouvido. Então eu levei um susto. Saí de casa para a rua e a criançada que era colega de escola, tal, só batia palmas com: negrinha, negrinha, negrinha. Eu me fechava em casa, voltava para dentro, um susto né? (MORETZSOHN, 2013, p. 9)

Nesse ponto, observamos a vivência de Carolina de Jesus sendo semelhante à de Bicudo. “Amanhã, eu não volto aqui. Eu não preciso aprender a ler. É que eu estava revoltada com os colegas de classe por terem dito quando eu entrei: -Que negrinha feia!” (JESUS, 1986, p. 122). “Negrinha”, algo novo para as duas, com uma representação pejorativa, que assustava e provocava revolta. Se em casa a cor da pele não era uma questão, na rua o significado de ser negra ganhou outra proporção.

Carolina Maria de Jesus também comentou sobre a imigração italiana. Simpática aos novos habitantes do Brasil, contou como os italianos arrendavam as terras dos fazendeiros para as suas plantações. Eram os negros que trabalhavam nas lavouras com eles e, segundo a escritora, ambos eram empáticos e desfrutavam de mútua cooperação. “Que alívio para os negros! Trabalhando para os italianos, eles ganhariam um mil-réis por dia.”; “Para os italianos, não faltavam os camaradas, porque eles eram educados e carinhosos com os negros” (1986, p. 40). Diferentemente dos brasileiros brancos, nos relatos de Bitita os italianos não demonstravam hostilidade e preconceito

em relação aos negros. Podemos observar o exemplo do casamento da mãe de Virgínia Bicudo, branca e de origem italiana, com seu pai, negro e brasileiro.

O livro *Quarto de despejo* (2014) é sobre o cotidiano de Carolina Maria de Jesus já adulta, vivendo em São Paulo. Apesar de todas as privações que a sua vida árdua lhe impôs, sentia orgulho de ser preta.

"... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

- É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta." (JESUS, 2014, p. 64).

O psicanalista Fábio Belo (2018), analisando a fala acima, afirmou que podemos tomar o cabelo como uma metáfora ambivalente. Por mais que Carolina de Jesus sustentasse o desejo de ser negra, já que afirmou que “quero voltar sempre preta”, há a ideia de que a obediência é algo que faz parte do fenótipo negro, que se encontra entre as características das pessoas negras.

Era dura a realidade em São Paulo para uma mulher negra como Carolina de Jesus. A fome, descrita por ela como sendo da cor amarela, é sempre presente. "E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual - a fome!" (2014, p. 32). A privação era tão implacável que sua filha, Vera Eunice, lhe fez o seguinte pedido: "- Mamãe, vende eu para a Dona Julita, porque lá tem comida gostosa" (2014, p. 42). Apesar do seu orgulho por ser uma mulher negra, há ainda presente em seu discurso uma associação às dificuldades enfrentadas na vida, vinculada à sua cor. "Quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo o que nos rodeia" (2014, p. 43).

Certamente a São Paulo de Virgínia Bicudo era muito diferente da de Carolina de Jesus. Habitando a periferia, Jesus descreveu a cidade da seguinte forma: "... Eu classifico São Paulo assim: O Palacio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos" (2014, p. 32). Circulando pela periferia e pela parte central todos os dias em busca de papel para vender, o seu testemunho não poderia carecer de precisão. “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de

viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo" (JESUS, 2014, p. 37).

As trajetórias de Carolina Maria de Jesus e de Virgínia Bicudo romperam com o paradigma imposto às mulheres negras no começo do século XX. Segundo Lélia Gonzalez (1984), de maneira singular o mito da democracia racial exerce uma violência simbólica sobre a mulher negra. Dentro das especificidades brasileiras, é apenas no carnaval que a mulher negra pode ocupar um lugar diferente. Somente nessa época do ano é endeusada, convertida em rainha. Nos outros meses, seu lugar é o extremo oposto. "Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica" (GONZALEZ, 1984, p. 228).

A respeito dos supostos lugares esperados para as mulheres negras, Isildinha Baptista Nogueira (1998) relatou o estranhamento de uma paciente diante de sua pele negra. "Você me desculpe pelo outro dia, não pude deixar de me impressionar, você era negra" (NOGUEIRA, 1998, p. 120). A paciente não esperava encontrar uma analista negra, já que, no seu imaginário, a função de analista era atribuída aos brancos. Diante disso, Nogueira demarcou: "No setting, a anulação da presença do meu corpo negro nunca acontece, ao contrário do que ocorre fora do setting" (1998, p. 120).

As consequências da violência simbólica do racismo produzem na realidade a concretude que reforça as desigualdades sociais. Não à toa, a obra de uma escritora do porte de Carolina Maria de Jesus, e as contribuições de uma psicanalista com uma trajetória tão importante quanto Virgínia Bicudo, ficaram por tanto tempo apagadas. A pequena repercussão de suas figuras históricas é inadequada à relevância e à magnitude de seus feitos.

### **2.3 A eugenia**

Com o objetivo de analisar algumas das particularidades que atravessavam o tempo de Virgínia Bicudo, considero importante trazer alguns aspectos da eugenia, presentes na implementação de políticas públicas e educacionais.

O conceito de eugenia foi criado no século XIX pelo inglês Francis Galton. Galton acreditava em um "melhoramento da raça humana" por meio dos estudos da

hereditariedade, em que se afirmava que a capacidade intelectual humana era transmitida por gerações. A teoria da seleção natural também se aplicaria aos humanos e não haveria transmissão apenas de características fenotípicas, como a cor dos olhos, mas também de aspectos de ordem comportamental. Havia um ideal político presente nas teorias eugênicas, cujo objetivo era a intervenção na reprodução das populações. O termo “eugenia” diz respeito a uma boa geração (SCHWARCZ, 1993).

Herdeiro das leituras Darwinistas, como *A origem das espécies*, o primeiro ensaio de Galton sobre a hereditariedade humana data de 1865. Já em 1869, publicou o texto considerado como o fundador da eugenia, *Hereditary genius*. Creditando à hereditariedade toda a capacidade humana, Galton deslocou da educação a possibilidade de interferir sobre o desenvolvimento humano. Assim, haveria um aprimoramento das populações com a proibição de casamentos interracialis e de outros grupos sociais considerados como inferiores (SCHWARCZ, 1993).

Havia também uma crença no determinismo de acordo com a hereditariedade. De acordo com os pressupostos eugênicos, os pobres, considerados como inferiores, tinham seus destinos selados, pois haviam sido designados à pobreza desde o nascimento. Presumindo a existência de raças, a eugenia dividia os seres humanos em tipos considerados como superiores e inferiores. Aos primeiros, o casamento e a procriação seriam estimulados, enquanto aos últimos haveria uma proibição, para que não reproduzissem a sua inferioridade, contribuindo, assim, ao ideal eugênico de melhoramento da raça, que seria efetivado por intermédio de políticas públicas (MACIEL, 1999).

Não se pode deixar de mencionar o conde Gobineau, que, em 1853, escreveu *Essai sur l'inégalité des races humaines*, na qual a ideia de degeneração da raça foi introduzida. A degeneração seria o resultado da mistura entre as raças, o que levaria à deterioração física e intelectual de todos os humanos. Para Gobineau, o progresso para algumas sociedades não poderia acontecer, na medida em que estas eram constituídas por raças mestiças, consideradas inferiores, e que não seriam civilizáveis (SCHWARCZ, 1993). Gobineau veio ao Brasil em 1869, em uma missão diplomática. A sua chegada à Bahia foi marcada pelo seu assombro, posto que jamais havia se deparado com uma população negra tão grande. A sociedade brasileira, para ele, não tinha futuro algum, por ser miscigenada e composta por raças consideradas inferiores. Contrariado por ter sido enviado ao Brasil, o que não era a sua vontade, ficou

descontente com o que viu e foi embora dois anos depois, não sem antes influenciar com as suas ideias racistas o processo republicano brasileiro (MAIA; ZAMORA, 2018).

## **2.4 A eugenia no Brasil**

No Brasil, a eugenia tomou forma de um movimento, em que a elite intelectual do país a tratou como solução necessária para que houvesse o desenvolvimento pretendido. Negros, asiáticos e os considerados como deficientes não deveriam casar e ter filhos. Apenas os brancos descendentes de europeus, considerados como superiores, deveriam habitar o país e, assim, acabar com o atraso, trazendo o progresso. Cada vez mais branca, a imigração de europeus brancos faria com que a população brasileira não fosse mais composta pelas raças vistas como inferiores.

O I Congresso Brasileiro de Eugenia aconteceu em 1929, cujos ideais eugênicos foram discutidos entre pensadores e intelectuais visando à sua propagação, incluindo ideias relativas à imigração. O Congresso aconteceu no Rio de Janeiro, que na época era o Distrito Federal, tendo como presidente Roquette-Pinto e como secretário-geral Renato Kehl. As discussões seriam fundamentais para propor medidas ao Congresso Brasileiro, como a de número 10, em que se aconselhava a exclusão de todas as correntes imigratórias que não fossem da raça branca (MACIEL, 1999).

Renato Kehl, um dos principais divulgadores das ideias eugênicas no Brasil, via na mestiçagem a degeneração do povo brasileiro, tendo como saída o branqueamento da população. A melhoria racial poderia triunfar se aqui houvesse políticas públicas que facilitassem o predomínio da raça branca. Kehl atuou não só como propagandista das teorias eugênicas, mas contribuiu enormemente para a sua implementação no Brasil, fundando a Sociedade Eugênica de São Paulo em 1918, o Boletim de Eugenia em 1929 e a Comissão Brasileira de Eugenia em 1931 (SCHWARCZ, 1993; MACIEL, 1999).

Algo que também chama atenção no Brasil é que nas Constituições de 1934 e de 1937 há a presença de vários artigos em defesa dos ideais eugênicos. O artigo 138 da Constituição de 1934 é representativo, na medida em que determina que a União, os Estados e os Municípios deveriam estimular a educação eugênica. Essa, voltada aos jovens em idade escolar, serviria como forma de conscientização sobre os fundamentos dos ideais eugênicos, evitando o matrimônio entre pessoas de diferentes classes sociais e/ou raças, estimulando, deste modo, o melhoramento racial. Sua ênfase caía sobre a

população que, miscigenada, não deveria se unir maritalmente com os brancos das classes mais elevadas (ROCHA, 2014).

Mesmo sendo questionada enquanto ciência, a eugenia continuou servindo de justificativa para diversas práticas discriminatórias e racistas. Na Europa, as atrocidades nazistas se serviram dos ideais eugênicos para promover o Holocausto. No Brasil, os ideais racistas propagados por aqueles que defendiam a eugenia circulavam no século XX, influenciando não somente as políticas imigratórias de branqueamento da população, mas também as próprias políticas internas, uma vez que também repercutiram na educação escolar. A eugenia certamente contribuiu para embasar a estrutura racista que ainda hoje é entranhada na sociedade brasileira.

Encontrei apenas um elo explícito entre as teorias baseadas na eugenia e a história de Virgínia Bicudo. Após a defesa da sua dissertação, Bicudo atuou como assistente de Durval Marcondes nas disciplinas de Higiene Mental e Psicanálise na Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo. É na ementa do curso de Higiene Mental, de 1945, que se nota a presença de um tópico ligado à eugenia. "Profilaxia dos fatores de desajustamento psíquico. Herança e ambiente. Medidas eugênicas e suas limitações práticas" (GOMES, 2013, p. 58). Aqui, a eugenia é vinculada à prevenção das doenças mentais e não aparenta possuir ligação direta com os aspectos raciais.

No entanto, apesar de não ser explícito, não significava que as ideias e medidas eugênicas não influenciavam as instituições em que Virgínia Bicudo trabalhou. Como afirmou Lélia Gonzalez, há no Brasil a denegação do racismo, algo que já não mais recalcado, continua sendo negado. Isto é, "o racismo "à brasileira se volta justamente contra aqueles que são o testemunho vivo da mesma (os negros), ao mesmo tempo que diz não o fazer ("democracia racial" brasileira)" (1988, p. 69).

## 2.5 Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo – Considerações sobre a dissertação de Virgínia Bicudo

**Imagem 5** – Formandos do bacharelado em Sociologia e Política da ELSP



Fonte: CEDOC/FEPPSP (MAIO, 2010b). 1938

Apresentada em 1945 na divisão de estudos de Pós-Graduação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, “Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo” foi uma dissertação pioneira no estudo de relações raciais no Brasil. Orientada pelo sociólogo Donald Pierson, expoente da Escola de Chicago, foi desenvolvida entre os anos 1941 e 1944 e defendida em 1945. A pesquisa tem como base entrevistas, estudos de caso, análises de atitudes e documentos do movimento Frente Negra Brasileira (FNB) e opiniões emitidas no jornal *A Voz da Raça*. A dissertação fez parte de um conjunto de pesquisas da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo que refletiram sobre as relações raciais no Brasil.

Na introdução da sua dissertação, Bicudo aponta como sendo o seu objetivo conhecer as atitudes de pretos e mulatos em relação à questão racial. Algumas de suas referências são os trabalhos de Donald Pierson, *Negroes in Brasil* (1942), e de Everett V. Stonequist, *The marginal man* (1937). O principal intuito das entrevistas era conhecer as atitudes dos entrevistados em relação à “raça”. Virgínia Bicudo se manteve

atenta às possíveis repercussões de um entrevistador negro ou branco e se manifestou sobre a condição do entrevistador:

Quanto ao primeiro, procuramos estar conscientes dos motivos pessoais que nos conduziram à pesquisa, bem como conhecer nossas atitudes sobre o problema em estudo para o desenvolvimento de autocontrole e autocrítica e, assim, evitar interferir na entrevista e na interpretação do material colhido com possível projeção de condições pessoais. (BICUDO, 1945/2010a, p. 64)

Para o estudo desta dissertação, é necessário compreender o significado de atitude proposto pela autora, que a define da seguinte forma:

A atitude é um elemento da personalidade adequado para o estudo de relações raciais. Sendo a atitude determinada pela natureza original do homem e pelas condições sociais em que vive, é necessário distinguir entre atitudes individuais e atitudes sociais. As atitudes sociais expressam o aspecto subjetivo da cultura e conduzem ao conhecimento das condições sociais que concorreram para sua formação. (BICUDO, 1945/2010a, p. 63)

Foram mais de trinta entrevistados, dos quais onze eram da Clínica de Orientação infantil da Seção de Higiene Mental Escolar em São Paulo. As entrevistas foram feitas com as famílias que frequentavam a instituição. As pessoas de cor (termo usado por Virgínia Bicudo que se reporta aos sujeitos não brancos) de classes intermediárias foram encontradas por meio de apresentações. Segundo Bicudo, “Todas as entrevistas tiveram por finalidade conhecer as atitudes do indivíduo de cor referente ao preto, ao mulato e ao branco” (1945/2010a, p. 66). Os dados coletados nas entrevistas foram divididos em dois grupos: um de pretos, outro de mulatos. Os dois grupos foram divididos em dois subgrupos conforme a classe social: inferior (renda familiar de até Cr.\$500,00) e intermediária (renda familiar acima de Cr.\$500,00). Os termos “pessoas de cor”, “classe inferior” e “intermediária” são utilizados por Virgínia Bicudo em todo o trabalho.

As atribuições conferidas ao termo mulato não tinham cunho pejorativo à época em que Virgínia Bicudo escreveu sua dissertação. O termo era usado para indicar pessoas cujos pais eram negros e brancos, ou pardos e brancos, ou ambos pardos. Na atualidade, sabemos que, etimologicamente, a palavra, de origem espanhola, significa mula, animal fruto de cruzamento entre cavalos e jumentos. Diante disso, para Djamila

Ribeiro (2018), o termo mulato não deve mais ser utilizado já que “trata-se de uma palavra pejorativa para indicar mestiçagem, impureza, mistura imprópria, que não deveria existir. Empregado desde o período colonial, o termo era usado para designar negros de pele mais clara, frutos do estupro de escravas pelos senhores de engenho” (p. 99). De acordo com Clóvis Moura (1988), o sistema de classificação de consciência de cor vigente no Brasil foi imposto durante a colonização pelos portugueses. A categoria “mulato” funciona “como dobradiça amortecedora dessa consciência”, pelo fato dos mulatos serem mais claros do que os negros, os primeiros se considerariam superiores aos segundos, já que assimilariam a ideologia étnica dos colonizadores, servindo então “de anteparo contra essa tomada de consciência geral do segmento explorado/discriminado” (p. 70). Apesar de todas as ressalvas quanto ao uso desse termo, o manteve, pois não seria possível operar sem as categorias empregadas por Virgínia Bicudo durante a dissertação. Quanto aos entrevistados negros, Bicudo não faz distinção entre nomear seus entrevistados de negros ou pretos, sendo mais comum, ao longo do seu trabalho, o uso do termo preto.

Alguns critérios foram utilizados para classificar os entrevistados. Para a categoria “pretos”: “indivíduos de cor preta e cabelos encarapinhados, cujos pais apresentassem os mesmos traços físicos” (BICUDO, 1945/2010a, p. 67). Já para os entrevistados designados como “mulatos”, os seguintes critérios foram utilizados: “mulatos chamamos aos de cor parda, possuindo um dos genitores preto e outro branco, ou um pardo e outro branco ou ambos os genitores pardos” 1945/2010a, p. 67).

A categoria “mulato” não é fixa e a autodesignação varia de acordo com o *status* social. Enquanto alguns entrevistados se consideravam brancos, outros se identificavam como pretos, a depender da classe em que se encontravam. A classificação social foi feita de acordo com a condição econômica, profissional e o nível de instrução.

Os primeiros casos analisados são de pessoas negras de classe social inferior. São sete casos, sendo seis mulheres e um homem. Após analisar as entrevistas, Virgínia Bicudo expõe a hipótese de que as atitudes dos entrevistados dessa categoria (pretos, de classe inferior) estão baseadas em sentimentos de inferioridade, tanto em relação aos brancos quanto aos pretos, e tem, como resultado o sentimento de antagonismo contra os pretos e de simpatia para com os brancos. A falta de solidariedade dos negros com outros negros e de simpatia com os brancos tornaria os negros mais tolerantes com os

brancos, fazendo com que esses manifestassem menos atitudes de antagonismo em relação aos negros.

Nos casos dos negros das classes sociais intermediárias, Bicudo observou que as atitudes relacionadas à cor são muito mais evidentes do que os de classe inferior. Acentuou a intensa sensibilidade em relação à cor, além de maior ressentimento por não verem possibilidade de serem assimilados pelos brancos. Pelo contrário, as situações descritas pelos entrevistados mostravam enorme rejeição por parte dos brancos. Segundo Virgínia Bicudo: “O negro, portanto, oculta seus sentimentos do branco como defesa, desenvolvendo atitudes de submissão, amabilidade, humorismo, etc...” (1945/2010a, p. 96).

Nos treze casos analisados, o contato íntimo dos negros com os brancos mostrou que a convivência teve como consequência para os primeiros a incorporação de ideias e atitudes dos brancos em relação aos pretos. “Em virtude dos contatos primários da infância e do mecanismo psíquico da identificação, o preto introjeta as ideias do branco e passa então a ver os pretos do ponto de vista do branco, desprezando-os” (BICUDO, 1945/2010a, p. 97). Já em contato com a psicanálise, a então socióloga não usa o conceito psicanalítico Ideal do eu cunhado por Freud e trabalhado posteriormente por Neusa Santos Souza em 1983. Mas, evidentemente, a ele se refere, pois, segundo Bicudo:

Com mentalidade formada pelo branco, o preto desenvolve o autoideal de branco, que não se expressa abertamente no desejo de ser branco. O preto luta para anular o sentimento de inferioridade desenvolvido em face das atitudes de restrições do branco. Empenha-se então em conseguir características de status superior, através do casamento, do exercício de profissões liberais, do cultivo intelectual e da “boa aparência”. (1945/2010a, p. 97)

Em 1983, Neusa Santos Souza escreveu *Tornar-se Negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*. Sua dissertação de mestrado, assim como a de Virgínia Bicudo, trouxe depoimentos de pessoas negras, sendo analisados por uma pesquisadora também negra. De acordo com Souza (1983), seu trabalho era feito a partir do “discurso do negro sobre o negro” (p. 17). Sua dissertação trata das vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social, narrando as diversas violências psíquicas que negros vivenciam durante toda a sua existência e a forma como obrigatoriamente internalizam um Ideal do eu branco.

Souza (1983) inicia o seu trabalho constatando que o negro que ascende socialmente paga um preço alto, que é o massacre da sua identidade. Ele toma o branco como modelo, já que essa é a única possibilidade de “tornar-se gente” (p. 18) e ascender socialmente. A ascensão do negro no Brasil não se dá sem entraves, pois há uma manutenção dos lugares ocupados pelos negros e brancos dentro de uma estrutura social racista. Para Souza, “foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco – ainda que tendo que deixar de ser negro – que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente” (SOUZA, 1983, p. 21).

Para se afirmar ou para se negar, o negro teria de tomar o branco como referência, pois tudo aquilo associado ao negro seria associado a algo pejorativo. De acordo com Souza:

O sujo está associado ao negro: à cor, ao homem e à mulher negros. A linguagem gestual, oral e escrita institucionaliza o sentido depreciativo do significante negro: o “Aurélio”, por exemplo – para citar apenas um dos nossos mais conceituados dicionários – vincula ao verbete NEGRO os atributos sujo, sujeira, entre dez outros de caráter pejorativo. (1983, p. 29)

A estética branca, estabelecida como referência de beleza, foi definida como padrão nos países colonizados. No Brasil, devido a todo o processo de colonização e internalização de valores racistas, o negro passou a ser o “outro” do branco. Seu cabelo, pele, lábios e nariz são aviltados e desprezados. O ideal imposto às pessoas negras passa a ser o oposto da sua constituição biológica. “Sob quaisquer nuances, em qualquer circunstância, branco é o modelo a ser escolhido” (SOUZA, 1983, p. 34). Na família, nas ruas, na escola e no trabalho, perpetua-se e reforça-se esse ideal de brancura inalcançável.

Outra alternativa para se aproximar desse ideal de brancura é quanto à escolha do objeto amoroso. “Um objeto que, por suas características, possa ser o substituto do Ideal irrealizável” (SOUZA, 1983, p. 43). Um parceiro branco pode ser escolhido para que, então, um sujeito negro possa realizar esse ideal. Não só como demonstração de *status*, ter um/a parceiro/a branco/a constitui também uma possibilidade de embranquecimento da família, numa prole cada vez mais branca. O casamento de um negro com um branco endossa esse ideal de branqueamento, o que foi observado nas entrevistas analisadas por Virgínia Bicudo.

Assim, na pesquisa de Bicudo, observa-se que os entrevistados negros que conviviam com familiares brancos detinham uma consciência de cor mais acentuada. O sentimento de inferioridade também é grande, assim como o esforço de fazer parte de um mundo branco que os excluía constantemente. Para Bicudo, “O preto que sentia dele se exigirem maiores esforços para cursar escolas superiores ou obter um “bom” emprego novamente se traumatiza com as restrições que sofre na esfera social do branco” (1945/2010a, p. 101). Como mostraram os relatos, ter um bom emprego ou diploma não dava garantias de que os entrevistados negros não viriam a sofrer preconceitos, discriminações ou passar por diversas restrições à sua ascensão social.

Nos casos analisados de mulatos de classe social inferior, Virgínia Bicudo concluiu que a consciência de cor é mais acentuada do que nas pessoas negras do mesmo extrato social. O temor dos entrevistados mulatos de serem confundidos como negros é evidente ao longo das entrevistas. A identificação com brancos é ainda maior, já que os mulatos, por possuírem traços físicos tanto de brancos como de negros, teriam mais facilidades de se aproximarem dos brancos do que os negros. Observa-se, inclusive, que, enquanto alguns mulatos se casam com negros para evitar sofrimentos oriundos do preconceito de cor que poderiam ter caso se casassem com parceiros brancos, outros preferem casar-se com brancos para não serem desprezados por parceiros negros.

Os mulatos das classes intermediárias apresentaram nas entrevistas relatos muito sensíveis quanto à própria cor. Além de manifestações de vergonha em relação à sua origem, preconceito racial e sentimento de inferioridade, de acordo com Virgínia Bicudo, os mulatos: “Possuem intenso desejo de passar por brancos, chegando a se verem brancos...” (1945/2010a, p. 120) e “Esforçam-se no sentido de escapar da categoria de preto ou mesmo mulato, evitando a companhia daqueles e se aproximando do branco” (1945/2010a, p. 120).

O que Virgínia Bicudo concluiu quanto ao último grupo entrevistado, os mulatos de classes intermediárias, foi que a preocupação quanto à aparência é enorme, refletindo-se em pensamentos obsessivos. Bicudo supõe ser a cor um obstáculo para a ascensão social, o que não era uma hipótese na época. Segundo Marcos Maio (2010a), “Os Achados sociológicos de sua dissertação de mestrado contrapõem-se às visões tradicionais acerca da existência de harmonia racial na sociedade brasileira calcada no pressuposto de que o preconceito de cor estaria subsumido ao de classe” (p. 24).

Para Gomes (2013), Virgínia Bicudo comete o parricídio. Com a sua pesquisa para a dissertação, Bicudo se contrapõe ao seu orientador ao perceber que a ascensão social para os negros não seria suficiente para acabar com o preconceito de cor, o que vai na contramão do que se acreditava à época, de que não havia preconceito racial no Brasil. O orientador de Bicudo, Donald Pierson, foi um dos intelectuais que mais difundiram a ideia de que, no Brasil, o principal preconceito era o de classe.

As restrições dos brancos aos mulatos também é evidente nos casos analisados, assim como a discriminação racial que esses sofrem. “À medida que o indivíduo “branqueia” na cor e na personalidade, encontra maior aceitação social” (BICUDO, 1945/2010a, p. 122). Para uma maior aceitação e assimilação dos mulatos aos brancos “é suficiente que os traços raciais sejam atenuados e que o indivíduo apresente valores da classe dominante para ser integrado entre os brancos” (BICUDO, 1945/2010a, p. 122). Donald Pierson considerava que os obstáculos impostos aos negros e mulatos na Bahia poderiam ser superados caso tivessem outros atributos, como inteligência, educação e riqueza. Para Pierson (1942), a cor estaria subordinada à classe e poderia ser ultrapassada, o que não foi observado por Virgínia Bicudo em São Paulo. Para Bicudo, a cor importava tanto quanto a classe social em que se encontrava o sujeito, sendo a consciência de cor dos mulatos, mesmo quando integrados aos grupos dominantes, uma manifestação disso. Segundo Maio (2010a), a pesquisa de Virgínia Bicudo “Evidencia a persistência do preconceito de cor mesmo quando se atenua as diferenças sociais” (p. 24).

Para manter o sigilo, dado o contexto autoritário da época, Virgínia Bicudo chamou a organização paulista Frente Negra Brasileira de “Associação de Negros Brasileiros” e seu jornal *A voz da Raça* de “Os descendentes de Palmares”. A última parte da dissertação de Bicudo se detém no exame de entrevistas e documentos da FNB e de opiniões publicadas no jornal *A Voz da Raça*.

A Frente Negra Brasileira, movimento fundado em 1931, reivindicava direitos e justiça social para os negros e denunciava a posição de inferioridade por eles vivida devido às discriminações raciais. Os objetivos de unir negros para lutar pela ascensão social foram elencados por Bicudo:

- 1) desenvolver a consciência do grupo, ligada a atitudes de antagonismo contra o branco; 2) desenvolver a consciência do grupo; pela divulgação da instrução, combater o negro decaído e antagonista do próprio negro e evitar a atitude de antagonismo contra o branco; 3) conseguir a aceitação do grupo

dominante pelos valores profissional e educacional pela força política. (1945/2010a, p. 137)

Ao discutir a formação de associações negras em São Paulo em 1945, Virgínia Bicudo pesquisou sobre uma associação em que as pessoas se uniam para desenvolver uma consciência grupal através da educação, na luta por demover obstáculos para a ascensão social dos negros. Ao perceber que a ascensão social não era suficiente para que não existisse preconceitos baseados na cor, constatou que as pessoas negras criavam consciência de cor, fazendo com que se organizassem politicamente (GOMES, 2013).

Em relato de um dos dirigentes da “Associação de Negros Brasileiros”, encontramos a crítica contundente feita pelo dirigente, a partir de um manifesto feito para negros:

- Diz o manifesto em um dos tópicos: “Gozamos teoricamente de todos os direitos, que juridicamente nos garante a própria Constituição.” Mas... por forças da sociedade, que estão inapelavelmente acima da lei ou contra ela, evitam-nos e até nos expulsam das suas instituições burocráticas, de utilidade político-social, de ensino e de formação intelectual, moral e religiosa; abominam-nos nos orfanatos hospitalares e demais casos de assistência social, e até nas casas de expressões econômicas em que, com eficiência de capacidade e competência poderíamos ganhar o pão de brasileiros e humanos. Não há, para nós, justiça social. Em situações de direitos, quando apelamos para que no-la garanta, já estamos antecipadamente derrotados na demanda. Relegam-nos, pois, a nós, brasileiros, a uma posição horrível de inferioridade de desprestígio perante o nacional branco e, o que mais revolta, perante o estrangeiro. (BICUDO, 1945/2010a, p. 125)

A associação tinha vários objetivos, tendo “em primeiro plano, à conquista de melhores condições econômicas” (1945/2010a, p. 127). A educação constava também como um dos objetivos primordiais, seguida da distribuição de terras, criação de cooperativas, instrução militar, criação de hospitais e creches, criação de bibliotecas, entres outros, que visavam não apenas à ascensão econômica. Os dirigentes do grupo, por intermédio da associação “Procuravam conseguir melhores condições econômicas e físicas, mas visavam também à elevação do nível intelectual e moral do negro, cuidando da instrução, da educação e do desenvolvimento da consciência de cor” (BICUDO, 1945/2010a, p. 129).

Quanto à análise das atitudes dos negros examinadas no periódico *A Voz da Raça*, Virgínia Bicudo se deteve nos dois últimos anos da publicação do jornal, da 50<sup>a</sup>

até a 70ª edição, entre os anos 1935 e 1937, de artigos escritos por negros e mulatos. Para ela, as atitudes em relação à cor de negros e mulatos, observadas tanto nos depoimentos da FNB quanto nos artigos do jornal, fundamentam sua hipótese de discriminação de cor do branco para o negro. De modo geral, as suas observações também mostraram que os mulatos de classes intermediárias não faziam parte de coletividades negras, somente os de classe social mais baixa a elas se integravam, sendo, então considerados como pretos.

Em suas observações finais, Bicudo faz considerações sobre a situação do negro que, buscando na convivência com brancos a possibilidade de autoafirmação, se isola de outros negros; sobre como as atitudes de pretos e mulatos refletem as atitudes dos brancos; como a luta dos negros se orientava no sentido de serem aceitos pelo grupo dominante; e de como a luta dos negros é direcionada para eliminar seus sentimentos de inferioridade, fazendo com que haja introjeção de atitudes do branco.

Entre os mulatos de classe inferior, a consciência de cor é mais evidente do que entre os negros de mesma classe. Embora aceitos tanto entre negros quanto entre brancos, de acordo com as entrevistas, quando buscam um parceiro negro é pelo temor de uma possível rejeição da parte dos brancos. Entre os mulatos de classe intermediária, Virgínia Bicudo conclui que esses sentiam “necessidade de defesa de sua inclusão entre os pretos”, refletindo na escolha amorosa por cônjuges brancos ou mais claros, para assim integrar-se mais facilmente entre o grupo dominante, tendo como resultado uma “hipersensibilidade ligada à consciência de cor e ao sentimento de inferioridade” (1945/2010a, p. 159).

Bicudo constatou que as restrições impostas pela barreira da cor não proporcionam aos negros as mesmas possibilidades de *status* social que aos brancos, mesmo quando ascendem socialmente. Já aos mulatos haveria maior possibilidade de inclusão, embora continuem vivenciando conflitos emocionais em relação à cor. De acordo com Bicudo:

Através dos entrevistados, observamos que o preto e o mulato tem concepção desfavorável de si mesmos, como reflexo da concepção do branco para eles, dada a influência dos contatos primários, principalmente da infância. Consideram-se inferiores, feios e se sentem envergonhados por sua origem. Quanto mais subimos nas classes sociais, tanto mais aumenta a consciência de cor e tanto maior o esforço despendido para compensar o sentimento de inferioridade. (1945/2010a, p. 159)

É possível imaginar que a dissertação de Virgínia Bicudo tenha provocado repercussões em seu meio. Ter conclusões discordantes das de seu orientador, um renomado sociólogo de Chicago, não deve ter sido fácil. Para Bicudo, em São Paulo, diferentemente da Bahia, os negros teriam maior dificuldade de ascender por méritos pessoais, já que encontrariam maior resistência por serem negros. De acordo com Gomes:

Se Pierson acreditava que o negro que experimentava ascensão social na Bahia era assimilado pelas classes superiores, Bicudo mostrava o contrário. Seria a impossibilidade de assimilação que despertaria no negro a consciência racial e faria com que ele se unisse em associações. (2013, p. 105)

Virgínia Bicudo demonstrou, através das suas observações, que a ascensão social faz com que negros e mulatos adquiram consciência racial. Ao ascender e não serem incorporados pelos brancos, negros e mulatos se deparam com diversas discriminações em relação à sua cor, que aumentam à medida em que ascendem. Quanto à ideia de que a educação serviria para dissolver o abismo provocado pela discriminação baseada na cor, Gomes (2013) complementa: “Neste trabalho, Bicudo sinaliza também para os efeitos da escolarização superior entre os negros, negando a suposição de que a ascensão social via escolarização seria suficiente para a eliminação do preconceito” (p. 106).

A dissertação de Virgínia Bicudo fez parte do início de uma série de pesquisas que começaram a questionar a existência de uma harmonia racial no Brasil. Depois da sua dissertação, Bicudo fará parte de uma grande pesquisa realizada por um projeto da Unesco em parceria com a editora Anhembi. Esse será seu último trabalho focado na temática racial, que não pode e não deve passar despercebido.

## **2.6 Notas sobre o trabalho de Virgínia Bicudo para o projeto Unesco**

No começo dos anos de 1950, o departamento da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura patrocinou uma grande pesquisa no Brasil

sobre as relações raciais. Com o intuito de compreender como se davam a integração e a interação entre diferentes grupos raciais no Brasil, interpretadas como sendo bem-sucedidas, o estudo tinha como finalidade usar o exemplo brasileiro para outros países que viviam conflitos étnicos e raciais, como África do Sul e Estados Unidos (CAMPOS, 2016).

Até então se acreditava que no Brasil existia uma democracia racial. Com o objetivo de ampliar o que era interpretado como uma particularidade brasileira, a suposta harmonia racial, a pesquisa tinha o objetivo de “oferecer ao mundo uma nova consciência política, que primasse pela harmonia entre as raças” (MAIO, 1999, p. 143).

Apesar da crença na democracia racial que existia não só entre os leigos, mas também entre os intelectuais da época, a pesquisa feita pela UNESCO entre os anos 1951 e 1952, demonstrou a existência de preconceito baseado na cor e na discriminação racial. De acordo com Maio:

Na esperança de encontrar a chave para a superação das mazelas raciais vividas em diversos contextos internacionais, a agência intergovernamental teria acabado por se ver diante de um conjunto de dados sistematizados sobre a existência de preconceito e da discriminação racial no Brasil. (1999, p. 151)

O trabalho – intitulado *RELAÇÕES RACIAIS ENTRE NEGROS E BRANCOS EM SÃO PAULO*, Ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo, patrocinado pela Unesco em parceria com a editora Anhembi – teve Roger Bastide e Florestan Fernandes como organizadores. Composto de prefácio escrito por Paulo Duarte, uma introdução por Roger Bastide e demais capítulos escritos por Florestan Fernandes, Virgínia Leone Bicudo, Roger Bastide, Aniela Meyer Ginsberg e Oracy Nogueira, o trabalho foi organizado da seguinte forma:

Prefácio (Paulo Duarte).....	7
Introdução (Roger Bastide).....	11
Do escravo ao cidadão (Florestan Fernandes).....	16
Côr e Estrutura Social em Mudança (Florestan Fernandes).....	67
Manifestações do Preconceito de Côr (Roger Bastide).....	123
Efeito do Preconceito de Côr (Roger Bastide).....	159

A Luta contra o Preconceito de Côr (Florestan Fernandes).....	193
Atitudes dos Alunos dos Grupos Escolares em relação com a Côr dos seus Colegas (Virgínia Leone Bicudo).....	227
Pesquisas sôbre as Atitudes de um Grupos de Escolares de São Paulo em relação com as crianças de côr (Aniela Meyer Ginsberg) .....	311
Relações Raciais no Município de Itapetininga (Oracy Nogueira).....	362
Preconceito Racial de Marca e Preconceito Racial de Origem. Sugestão de um Quadro de Referência para a interpretação do Material sobre Relações Raciais no Brasil. (Oracy Nogueira).....	554

(BASTIDE; FERNANDES, 1955, p. 5)

Cabe comentar que as outras edições do estudo não incluíram os capítulos de Virgínia Bicudo, Aniela Ginsberg e Oracy Nogueira (CAMPOS, 2016; GOMES, 2013). Aqui o objetivo é de fazer uma reflexão sobre o capítulo escrito por Virgínia Bicudo, que, apesar de não constar nas edições posteriores, trouxe grandes contribuições para os estudos sobre relações raciais no Brasil.

“Atitudes dos Alunos dos Grupos Escolares em relação com a Cor dos seus Colegas” foi o último trabalho sobre a temática racial escrito por Bicudo. O estudo tinha o objetivo de evidenciar: “1) – os sentimentos e os mecanismos psíquicos de defesa manifestos nas atitudes relacionadas com a côr dos colegas; 2) – a influência das relações intrafamiliares no desenvolvimento daquelas atitudes” (BICUDO, 1955, p. 227).

Os participantes da pesquisa eram alunos do primeiro grau dos grupos escolares do município de São Paulo e 29 famílias desses alunos. As famílias eram tanto de classe operária quanto de classe intermediária. A pesquisa contou com o uso de método estatístico e estudos de caso. Para obter dados referentes aos sentimentos, estereótipos e às atitudes entre brancos, negros, mulatos e japoneses, foi aplicado um questionário a 4.520 escolares e feitas entrevistas com os pais de 29 desses alunos.

Os alunos, que tinham idade entre 9 e 15 anos, foram classificados segundo a aparência dos traços físicos entre brancos, mulatos<sup>9</sup>, negros e japoneses. “A composição da amostra, segundo a cor dos escolares, foi a seguinte: brancos – 86,32%; negros – 6,86%; japoneses – 3,93%; mulatos – 2,89%” (BICUDO, 1955, p. 228).

O questionário aplicado aos alunos tinha oito perguntas, listadas abaixo:

---

<sup>9</sup> Nesse trabalho (1955), Virgínia Bicudo continua empregando o termo mulato.

- 1- Perto de quem você gostaria de sentar-se?
- 2 - Por que você gostaria de sentar-se perto desse (ou dessa) colega?
- 3 – Dê o nome de outro (ou outra) colega perto de quem você gostaria de sentar-se.
- 4 – Por que você gostaria de sentar-se perto desse outro (ou dessa outra) colega?
- 5 – Perto de quem você não gostaria de sentar-se?
- 6 – Por que você não gostaria de sentar-se perto desse (ou dessa) colega?
- 7 – Dê o nome de outro (ou outra) colega perto de quem não gostaria de sentar-se.
- 8- Por que você não gostaria de sentar-se perto desse outro (ou dessa outra) colega? (BICUDO, 1955, p. 228)

As análises estatísticas foram feitas a partir do material coletado dos questionários, com o objetivo de verificar a relação entre a cor do que preferiu e a do que rejeitou com a cor do preferido e a do rejeitado. Bicudo constatou uma relação de dependência entre a cor do que prefere e a cor do preferido.

Embora a pesquisa tenha sido feita por Virgínia Bicudo, o questionário foi aplicado por Lygia do Amaral, que observou que os alunos demonstravam interesse em escolher os colegas preferidos, mas relutância e embaraço em escolher os rejeitados. As escolhas de colegas preferidos ficaram distribuídas da seguinte forma: “90,32% recaíram sobre brancos, 4,49% sobre negros, 3,51% sobre japoneses e 1,68% sobre mulatos, evidenciando-se uma preferência incontestável pelo branco” (BICUDO, 1955, p. 230).

Bicudo verificou que os alunos brancos foram os que mais escolheram colegas brancos (91,72%) e que a grande maioria dos escolares dos outros grupos (negros, mulatos e japoneses) também tiveram preferência por um colega branco. Os alunos japoneses foram os que apresentaram porcentagens mais altas de escolha de colega não branco (24,29%) e apenas 20,90% das suas escolhas recaíram sobre japoneses.

A sua conclusão quanto às preferências é de que houve uma predileção geral pelo branco, porcentagens muito baixas de escolhas por colegas negros, seguidos de japoneses e, por último, os mulatos. Já que nem todos os brancos escolheram outros brancos para sentar-se ao lado, pode-se supor que existem outras características, que não apenas as raciais, que levaram os alunos a fazerem escolhas diferenciadas.

Os grupos não brancos, com exceção dos mulatos, também apontaram colegas do seu próprio grupo racial como os favoritos para se sentar ao lado, o que mostra que os alunos se identificaram igualmente com seu próprio grupo, na medida em que se escolheram.

Quanto aos mulatos, a pesquisa evidenciou que as suas atitudes de preferência eram as mesmas que as dos brancos, já que escolheram primeiro os brancos, depois os negros e os mulatos – o que levou à constatação de que esses tinham maior identificação com os brancos do que com os outros grupos pesquisados. Foi o menos escolhido pelo seu próprio grupo e pelos outros. Virgínia Bicudo fez a seguinte análise: “Possivelmente o mulato foi o grupo menos escolhido por incorporar-se e ter sido incorporado aos grupos branco ou negro, ou, então, a menor porcentagem de escolha por ele obtida indica que ele foi o mais rejeitado” (1955, p. 231).

Virgínia Bicudo também analisou como a diferença dos sexos atuou dentro das preferências, observando uma possível relação de dependência entre a cor do que prefere e a do preferido dentro de cada sexo. As proporções das escolhas de preferências feitas segundo a cor, divididos por sexo, se deram desta forma: “sexo masculino: brancos 86,20%; negros 6,43%; japoneses 4,40%; mulatos 2,97%; sexo feminino: brancos 86,47%, negros 7,31%; japoneses 3,43%; mulatos 2,79%” (1955, p. 232).

Apesar de serem pequenas as diferenças de escolhas entre os meninos e as meninas, para Bicudo estas seriam “mais exclusivistas do que os meninos” (1955, p. 232), já que as suas preferências recaíram mais sobre os colegas brancos do que as escolhas feitas pelos rapazes. No entanto, ambos os sexos demonstram os mesmos padrões de escolha, apontando primeiro os brancos como os preferidos para sentar-se ao lado, seguidos por negros, japoneses e, por último, os mulatos.

Virgínia Bicudo, do mesmo modo, examinou a preferência dos alunos segundo a nacionalidade do que prefere e do que é preferido. A nacionalidade dos alunos foi definida de acordo com a nacionalidade dos pais, distribuídos em três categorias: o de brasileiros, estrangeiros e os mistos. Os mistos são aqueles em que um dos pais é estrangeiro e o outro brasileiro. Para ser considerado estrangeiro na pesquisa, o escolar teria de ter ambos os pais de outras nacionalidades que não a brasileira.

Na apuração quanto às escolhas feitas segundo às nacionalidades, Bicudo averiguou que os alunos que tinham um dos pais brasileiro e o outro estrangeiro foram

os que mais deram preferências aos colegas brancos. Para a autora, a situação vivida pelo escolar de ter uma família mista faz com que a escolha pelo colega branco seja maior já “que a sua atitude corresponde à expressão de uma defesa psíquica pelo sentimento de insegurança ligado à sua situação de marginalidade” (1955, p. 234).

No que se refere às atitudes de rejeição, a relação da cor do que rejeita e a cor do rejeitado foi verificada com a pergunta: “perto de quem você não gostaria de sentar-se?” (BICUDO, 1955, p. 234) Tanto os brancos quanto os grupos não brancos seguiram o padrão de rejeitar mais os brancos. De acordo com Bicudo: “O fato de o escolar branco ter recebido as porcentagens mais altas das atitudes de preferência e de rejeição sugere a existência de uma atitude ambivalente em relação ao branco” (1955, p. 239). As atitudes de rejeição mais comuns foram contra o branco, seguido do negro, mulato e o japonês. Já nos grupos não brancos, foram altas as porcentagens de rejeição sobre os colegas negros, e os menos rejeitados foram os japoneses.

Assim como as escolhas de preferência, as de rejeição também seguiram um padrão. “O escolar branco rejeitou-se em elevada porcentagem, enquanto foi baixa a porcentagem com que cada grupo de minoria se rejeitou” (BICUDO, 1955, p. 235). Tanto os grupos brancos quanto não brancos rejeitaram muito mais os brancos do que os colegas de outros grupos, que obtiveram baixas taxas de rejeição, o que é interpretado assim por Bicudo: “O fato de o maior número das rejeições dirigir-se contra o branco mostra que os grupos de minoria não atraíram contra si próprios a maior carga de hostilidade” (1955, p. 238).

Quanto aos negros, esses obtiveram porcentagens de rejeição mais altas do que as de preferência, pois houve rejeição tanto da parte dos brancos como dos negros em relação aos próprios negros. Para Virgínia Bicudo, as rejeições mais altas do que as preferências podem indicar “uma intensa assimilação das atitudes do branco por parte do negro” (1955, p. 238). Sobre os mulatos, a interpretação de Bicudo é a de que estes demonstraram consciência de grupo mais baixa do que os outros grupos, já que se identificaram mais com os brancos ou com os negros nas suas escolhas de preferências e rejeições.

Nas análises da pesquisa, Virgínia Bicudo reuniu as respostas dadas pelos escolares segundo as suas preferências. Em primeiro lugar, as respostas quanto ao principal motivo apresentado pela escolha de uma pessoa preferida para sentar-se ao lado foi a atribuição da qualidade “bom” e “boa” ao colega eleito, representando a

resposta de 37,40% do total de respostas. O motivo que veio em seguida foi relacionado ao sentimento de amizade pelo colega, por gostar ou ser gostado ou por serem amigos, representando um total de 26,56% das respostas. Em terceiro lugar, aparecem qualidades referentes às atribuições designadas ao bom aluno: “tais como quieto, comportado, aplicado, alcançando a porcentagem de 20,88%” (1955, p. 240). Em quarto lugar, as respostas são referentes às qualidades como obediência, alegria, pessoa carinhosa, prestativa ou agradável. Essas respostas detêm a porcentagem de 11,29%. As outras respostas mencionadas, que representam uma porcentagem de 3,82%, são: “bonito, meu vizinho, meu primo, etc...” (p. 240).

Em suas hipóteses sobre a relação dos que escolheram e dos que foram escolhidos, aos primeiros, por não fazerem menção à cor ou à nacionalidade explicitamente nas suas preferências, Virgínia Bicudo atribuiu à falta de consciência de sua discriminação fundamentada na cor ou à censura deles em relação aos motivos reais das suas escolhas. Os alunos ocultaram a cor como fator determinante das suas preferências. Outra importante observação feita por Bicudo é que as qualidades atribuídas aos escolares como bondoso e bom aluno são associadas diretamente aos brancos.

No que se refere à diferença entre meninos e meninas, as escolhas feitas baseadas numa atribuição de “bondade” ao colega preferido, constituiu em um ideal mais alto entre as meninas, e “amigo” e “bom aluno” nos ideais mais altos entre os meninos.” “Bem-educado” encontrou as mesmas porcentagens em ambos os sexos. Entre as respostas mais obtidas em todos os grupos, a “bondade, a amizade, o bom comportamento, a aplicação e a boa educação” constituíram as qualidades ideais dos escolares para a escolha do companheiro de banco” (p. 240).

Os principais motivos de rejeição foram ordenados segundo as porcentagens de frequência: “mau aluno”, 40,20%, “mau” 36,89%, “mal-educado” 10,72%, “inimizade” 7,95% e outros motivos 4,19%” (BICUDO, 1955, p. 243). Das 8.072 respostas sobre os motivos de rejeição, apenas 18 foram relacionadas a uma escolha baseada em um motivo explicitamente racial. Nas suas hipóteses quanto às atitudes de rejeição, constaram censura dos escolares em relação às escolhas baseadas na cor, verificada numa associação entre o branco e as qualidades estimadas e nos outros grupos, compostos por escolares não brancos, associados à qualidades não admiradas.

Para as entrevistas, foram escolhidos trinta alunos e seus familiares – os que tinham recebido mais votos de preferência e os que tinham sido mais rejeitados. Apenas um aluno negro foi escolhido como preferido entre os colegas, mas a sua família não foi encontrada e, portanto, não pôde ser entrevistada. Nas observações dos alunos que foram escolhidos como preferidos, o que se apurou foi a “ausência de hostilidade nas atitudes do preferido e a sua posição de destaque como aluno adiantado” (BICUDO, 1955, p. 248).

Quanto às famílias dos preferidos, Bicudo verificou que:

O ambiente familiar dos alunos preferidos caracterizou-se, em geral, pela harmonia reinante entre os membros da família, onde os escolares recebiam, no amor e nas atitudes compreensivas dos pais, apoio e estímulo para o desenvolvimento de qualidades positivas ou em outras palavras, nas atitudes de compreensão afetiva dos pais os escolares encontraram apoio para a sublimação dos impulsos não aceitos pelo grupo social. (1955, p. 247)

A maior parte das famílias dos alunos preferidos não expressou hostilidades contra negros ou declarou preconceitos baseados na cor. No entanto, três dos treze casos estudados demonstraram atitudes de preconceito de cor. De acordo com Bicudo:

Os pais que demonstraram atitudes desfavoráveis (por ter tido experiência negativa com pretos, por serem desajustados, por serem de nível social mais elevado do que as pessoas da vizinhança) sempre racionalizaram os seus sentimentos de hostilidade contra os pretos utilizando-se de estereótipos, mostrando assim uma necessidade de justificar-se e de aliviar-se dos sentimentos de culpa, que acompanham os sentimentos hostis ligados à discriminação. (1955, p. 249)

Ao longo do trabalho, há minuciosos relatos das entrevistas feitas com os familiares dos estudantes. Virgínia Bicudo observou nas entrevistas como eram os estudantes em casa, tanto em relação ao modo como se comportavam como em termos mais íntimos e subjetivos. Ciúmes, superproteção, amor e relações intrafamiliares são comentados ao longo das narrativas das entrevistas com os familiares. Não só se pôde acompanhar um pouco do que era observado sobre os estudantes, mas também em relação aos familiares desses. Carinhosos e zelosos, autoritários ou não, suas visões de preconceitos e reflexões sobre as relações raciais também podem ser verificadas nas descrições das entrevistas.

Quanto aos estudantes que foram rejeitados, especificamente os brancos, as qualidades apresentadas foram: “ruim, briguento, malcomportado, vadio, mal-educado, sujo, covarde, parecido com mulher” (BICUDO, 1955, p. 258). Bicudo constatou que as crianças brancas rejeitadas na escola também demonstravam problemas em seus lares, algumas por meio de agressividade e desobediência, outras por timidez, hipersensibilidade ou falta de asseio. Observou-se que as atitudes desfavoráveis eram causadas pelas próprias disfunções familiares encontradas nas casas dos estudantes. “Situações de conflitos emocionais e de desorganização da família foram encontradas em quase todos os lares dos escolares brancos rejeitados” (p. 259).

Para Virgínia Bicudo, o ambiente familiar em que se encontravam as crianças rejeitadas era fonte de estímulos negativos, suscitando a agressividade e o medo nas mesmas. Logo, as atitudes desfavoráveis dos alunos eram reflexo e expressões dos conflitos psíquicos vividos por essas crianças em seus lares. Tais atitudes funcionavam “como um protesto contra o ambiente e um meio inadequado de obter compensação às suas frustrações” (1955, p. 260).

Entre as famílias entrevistadas, algumas demonstraram hostilidade contra as pessoas negras. Em outras, as atitudes eram mais veladas ou encobertas, já que um mesmo entrevistado, ao dizer não sentir preconceito em relação à cor, revela seu desejo de não querer ver seus filhos casados com pessoas negras.

Houve transmissão de valores dos pais para os filhos. Para Bicudo, “O ódio e o medo objetivados nos estereótipos referentes à cor foram transmitidos à criança principalmente pelos próprios pais negros” (1955, p. 291). Ao reprimir a hostilidade contra os brancos, os negros transferiram a hostilidade, dirigindo-a contra si, passando a ter o branco como ideal, o que também foi visto nas atitudes das crianças. Houve correspondência entre as atitudes dos alunos e as atitudes dos seus familiares. Assim, para Bicudo, essas dependências “reafirmam as nossas hipóteses no sentido de a definição das atitudes com respeito à cor em última análise dependerem das soluções alcançadas pelos indivíduos nas relações afetivas com os objetos de contato primário” (1955, p. 263).

Em relação aos mulatos, a análise da pesquisa no projeto UNESCO segue o mesmo posicionamento do seu trabalho anterior, apresentando em 1945 e já examinado neste capítulo. Para Bicudo os mulatos tiveram identificação mais forte do que os negros com os ideais brancos e, devido a essa característica, tendem a apresentar maior

desejo de integração aos grupos brancos. Em contrapartida, o branco correspondeu a essa identificação com atitudes mais tolerantes e de aceitação ao mulato.

Para os alunos negros que foram rejeitados pelos seus colegas, os motivos de rejeição foram comportamentais: “ruim, briguento, malcriado, mal comportado, mal educado, copiador” (BICUDO, 1955, p. 264). Nas entrevistas feitas com as famílias desses estudantes, Bicudo pôde tomar conhecimento de que em suas casas os alunos negros rejeitados, assim como os alunos brancos rejeitados, também demonstraram comportamentos considerados inadequados. Agressividade, desobediência e teimosia foram algumas das queixas feitas pelos familiares.

Em sua pesquisa, Virgínia Bicudo se deparou com situações traumatizantes e desfavoráveis para o desenvolvimento das crianças em seus lares. “A ilegitimidade, a promiscuidade, a orfandade, o alcoolismo, a separação dos pais e a hostilidade entre os pais e destes para os filhos foram as situações encontradas” (1955, p. 264). Em comparação entre o lar dos estudantes brancos mais rejeitados com as condições observadas nos lares dos estudantes negros mais rejeitados, observou-se que os negros enfrentavam maiores obstáculos para o desenvolvimento, já que se deparavam com condições econômicas, sociais e culturais muito piores do que as dos brancos.

Encontramos, portanto, todos os escolares de cor sob condições que constituíam estímulos intensos e frequentes para o desenvolvimento do ódio e do medo dadas as personalidades neuróticas dos pais, ou a situação de abandono, motivado pela orfandade ou pela ilegitimidade. O estudo das condições da infância dos pais destes escolares nos levaria à mesma conclusão de que eles possuem personalidade neurótica devido às condições desfavoráveis da infância que tiveram, evidenciando-se assim a transmissão da neurose dos pais para os filhos pela via social. (BICUDO, 1955, p. 265)

Ao analisar as atitudes dos pais dos estudantes negros, Bicudo verificou que esses demonstravam hostilidade contra si mesmos, revelando em suas falas um alto grau de preconceito contra negros, o que foi interpretado como uma introjeção dos ideais do branco.

O resultado de tal introjeção é que tratam os negros e, portanto, a si próprios, como se vêem tratados pelos brancos. Tendo reprimido a hostilidade contra o branco, deslocam a agressividade para o próprio negro, vendo o branco como ideal respeitado e amado, porém, também temido e odiado. (BICUDO, 1955, p. 265)

É atroz a constatação de uma exigência impossível, a de que os alunos negros precisariam se tornar brancos para que fossem assimilados e escolhidos pelos seus pares. Aqueles que sucumbiam a tal exigência, eram, então, incorporados e aceitos pelos outros estudantes.

Vivendo o conflito de ser negro e de não querer ser negro, equivalente ao conflito entre ser bom e ser mau, pela introjeção dos conceitos do branco, frequentemente as pessoas de cor sucumbem ao conflito, autopunitivamente exibindo traços de personalidade que se tomam como confirmação dos estereótipos que lhe são atribuídos. (BICUDO 1955, p. 269)

Nas conclusões da sua pesquisa, Virgínia Bicudo apresentou o aluno branco como aquele que deteve a preferência geral entre os outros alunos. Em seguida, com porcentagens muito mais baixas, as preferências se deram pelos negros, japoneses e, por último, os mulatos. Outros fatores também atuaram nas escolhas dos alunos, já que, ainda que poucos, outros não brancos também foram escolhidos. As escolhas de alguns alunos negros por outros colegas negros apontaram uma preferência daquele que escolhe em relação à sua própria cor. Já no caso do mulato, o que se verificou foi a sua identificação com o branco, já que as suas escolhas seguiram o padrão das escolhas dos brancos, que preferiram mais aos negros do que aos mulatos. Os estudantes negros foram mais rejeitados do que os mulatos tanto pelos meninos quanto pelas meninas, o que, para Bicudo, suscita a hipótese de que a cor da pele mais escura é um fator determinante das rejeições, e a pele mais clara dos mulatos atenuaria a rejeição aos mesmos.

Entre os alunos não brancos, foi o negro aquele que mais se rejeitou. Ao rejeitar aqueles da sua própria cor, para Virgínia Bicudo, o negro estaria então introjetando as atitudes do branco. Ao reprimirem a sua raiva, ódio e ressentimento contra a discriminação que vivem, os negros passam a ter os mesmos ideais dos brancos e a fazer as mesmas escolhas discriminatórias. Ainda que os alunos censurassem os reais motivos que os levavam a fazer suas escolhas, percebemos uma correlação entre a cor daqueles que são escolhidos e dos que escolhem.

O fato de todos os escolares preferidos serem brancos, com exceção de um negro, reforça a hipótese de que eles identificaram o branco com as boas qualidades. A escolha de um negro preferido indica que esta identidade pode ser superada, quando o negro apresenta “qualidades de branco.” (BICUDO, 1955, p. 288)

Por fim, Virgínia Bicudo elencou alguns mecanismos psíquicos que foram evidenciados em seu estudo. “a) atitudes recalcadas do branco em relação às pessoas de côr; b) atitude de ambivalência do mulato e do negro para com o branco; c) introjeção dos ideais do branco; d) censura e racionalização das atitudes de discriminação” (1955, p. 292).

Todos os grupos seguiram um padrão de escolhas tanto de preferência quanto de rejeição, demonstrando que houve introjeção e transmissão dos mesmos ideais daqueles que eram considerados bons e deveriam ser escolhidos e dos que eram considerados ruins e deveriam ser rejeitados. A conclusão que fica evidente a partir desse estudo é que o mito da democracia racial era uma falácia. Os negros não só encontravam barreiras para ascender economicamente, quanto tinham que se embranquecer para serem assimilados. As barreiras impostas aos negros nada tinha a ver com uma questão de classe, tampouco de raça, como nos explica Bicudo: “O fato de o mulato com “característica de branco” conseguir integrar-se no grupo de brancos milita a favor da tese pela qual a discriminação do branco contra o negro corresponde a um preconceito de côr e não de raça” (1955, pp. 291-292).

Por fim, Virgínia Bicudo finaliza o seu trabalho no projeto UNESCO com uma sensível prescrição:

Verificando que em suas atitudes referentes à côr os escolares refletiam as atitudes dos pais ou reagiram contra elas conforme o seu ajustamento emocional com os pais, concluímos que um dos meios mais indicados para o melhor estabelecimento de relações raciais consiste em ajudar a criança a estabelecer os laços afetivos com pais e irmãos com base no amor, ou, em outras palavras, ajudar a criança a desenvolver a capacidade de amar e de usar a sua agressividade em sentido construtivo. (1955, p. 295)

### CAPÍTULO III: VIRGÍNIA BICUDO E A PSICANÁLISE

O terceiro capítulo é dedicado à obra de Virgínia Bicudo na psicanálise. Além do livro *Nosso Mundo Mental* (1956), Bicudo foi autora de muitos artigos publicados em revistas e jornais de psicanálise, nacionais e internacionais. Sua vasta obra articulou a psicanálise a diversos temas, revelando uma psicanalista implicada com o seu tempo. Além disso, aqui estão expostas algumas das correspondências de Virgínia Bicudo.

**Imagem 6** – Virgínia Bicudo (de chapéu) em uma das primeiras reuniões da SBPSP.



Fonte: DDPHP. Década de 40. Pessoas identificadas na foto por Maio (2010a). De pé, da esquerda para a direita, a segunda da fila é Adelheid Koch, seguida por Virgínia Bicudo, Durval Marcondes, Herminda Marcondes, Frank Philips e Flávio Rodrigues. Na fileira de baixo, o centro é ocupado por Arnaldo Rascovsky (psicanalista argentino) e médicos do Instituto de Higiene Mental e da Psiquiatria da Santa Casa de Misericórdia.

#### 3.1 Nosso Mundo Mental

O livro *Nosso Mundo Mental* (1956) foi o único publicado por Virgínia Bicudo. Nele, os conceitos psicanalíticos são apresentados de forma bastante acessível,

demonstrando a sua preocupação com a transmissão da psicanálise para um público amplo e leigo, o que sempre esteve presente em seu percurso. O livro é composto por dezenove capítulos e duzentos e oitenta páginas.

Aqui, o objetivo é fazer alguns apontamentos e comentários sobre a importância e as contribuições desse livro. Para Bicudo:

O motivo que nos levou a escrever um livro sobre o “nosso mundo mental” decorre do desejo incoercível que existe em cada um de nós expresso na busca de melhores condições de vida. Embora cada um a seu modo tenha uma definição do que lhe seja a felicidade e para alcançá-la trace caminhos aparentemente individuais, em essência todo ser humano procura os mesmos fins, movido por imperativo interior, que não é apanágio de nenhum indivíduo ou grupo e sim característicos da espécie. (1956, p. 7)

Em uma entrevista concedida a Roberto Sagawa, Virgínia Bicudo relatou o percurso do trabalho que culminou no livro:

“Nosso Mundo Mental” foi o nome de batismo de um programa da Rádio Excelsior, colocado no ar em 1950 sob criação de Virgínia Bicudo. “Fiz programa de rádio. Os artistas representavam falando e eu interpretava. Foi um grande sucesso em São Paulo. Todo mundo ouvia.” (Entrevista em 28/10/1982). Com título homônimo foi criada uma seção fixa no *Jornal Folha da Manhã*, que saía aos domingos ocupando uma página inteira. Virgínia Bicudo dava conferências no auditório da Folha que ficava lotado com 300 pessoas e, por fim, Virgínia relatou que “depois reuni isso num livro e publiquei. Esgotou! Que interesse havia! E ainda há”. (...) “Foi um sucesso tão grande que, na Câmara de Vereadores, um deles tomou a palavra e mandou colocar na minha ficha um elogio. Eu estava justamente aplicando a psicanálise aos problemas da criança.” (SAGAWA, 1994, p. 21 *apud* ABRÃO, 2010, pp. 115-116)

Alguns temas são recorrentes e abarcam todo o livro, como amor, felicidade, conflitos, infância e educação. Essa última parece ser um tema importante para Bicudo, tendo em vista sua formação como professora, educadora sanitária e professora de psicanálise e de higiene mental. No livro, a educação percorre todo o seu conteúdo e é a questão principal de três capítulos. Todos os capítulos são construídos de forma similar, apresentando conceitos psicanalíticos e expondo diálogos fictícios. Os diálogos trazem ilustrações de situações da vida cotidiana e são analisados para que os leitores possam compreender os mecanismos psíquicos que imperavam em determinada situação, comuns a todos.

Na introdução, Virgínia Bicudo destacou os estudos dinâmicos e profundos dos fenômenos mentais, como o que se dá pela psicanálise. Para ela, nas observações dos fenômenos psíquicos, quanto mais profundo se investiga, mais se chega às evidências no que diz respeito às distribuições econômicas, já que são maiores as igualdades e menores as diferenças. Segundo ela, o mundo mental se diferencia pela quantidade de energia e a intensidade com que essa atua nos mecanismos psíquicos, não na sua qualidade.

Ainda na introdução, Bicudo afirmou que há algo semelhante entre todos nós, algo a que todos abrange, já que mesmo nossas diferenças são limitadas por aquilo que nós temos em comum.

A evidência de diferenças culturais e diferenças de grupos raciais ou culturais ocorre dentro dos limites postos pelo que é inerente à natureza humana, isto é, pelos limites dados por qualidades das quais todo ser humano participa e que lhe são transmitidas hereditariamente e desenvolvidas sob a influência de diferentes condições ambientais. (BICUDO, 1956, p. 7)

Outro tema importante para o qual Virgínia Bicudo dedicou atenção foi à infância. Ao observar a influência do meio sobre o percurso da infância, Bicudo afirmou que não são apenas as características inatas de uma criança que podem predizer seu desenvolvimento para uma “uma personalidade ajustada ou desajustada” (1956, p. 8). A influência do meio e dos afetos também terão impactos na formação da personalidade.

Nessa mesma direção, expôs os mecanismos daquilo que ela designa de “doença psíquica funcional”, descrita como uma “perturbação do funcionamento do ser humano como um todo relacionado com outros, podendo ter início a partir de condições individuais patológicas, como de condições individuais normais sob condições ambientais mórbidas” (1956, p. 8). Porém, algumas condições individuais só são patológicas quando no curso da vida de uma criança, “pressões excessivas” atuarem de tal forma, que a criança poderá desenvolver “formas mórbidas de sentir e de reagir” (p. 8).

Diante disso, Virgínia Bicudo fez um alerta sobre a importância do cuidado no momento do nascimento. Quanto a isso, ela apresentou a higiene mental, que concerne especial atenção aos cuidados das crianças. Para ela, a criança, quando nasce, “não é nem social e nem anti-social, nem moral e nem imoral, é um ser que possui em

potencialidade energias, impulsos e mecanismos a serem desenvolvidos em valores grandemente definidos pelo ambiente” (1956, p. 9).

Virgínia Bicudo discutiu os papéis individuais e coletivos dos adultos em relação aos cuidados das crianças. No papel de pais ou educadores, no exercício individual da parentalidade ou da educação, os adultos devem estar atentos para as necessidades de proteção física e psíquica da criança. No entanto, nos papéis coletivos, todos fracassam como cidadãos. “Se como indivíduos isolados estamos convictos do dever de proteção à infância, como grupo falhamos, pois que nenhum de nós deixou de ter a amarga oportunidade de presenciar o sofrimento de crianças tiritantes de frio, chorando de fome e sofrendo por abandono afetivo” (BICUDO, 1956, p. 9).

Sobre a questão da felicidade, tema presente no livro, Bicudo fez um exame dos seus parâmetros, o que a constitui em termos psíquicos e a relação entre a felicidade pessoal e o grupo. Com críticas à organização social, sua posição para a formação de uma personalidade sã é de que o indivíduo possa desenvolver “a força invencível do amor e assim habilitá-lo a lutar contra os objetivos destrutivos das personalidades malsãs, movidas pelo ódio, pelo egoísmo, pelo narcisismo e por fantasias de onipotência” (1956, p. 10).

Um outro objetivo da publicação de *Nosso Mundo Mental* é quanto à possibilidade de contribuição que um livro como esse possa dar para pais e educadores sobre as necessidades emocionais das crianças. Para Virgínia Bicudo, há uma ausência de fórmulas mágicas que deem conta das inúmeras perguntas que são colocadas pelos pais. Certamente familiarizada com essas questões enquanto psicanalista, professora e visitadora psiquiátrica, para ela os pais não deveriam perguntar “o que devo fazer?”, mas questionar a si mesmos, as suas visões em relação aos filhos, seus medos, ansiedades e irritações; em suma, as suas próprias atitudes. “Não sendo possível dar aos pais uma única fórmula para resolver os problemas dos filhos, procuramos divulgar conhecimentos básicos, que os habilitem a reconhecer os problemas da criança, como sintomas de insatisfação relacionados principalmente com as atitudes deles” (1956, p. 11).

O primeiro capítulo, intitulado “Considerações sobre o funcionamento do aparelho psíquico, segundo a psicanálise”, aborda conceitos psicanalíticos. Atos falhos, inconsciente, recalque, sintomas, associação livre, transferência, noções de Id, Ego e Superego, são apresentados ao leitor de uma forma simples e didática. Nesse capítulo,

fica evidente a leitura de *O Mal-Estar na Civilização* de Freud (1996/1930), embora não tenha feito uma menção direta à obra freudiana.

*O Mal-Estar na Civilização* (1996/1930) trata do antagonismo sempre presente entre as exigências da pulsão e as exigências da cultura. O mal-estar enunciado por Freud coloca o ser humano ocupando um lugar de eterna incompatibilidade entre as suas necessidades individuais frente às exigências sociais e culturais. Para Virgínia Bicudo “os sintomas dos doentes resultavam de um conflito entre desejos e aspirações morais” (1956, p. 16). Essa discussão tem relação com a intenção de que o livro *Nosso Mundo Mental* possa refletir sobre o desejo de cada um “na busca de melhores condições de vida” (BICUDO, 1956, p. 7).

O segundo capítulo, “As qualidades fundamentais dos instintos desde o nascimento até os 2 anos e meio de idade”, tem como foco situar o que é o instinto. A partir disso, pode-se orientar os pais para agir de forma a suprir as necessidades afetivas das crianças. Deve-se levar em consideração que, no período em que Virgínia Bicudo escreveu esses apontamentos, o termo “trieb” era traduzido por instinto. Porém, hoje, traduz-se por pulsão. De acordo com o vocabulário de psicanálise de J. Laplanche e J.-B. Pontalis, “A escolha do termo *instinto* como equivalente inglês ou francês de *Trieb* não só é uma inexactidão de tradução, como ameaça introduzir uma confusão entre a teoria freudiana das pulsões e as concepções psicológicas do instinto animal...” (1970, p. 314, *grifos dos autores*).

No entanto, apesar da tradução da época não ser precisa, Virgínia Bicudo fez uma distinção do que poderia ser tomado como instinto. Como primeira categoria para a psicanálise, circunscreveu “os instintos cujo fim e objeto de satisfação não podem ser mudados, como, por exemplo, acontece com os instintos que presidem à fome...” (1956, p. 31). Na segunda categoria estão alocados “o grupo de instintos representados pela libido e pela agressividade, cujos fins e objetos de satisfação primária podem ser deslocados para fins e objetos substitutos” (p. 31). As formulações do que é o instinto/pulsão e de como se manifestam nos primeiros dois anos e meio servem para a apresentação das etapas iniciais do desenvolvimento das crianças feita nos capítulos seguintes.

Bicudo fez uma menção importante sobre os diferentes posicionamentos possíveis do indivíduo frente às instituições sociais, quando essas, ao invés de “promover a satisfação de necessidades, se tornam motivo de frustrações, o indivíduo entra em conflito mental e em choque com a ordem externa, o que condiciona mudanças

na ordem econômica e social...” (1956, p. 30). Para ela, diante de condições insatisfatórias, há os que se opõe às mudanças, reagindo de forma conservadora, pois se angustiam com possíveis modificações sociais e dos costumes. Porém, há também os que possuem “ainda menos fôrça para enfrentar as asperezas da realidade, refugiam-se na doença mental” (1956, p. 31). Os que se diferenciam dos demais são aqueles que para ela, “possuem saúde mental”, já que “podem ver e conhecer a realidade e ainda assim manter intacta a fé, que os conduz a colocar adequadamente suas energias na luta contra tôda a sorte de resistência para a construção de melhores condições de vida” (p. 31). Essas distinções servem para que se demonstre aos leitores a compreensão das diferenças entre os indivíduos a partir do estudo do que Bicudo denominou como “qualidades instintivas”, que se iniciam no nascimento.

No terceiro e no quarto capítulos são trabalhadas questões ligadas à infância. De início, há a retomada das discussões sobre o funcionamento psíquico e de como se estrutura o ego. Depois, Virgínia Bicudo percorreu brevemente cada fase da criança, citando o egoísmo e o egocentrismo como constitutivos do início da infância. Há uma ênfase na questão da curiosidade da criança. A respeito disso, situou a questão da curiosidade do olhar da criança, que tem como objeto o corpo nu dos pais, dos irmãos e de outras pessoas próximas, e que depois será transformada em curiosidade sobre a diferença sexual e da origem dos bebês. Bicudo fez uma orientação para que os pais respondam de forma adequada às perguntas das crianças e não por meio de respostas fantasiosas, como a da crença na cegonha. “A criança, que recebe respostas certas e dosadas conforme o alcance de sua compreensão, naturalmente passa a sua curiosidade para fatos não sexuais, fazendo perguntas sôbre tudo quanto observa” (1956, p. 46). Ao sanar as questões de cunho sexual trazidas pelas crianças, é que estas podem partir para outros interesses, o que vai na mesma direção das orientações de Freud, presentes no texto de 1907, “O esclarecimento sexual das crianças” (1996).

No quarto capítulo, Virgínia Bicudo apresentou dados de estudos feitos com Durval Marcondes na Secção de Higiene Mental. Eles analisaram crianças e diferentes formas de manifestação de seus sintomas. Os sintomas foram reunidos em dois grupos, nomeados como problemas de ataque e problemas de retirada. Enquanto o primeiro grupo é caracterizado como uma manifestação de sintomas em que a criança coloca para o mundo exterior a sua agressividade, por meio de brigas ou desobediências, no segundo os sintomas são expressos de uma forma mais retraída, a exemplo da apatia e o roer das unhas.

Marcondes e Bicudo verificaram que, entre os meninos, os sintomas caracterizados como problemas de ataque eram mais frequentes do que nas meninas. Nelas, os sintomas nomeados como problemas de retiradas foram os mais encontrados. Virgínia Bicudo observou que os meninos eram mais encaminhados para o acompanhamento assistencial do que as meninas. Para as possíveis razões para essa diferença entre os sexos, haveria:

Razões de natureza bio-psicológica, como as disposições inatas de cada sexo e razões de ordem social, como a maior repressão da menina devem entrar para explicar que os meninos, em maior proporção que as meninas, se desajustem na forma de excessiva agressão ao mundo exterior e entre as meninas predomine o desajustamento por retirada. (1956, p. 60-61)

Já naquele momento, em 1956, Virgínia Bicudo criticava a falta de diálogo sobre a educação sexual, alegando que “Os conhecimentos sexuais adequados não tiram a inocência ou a pureza do sentimento da criança” (1956, p. 74). Para ela, enquanto tarefa dos pais, a educação sexual das crianças não pode ser negada. No entanto, a forma como a educação era exercida, tendo como base a repressão, os castigos e as ideias de moralidade, causavam consequências com resultados nocivos para as crianças.

No capítulo cinco, a rivalidade dos sexos é abordada. Para Bicudo, a rivalidade é oriunda da imaturidade emocional e sexual dos adultos e tem reflexos nas relações entre os homens e as mulheres. Observou disparidades entre os sexos na esfera jurídica, que conferia aos homens mais direitos; a dupla moral sexual, que concedia aos homens mais liberdades; e a organização social, que conferia aos homens mais vantagens. São suas críticas sobre a assunção de que as mulheres podem ter salários inferiores aos homens e a falta de reconhecimento conferido ao trabalho doméstico desempenhado majoritariamente pelas mulheres que, mais uma vez, nos dão o testemunho da sua mente sempre à frente de seu tempo.

Virgínia Bicudo relatou o desprezo com o que o sexo feminino é tratado com a seguinte pergunta, feita para um menino e para uma menina, “Você gostaria de ser mulher?” (1956, p. 78), no que o menino respondeu: “Eu? Deus me livre! Mulher não pode fazer nada! Estou muito contente por ser homem!” e a menina: “Eu queria ser menino: o menino pode fazer tudo o que quiser!” (p. 78). A conclusão de Bicudo é de que ninguém gostaria de ser mulher, já que desde a infância o sexo feminino é tratado com depreciação, enquanto o sexo masculino é exaltado e prestigiado. Para ela, são as

interações sociais baseadas numa hierarquia injusta e sem propósitos entre os sexos que faz com que ambos se tornem rivais.

Ao abordar as questões da infância, Virgínia Bicudo localizou as razões para a falta de capacidade de amar, oriundas das dificuldades dos primeiros anos de vida. Para ela, é necessário que as crianças sejam ajudadas para desenvolverem essa capacidade. É por meio dessa aprendizagem que podemos ter que, quando adultos, teremos chance de expressar tanto o amor quanto a agressividade de forma adequada e não patológica já que, para ela, “Em qualquer grupo de idade, a queixa mais frequentemente expressa pelo doente é a de que não se sente amado e que não pode amar por inibição ou por condições do ambiente” (BICUDO, 1956, p. 57). Logo, “Dando atenção aos problemas da infância estaremos contribuindo para a prevenção de distúrbios futuros” (p. 99).

Quanto à educação, Virgínia Bicudo considerou que é “a criança-problema aquela que, por dificuldades emocionais, não corresponde aos padrões de comportamento exigidos pela educação” (1956, p. 167). A educação é posta como algo de suma importância para a instituição familiar e são os pais que estabelecem uma ação mais direta sobre as crianças. De acordo com Bicudo, as atitudes contraindicadas na educação incluem todas aquelas que “incentivam na criança os sentimentos de egoísmo, de hostilidade, de medo e conseqüentemente o sentimento de insegurança” (pp. 168-169). O equilíbrio emocional e as atitudes compreensivas dos pais configuram-se como algo que promovem “o bom ajustamento da criança” (p. 170). Para ela, os castigos, proibições e restrições impostos às crianças são indicados quando necessários, “a fim de protegê-la e de ajudá-la a desenvolver a sua capacidade de adaptação e de amor” (p. 170). No entanto, os castigos e as exigências feitas pelos pais, quando determinados por raiva ou angústia, tornam-se contraproducentes e não indicados.

Portanto, Virgínia Bicudo localizou os distúrbios como tendo sua origem na infância, sendo esse pressuposto uma das maiores contribuições da psicanálise. Determinou que “Não é possível haver maturação psicológica sem as frustrações que acompanham o processo educacional” (p. 199). Desse modo, as frustrações provenientes da educação podem tanto auxiliar o desenvolvimento da criança quanto configurar-se como traumática. “O êxito dos pais e educadores dependerá de sua sabedoria em dosar o que devem e o que não devem permitir à criança” (p. 201).

Ao analisar alguns dos receios dos pais quanto aos métodos educacionais, Bicudo observou que, enquanto alguns pais temem que seus filhos não desenvolvam respeito às autoridades, outros têm a apreensão de que a educação possa fazer com que

as crianças se ajustem de tal maneira à organização social que passem a ficar adaptadas, mesmo em condições desfavoráveis, incapazes de promover mudanças sociais. “Todavia, ajustamento psíquico não significa adaptação a condições sociais patológicas” (1956, p. 202). Ao considerar as condições educacionais diversas, por melhores que fossem, concluiu que sempre haverá algum grau de insatisfação, “que, em personalidades ajustadas, estará a serviço das forças criadoras que propulsionam as atividades do homem para a organização de um mundo melhor” (p. 202).

Sobre o papel da escola na educação das crianças, Virgínia Bicudo destacou o caráter social dessa instituição. “Cabem, portanto, à escola objetivos de interesse vital da coletividade, razão por que o ensino da criança de tôdas as classes sociais é obrigatório por lei” (1956, p. 211). Destacou a “função socializadora” da escola, que é tão importante quanto ensinar a criança a ler ou a contar.

Ao apresentar as falhas cometidas pelo sistema educacional, Virgínia Bicudo apontou o grande número de alunos reprovados e o menor número de alunos que terminam o ano letivo comparados aos que começam. Para ela, a responsabilidade do fracasso escolar é dos adultos, das instituições e das organizações sociais, e não da criança. Mais uma vez, a sua posição é vanguardista. Diante disso, ela afirmou:

Quando a escola fôr organizada realmente para atender aos direitos do educando, desaparecerão os conceitos de aluno indesejável, de mau elemento, de “tarado”, de degenerado e o recurso de aconselhar os pais a retirarem o filho da escola. A escola é de direito o lugar da criança e portanto tem de aparelhar-se para abrigar todos os tipos de crianças, a fim de cumprir os seus objetivos de ensinar e educar. (BICUDO, 1956, p. 222)

É no último capítulo do livro que expressou a sua visão mais pujante sobre a importância da criança. “A criança representa o capital mais valioso e nobre de uma geração” (1956, p. 259). A assistência à infância é algo prioritário para Bicudo e isso se reflete ao longo de todo livro. É de suma importância que haja investimento na educação das crianças, tanto pela família quanto pela escola e pela sociedade. E para ela, quando os processos educacionais falharem em promover o desenvolvimento normal de uma criança, há a possibilidade de intervenção feita através de psicoterapias.

A higiene mental é a forma como Virgínia Bicudo abordou as questões relativas à assistência à infância. Embora tenha apontado a resistência social para a adoção dos princípios de higiene mental, a sua recomendação para a prevenção dos

distúrbios na infância se dá mediante a aplicação desses princípios nas clínicas de orientação infantil.

Por último, Virgínia Bicudo enumerou 27 pontos para a prevenção de distúrbios emocionais, segundo os ensinamentos da higiene mental. Esses pontos são prescrições e orientações quanto às práticas educacionais para as famílias e educadores. O livro termina da seguinte forma: “EM RESUMO – O equilíbrio mental do adulto depende grandemente de uma infância bem orientada. Dada a situação de completa dependência da criança, a solução de seus problemas depende, principalmente, da quantidade de amor que ela recebe dos educadores” (BICUDO, 1956, p. 280).

Não foi possível fazer um apanhado que dê conta da totalidade dos assuntos abordados no seu extenso livro. Cumpre ressaltar, no entanto, que considero ser um livro fundamentalmente sobre educação. Nele, a infância é exaltada como o patrimônio da vida, um bem comum social, que deve ser cuidado e preservado. A psicanálise serve de apoio para que os leitores recolham dali um conhecimento que pode auxiliar no cotidiano, tanto para pais e mães quanto como educadores e cidadãos.

### 3.2 Trabalhos publicados de Virgínia Bicudo

**Imagem 7** – Virgínia Bicudo em congresso<sup>10</sup>



Fonte: DDPHP. Sem data.

**Imagem 8** – Virgínia Bicudo em congresso



Fonte: DDPHP. 1969. Colômbia

<sup>10</sup> Não foram identificadas as pessoas que acompanham Virgínia Bicudo nas figuras 6 e 7.

Nesta parte do terceiro capítulo, examinei 39 trabalhos (tabela 1) escritos por Virgínia Bicudo para revistas de psicanálise, congressos e outros meios de comunicação. Durante a minha pesquisa, procurei reunir o maior número possível de trabalhos escritos por Virgínia Bicudo ou sobre Virgínia Bicudo. Os 39 trabalhos analisados aqui foram enviados para mim pela biblioteca Virgínia Leone Bicudo, situada na SBPSP. Alguns foram escritos em parceria com outros psicanalistas, mas a maior parte tem Bicudo como única autora. Os trabalhos que analisei vão de 1941 até 2010, e os classifiquei em grupos relativos aos temas e aos anos de publicação. Meu objetivo foi o de extrair alguns pontos, fazendo um percurso pelos seus trabalhos, sem, no entanto, ter a pretensão de abordar todo o conteúdo de sua vasta publicação. Sobre os seus trabalhos, é importante acentuar a influência que Sigmund Freud, Wilfred Bion e Melanie Klein tiveram em sua obra. Referências constantes, as contribuições dos três psicanalistas aparecem em profusão, servindo-lhe como amparo em suas teorizações e argumentações acerca da psicanálise.

Com uma vasta produção, seus artigos foram publicados em revistas nacionais e internacionais. Pode-se notar, em seus trabalhos apresentados em congressos, que Bicudo viajou e os apresentou em muitos países. A psicanálise lhe abriu as portas para o mundo.

**Tabela 1**  
**Trabalhos Examinados de Virgínia Bicudo**

<b>Tema</b>	<b>Ano</b>	<b>Total de Trabalhos</b>
História da Psicanálise	1948/ 1967/ 1981/ 1988/ 1989a/ 1989b	6
Formação do Psicanalista	1969/ 1970/ 1972a/ 1991	4
Teoria psicanalítica	1966b/ 1967c/ 1967d/ 1967e/ 1968b/ 1968c/ 1968d/ 1968e/ 1969b/ 1969c/ 1969d/ 1969e/ 1970b/ 1970c/ 1972b /1976 /1984 /1986/ 1988b/ 1990/ 1994b/ 1995 /1996/ 2003/ 2010b	25
Psicanálise e arte	1966a/1967b/1968a	3
Higiene Mental	1941	1
<b>Total</b>		<b>39</b>

### 3.2.1 Higiene mental

Há um único artigo sobre higiene mental, escrito em 1941, em que Virgínia Bicudo apresentou as funções da visitadora social, os pré-requisitos para o exercício desse trabalho e suas tarefas e responsabilidades em relação às crianças e suas famílias, inclusive em escolas. Atuando como técnica da clínica de orientação infantil, a visitadora social psiquiátrica lidava com crianças que apresentavam problemas escolares, que eram encaminhadas pelos professores ou por outros profissionais das escolas. De acordo com Bicudo, a primeira tarefa das visitadoras consistia em uma atuação junto às famílias, conscientizando os pais acerca dos problemas e sintomas dos seus filhos, visando à cooperação. O objetivo da visitadora era a modificação e o tratamento do ambiente em que a criança vivia, pois, para ela, a criança refletia esse ambiente. Já na escola, a visitadora orientava os docentes em suas conduções pedagógicas, funcionando como intermediária entre a instituição de ensino e o lar dos alunos.

### 3.2.2 História da psicanálise

No primeiro artigo sobre psicanálise, escrito em 1948, *Contribuição para a história do desenvolvimento da psicanálise em São Paulo*, Virgínia Bicudo relatou que, em 1919, o psiquiatra Franco da Rocha já fazia menção à psicanálise durante suas aulas de psiquiatria na Faculdade de Medicina de São Paulo. Em 1920, havia publicado um livro chamado *A doutrina de Freud*, demonstrando o seu papel precursor nos primórdios da psicanálise no Brasil. No entanto, foi o pioneirismo de Durval Marcondes que possibilitou a instituição da psicanálise no país, fundando a primeira Sociedade Brasileira de Psicanálise, em 1927. Em carta à Durval Marcondes, Franco da Rocha prevê o futuro da psicanálise:

Há de chegar um dia em que a psicanálise será coisa assentada e sabida, aceita por todo o mundo. Os próprios detratores dirão: não fui nunca contrário a ela: sempre a aceitei; era lá um ou outro tópico que provocava dúvida, mas sempre admirei Freud e sua doutrina, etc., etc. (BICUDO, 1948, p. 70)

Portanto, se, desde o início dos anos 1930, Durval Marcondes já havia feito negociações com a IPA para que viesse um analista iniciar as formações de psicanalistas

em São Paulo, foi apenas em 1937 que Adelaide Koch chegou ao Brasil. Assim, todas as funções de ensino e transmissão foram concentradas nela, que passou a fazer o ensino teórico, as análises didáticas e as supervisões, o que possibilitou a fundação em 1944 da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, filiada à IPA, que vigora até hoje.

Houve um tempo largo entre a fundação da SBPSP e os primeiros grandes eventos de discussão e ensino da psicanálise. De acordo com Virgínia Bicudo (1967a), na I Jornada Brasileira de Psicanálise, os psicanalistas se debruçaram sobre três conceitos psicanalíticos: transferência, resistência e *acting out*. Entre os analistas, havia os que fundamentavam a discussão a partir de Freud e Otto Fenichel (psicanalista austríaco) e os que se embasavam em Melanie Klein. Entre os últimos, encontrava-se Bicudo. A grande maioria dos trabalhos teve o intuito de delimitar o conceito de *acting out*. Virgínia Bicudo sintetizou a ideia principal de cada apresentação, assim como as discussões teóricas abordadas durante a jornada.

### 3.2.3 Psicanálise com crianças

*Algumas considerações sobre as necessidades emocionais da criança de 0 a 1 ano de idade* (1967e), publicado no *Jornal de Psicanálise*, é um artigo completamente amparado na teoria kleiniana, em que Virgínia Bicudo introduz algumas questões relativas ao desenvolvimento dos bebês. Os mecanismos psíquicos de defesa, como a projeção, são discutidos, assim como os fatores emocionais relativos à angústia de morte nos bebês, algo que, segundo Bicudo, era pouco debatido. A onipotência infantil também é analisada, junto à onisciência e onipresença. A relação com o seio é qualificada, de acordo com as concepções de Melanie Klein, entre gratificação e frustração, seio bom e seio mau. Indicações quanto à educação das crianças pequenas são prescritas, como, por exemplo, a relação com o seio e o intervalo das mamadas.

No trabalho *Aspectos históricos do desenvolvimento da psicanálise da criança no Brasil: Instituto de psicanálise da SBPSP* (1988a), publicado na *Revista Brasileira de Psicanálise*, Virgínia Bicudo faz um relato de como se deu a implementação da psicanálise com crianças no Brasil. De acordo com ela, a psicanálise com crianças em São Paulo começou em 1938 dentro da Clínica de Orientação Infantil da Seção de Higiene Mental Escolar, organizada por Durval Marcondes. Em seu segundo ano de análise didática com a Adelaide Koch, Bicudo deu início à sua atuação na mesma

clínica. Concomitante ao tratamento das crianças, eram também feitas orientações aos pais e diversas publicações em revistas, livros e programas de rádio, que, mais tarde, culminariam nos programas de divulgação da psicanálise criados por Virgínia Bicudo, o *Nosso Mundo Mental*.

A respeito da análise com crianças, Bicudo relatou como foi que em Londres obteve contato com a Clínica de Crianças, algo que ainda não existia no Brasil. A sua aprendizagem se deu tanto nos seminários de Melanie Klein, no Instituto de Psicanálise da Sociedade Britânica, quanto na *Tavistock Clinic*, com John Bowlby, no curso de observação de bebês, com Esther Bick, e em supervisões de análise com crianças. No seu retorno ao país, relatou o seu empenho em transmitir o que havia aprendido em Londres, tanto para a Clínica de Orientação Infantil quanto para o Instituto de Psicanálise. Nomeada diretora do Instituto de Psicanálise da SBPSP, inseriu os ensinamentos de Melanie Klein no programa da instituição, impulsionando o início e o estabelecimento de análise de crianças em São Paulo. Nas palavras de Bicudo:

A lentidão no desenvolvimento da Psicanálise de Criança parece-nos conseqüente à insegurança do psicanalista para formar o vínculo psicanalítico com a criança em processo de crescimento e totalmente dependente do adulto. A criança põe à prova a capacidade do analista para ser continente das identificações projetivas, sem perturbar-se emaranhando-se na própria transferência. (BICUDO, 1988a, p. 661)

O período de aprendizagem na Inglaterra com Melanie Klein foi muito importante para Virgínia Bicudo, como podemos notar em seu trabalho *Contribuição de Melanie Klein à psicanálise segundo minha experiência* (1981). Nele, relatou o seu contato direto com Klein e como as suas contribuições teóricas possibilitaram um avanço da psicanálise. Ressaltou, ainda, o quanto se beneficiou, enquanto psicanalista, da aprendizagem sobre a técnica psicanalítica a partir do seu contato com a teoria kleiniana, além de seu ganho pessoal, obtido pela proximidade com a psicanalista inglesa.

Certamente, Virgínia Bicudo atribuiu grandes avanços para a psicanálise ao trabalho pioneiro de Melanie Klein, como a possibilidade de analisar pacientes psicóticos e crianças, assim como a importância, para a criança, do brincar em análise, como algo análogo à associação livre. É também nesse trabalho que Bicudo listou as demais contribuições kleinianas, a saber:

- I. Klein retomou a teoria de Freud sobre instintos de vida e de morte;
- II. Desenvolveu a teoria sobre as fantasias e os mecanismos de defesa, de identificação projetiva e introjetiva, de “splitting” e de negação e idealização, compondo a posição esquizoparanóide;
- III. Desenvolveu a teoria sobre a posição depressiva, destacando o mecanismo de reparação e os sentimentos de culpa, de amor e de gratidão;
- IV. Desenvolveu a teoria dos objetos internos;
- V. Desenvolveu a técnica de análise da criança, utilizando-se do brinquedo como expressão de fantasias inconscientes, de simbolização e da transferência;
- VI. Desenvolveu a análise da transferência negativa e positiva no aqui e agora das vicissitudes das angústias. (1981, p. 11)

### 3.2.4 A formação do psicanalista

Para Virgínia Bicudo, a técnica psicanalítica atrai resistências, pois visa conhecer o inconsciente. De acordo com ela, é por meio do recurso da defesa maníaca que as pessoas repudiam os conhecimentos advindos da psicanálise. No trabalho *Dois formas ativas de resistência à psicanálise: hostilidade declarada e falsa adesão* (1967d), Bicudo escreveu que fazem parte da defesa maníaca tanto a negação e o combate à técnica psicanalítica quanto aqueles que, adeptos, com entusiasmo já se promovem rapidamente a psicanalistas.

Tanto aqueles que expressam suas angústias através de hostilidade aberta contra o conhecimento do inconsciente, quanto aqueles que o fazem por meio de uma adesão falsa causam danos e prejuízos a indivíduos inadequadamente assistidos e à sociedade então mal informada pela desmoralização da psicanálise. (BICUDO, 1967d, p. 403)

Se, para Virgínia Bicudo, a hostilidade declarada à psicanálise é o medo que o sujeito tem de tomar conhecimento de si, a falsa adesão parte do mesmo medo junto a uma fantasia onipotente de que o sujeito possa curar a humanidade. “Acreditando-se capacitados, dispensam-se da formação necessária para a ação adequada como psicanalista e hipomaniacamente se lançam em uma tarefa tão inatingível, quanto catastrófica” (BICUDO, 1967d, p. 403).

Em *Contribucion de Freud a las ciencias sociales* (1969d), Virgínia Bicudo escreveu sobre a inegável influência de criador da psicanálise para os estudos da cultura

e para a civilização em geral. Apresentou pontos importantes da teoria psicanalítica, respondendo a uma crítica comum feita aos analistas, o isolamento. Ao acatar a crítica, evidenciou a relevância e a persistência de Freud que, mesmo sob fortes críticas dos meios científicos, seguiu adiante.

De acordo com Bicudo, é sobre um clima de resistência que trabalha o psicanalista. Logo, apesar das inúmeras críticas, a psicanálise sobrevive, pois o psicanalista sabe que a resistência é um fenômeno que não se esgota, já que é oriunda do inconsciente. Virgínia Bicudo afirmou que é justamente por causa da resistência inconsciente, também presente no analista, que as discussões com os leigos se tornam “um diálogo entre surdos” (1969d, p. 278).

O tema da formação do analista também foi debatido em uma entrevista com Bicudo para o *Jornal de Psicanálise*. Em *Conversando sobre formação* (1989a), o entrevistador buscou ser porta-voz dos alunos do Instituto de Psicanálise, questionando-a acerca dos pontos críticos e deficitários da formação do psicanalista. Insatisfeitos com o currículo estruturado, os alunos observaram um *déficit* na formação e na apreensão dos conceitos básicos, constatado nas conversas, nos relatórios de supervisão, nas queixas aos coordenadores e, inclusive, à diretoria do Instituto de Psicanálise. Pode-se observar, nas respostas de Bicudo, a sua enorme consideração pelo estudo de Freud. Ela defendeu um estudo sistematizado da teoria freudiana e, apenas depois disso, poder-se-ia incluir outros psicanalistas, como Bion e Klein. Portanto, ainda que tivesse outros psicanalistas como referências teóricas importantes, ela manteve-se freudiana, demarcando a importância de sempre se apoiar em Freud.

Quanto às perguntas sobre as técnicas da psicanálise, Bicudo afirmou que só existe uma técnica psicanalítica, que é a de Freud. Os outros psicanalistas, para ela, fizeram importantes contribuições, mas a técnica continuou sendo apenas uma, “adequada à pesquisa do Inconsciente” (BICUDO, 1989a, p. 17). Portanto, para Virgínia Bicudo, “A identidade do psicanalista se forma na medida em que ele se identifica com a técnica da Psicanálise” (1989a, p. 17). O essencial à técnica, conforme Bicudo, é o respeito ao *setting*, para que possa ocorrer a transferência.

Ainda sobre a questão da formação, escreveu, em 1969, sobre a função do psicanalista, que, segundo ela, só pode ser desempenhada uma vez que o analista preencha os seguintes requisitos: “(1) estar dotado de certas condições de ajustamento e qualidades da própria personalidade; (2) possuir conhecimentos sobre a dinâmica do

inconsciente e experiência na técnica psicanalítica” (BICUDO, 1969a, p. 1). A análise didática em instituição credenciada pela IPA também era imprescindível ao psicanalista, assim como os cursos teóricos e práticos que ali eram ministrados.

Em um curto e preciso texto de 1970 para o *Jornal de Psicanálise*, intitulado *Contribuição do psicanalista à sociedade*, Virgínia Bicudo conduziu uma discussão sobre o papel da psicanálise. Esta recebia acusações de fomentar entre os jovens a rebeldia e a liberdade sexual, bem como de ser omissa frente aos problemas sociais. Diante dessas críticas, Bicudo argumentou que a psicanálise influenciou diversos âmbitos e, conseqüentemente, contribuiu “para certo desrecalcamento”. Logo, “tal influência é benéfica, mesmo quando se traduza em intensa inquietação e angústia, pois mobiliza a ação e o pensamento para novas definições de vida” (1970, p. 1). Quanto à crítica pela suposta omissão da psicanálise, Bicudo assegurou aos psicanalistas a certeza de uma contribuição social sem utopias, já que são conscientes dos seus próprios limites enquanto analistas e, também, da própria limitação enquanto humanos.

*Incidência da realidade social no trabalho analítico* (1972b) é um relatório sobre tema homônimo para o IX Congresso Latino-Americano, realizado em Caracas. Para Bicudo, o termo incidência sugere que há uma quantificação da realidade que pode incidir ou não no trabalho analítico. Bicudo inicia o relatório contestando o título do tema oficial, já que, para ela, o trabalho de análise acontece dentro da realidade social; logo, a incidência dessa realidade dentro da análise é completa. Seu objetivo com o relatório não é mensurar essa incidência, mas analisar a realidade social trazida à análise pelo paciente e pelo analista.

Enquanto o paciente traz à análise a realidade social em que está inserido, o analista precisa “abstrair-se quando em situação analítica” (BICUDO, 1972b, p. 288), mesmo estando inserido nessa realidade. De acordo com Bicudo, é contraproducente para o trabalho do analista reviver sua realidade dentro do *setting*, sendo necessário um “*splitting*, que lhe possibilite separar-se de sua realidade social, da qual compartilha em outros papéis que não o de psicanalista, e que incluem seus preconceitos, suas idiossincrasias e preferências, suas ideologias: religiosas, raciais, políticas e pseudocientíficas” (1972b, p. 289). Virgínia Bicudo discorreu longamente sobre o significado de doutrina, ideologia e ciência, pois se distinguem da psicanálise, já que essa se aproxima de uma ciência pura, pois é “Constituída por um corpo de teorias

obtidas pela aplicação da técnica psicanalítica” (1972b, p. 288) não cabendo designações de caráter ideológico ou doutrinário.

Para Virgínia Bicudo, enquanto psicanalistas e humanos, mesmo atentos às premissas da técnica, ainda estamos sujeitos “às injunções de não poder erradicar de si as fantasias inconscientes, e de, em certo grau, inevitavelmente transformar o conhecimento científico em pensamento ideológico” (1972b, p. 290). Sob esse aspecto, uma boa formação para o psicanalista é imprescindível para que os próprios preconceitos e ideologias sejam controlados. No entanto, “A orientação técnica, que preconiza ao analista abster-se de incluir na situação analítica sua realidade social ideológica, não implica em alienação social” (BICUDO, 1972b, p. 296). A instrumentação obtida através do aprendizado da técnica psicanalítica possibilita que o analista tenha recursos para reduzir as interferências no *setting*. Era evidente que Virgínia Bicudo conferia enorme valor à formação institucionalizada, insistindo na regulamentação da profissão do psicanalista, “tornando inadiável uma tomada de posição para a legislação da profissão, fundamentada em critérios que reconheçam a quem por direito legítimo cabe intitular-se psicanalista” (1972b, p. 302).

O artigo *A investigação em psicanálise* de 1996 é um compilado de alguns conceitos psicanalíticos e que tem o intuito de fornecer ao leitor os instrumentos básicos do processo analítico. Como se dá a situação analítica, *setting*, e como operam a transferência e a interpretação são alguns dos conceitos abordados. As contribuições teóricas de Bion e as de Melanie Klein são destacadas. Bicudo diz que “o psicanalista traz consigo o benefício da experiência da própria análise” e deve se apresentar “amoral, agnóstico, apolítico” (1996, p. 44). Aqui, de novo, Bicudo apontou que são necessários certos atributos prévios do psicanalista:

O artista é particularmente dotado para perceber conjunções constantes. E para desenvolver as funções de psicanalista são necessárias certas qualidades, entre outras: um tipo mental que não seja psiquicamente refratário ao contato com o inconsciente, mas que ao contrário, seja dotado de curiosidades sobre os mistérios da mente e de capacidades negativa e de reparação, qualidades estas necessárias para ser continente de identificações projetivas. (BICUDO, 1996, p. 45)

### 3.2.5 Psicanálise e arte

Há uma importante transcrição de uma apresentação de Virgínia Bicudo, no 13º Congresso de Psicanálise, cuja temática “Psicanálise, Imitação ou Criação?” contava com apresentações seguidas de discussão entre analistas e um público familiarizado com a psicanálise. Nessa transcrição, de 1991, tomamos conhecimentos de algumas questões caras à Bicudo, comentadas por ela já no final de sua vida, aos 81 anos.

Para Virgínia Bicudo, a psicanálise exige talento. O talento para Bicudo é uma conjunção de fatores denominados por ela de vértices, que significam inveja, culpa, voracidade e narcisismo. Comparando o desempenho de um psicanalista a de um artista, Bicudo afirmou que há algumas características necessárias para aqueles que desejam ser psicanalistas. “Uma pessoa pode ter mais sensibilidade para a pintura ou para a música do que outra. Isto também acontece com o psicanalista. Suas características decorrem da peculiar conjunção desses vértices, é disto que depende a qualidade ou a capacidade para o desempenho como psicanalista” (1991, s/p).

No que tange à criatividade, tema da discussão do congresso, Virgínia Bicudo sugere aos analistas que ampliem o instrumental de sua clínica. Isto é, que não falem aos pacientes somente a partir de uma linguagem psicanalítica, mas que exerçam a sua criatividade buscando ilustrações de outras áreas para as suas interpretações.

Na discussão que se segue, algumas ponderações de Bicudo justificam a sua convicção na psicanálise como um dispositivo de transformação social. Como já relatado no primeiro capítulo, Virgínia Bicudo foi para Brasília com o intuito de analisar líderes políticos, acreditando que essa era uma das formas de contribuição da psicanálise à sociedade. Aqui, novamente, percebemos uma psicanalista implicada com o seu meio. De acordo com Bicudo: “quando analiso o presidente de uma empresa, ou de um país, estou influenciando na capacidade criativa de uma pessoa chave para um grupo. Desta maneira o trabalho do analista, mesmo sendo limitado à sua prática particular, acaba se estendendo ao grupo” (1991, s/p).

Sempre respaldada pela teoria psicanalítica, Virgínia Bicudo escreveu sobre uma peça de teatro - *Introdução aos comentários sobre a peça “Édipo Rei”* (1967b). É um trabalho de transcrição dos comentários de psicanalistas da SBPSP e de psiquiatras

em um debate após a encenação da peça teatral Édipo Rei com o ator Paulo Autran e direção de Flávio Rangel. Retomo uma pontuação que me chamou atenção no comentário de Bicudo. Para ela, a arte tem um potencial maior para transmitir uma mensagem do que a ciência pois, ao se dirigir às emoções, os espectadores podem usufruir de um prazer advindo da estética que transpõe a resistência. No entanto, o que se coloca nesse trabalho é o debate dos psicanalistas e psiquiatras representando a ciência em contraposição ao diretor e aos atores, representando a arte. Bicudo advogou pela participação daqueles que representam a mensagem da ciência nos debates desse tipo, pois “faz-se necessária e com o sentido altamente construtivo de possibilitar a conscientização da mensagem comunicada através de recursos artísticos” (1967b, p. 219). Nota-se, que para ela, a presença do psicanalista em outros meios é imprescindível. Além de criar uma interlocução com outras áreas, possibilitando um diálogo fértil, a crítica do psicanalista distante da sociedade perde o sentido diante das inúmeras articulações possíveis à psicanálise propostas por Bicudo.

Nessa mesma direção, há outro artigo de 1966, escrito para o Jornal de Psicanálise, em que o filme “O mundo do esquizofrênico” é comentado e analisado. De acordo com Bicudo, o filme se propõe a adentrar a mente do esquizofrênico e compreender o que acontece dentro do seu mundo mental, apresentando a psicopatologia da esquizofrenia. Afirmou que as fases do desenvolvimento infantil descritas por Melanie Klein, como os mecanismos psíquicos de defesa, são reativadas na esquizofrenia, o que foi retratado no filme e analisado em seu comentário.

Ainda sobre arte e cultura, o seu terceiro e último trabalho que versa exclusivamente sobre uma obra artística, é *A mensagem de roda-viva* (1968a), peça de teatro de Chico Buarque. Símbolo da resistência no período da ditadura militar, encenada em 1968 sob a direção de José Celso Martinez Correa, foi um marco para a cultura brasileira, por evidenciar problemas sociais. O extenso comentário de Bicudo se dá a partir da seguinte pergunta: “Por que razão “Roda-Viva” tem sido destacada por debates apaixonados e, recentemente, por atos de violência e perversão?” (BICUDO, 1968a, p. 233). Diante de todos esses artigos, percebemos que a sua atuação como analista não se limitava à clínica, assim como os seus esforços em fazer da psicanálise um discurso que se comunicava com outras áreas do saber. Ao propiciar debates entre a teoria psicanalítica com a arte, Virgínia Bicudo ampliava as fronteiras da interlocução da psicanálise.

### 3.2.6 Teoria psicanalítica

São numerosos os artigos sobre a teoria psicanalítica, demonstrando a intensa produtividade de Virgínia Bicudo nessa área. Os trabalhos publicados vão de 1966 até 2010 e seus temas são variados – muitas vezes trazem casos clínicos para fundamentar as suas discussões teóricas, tendo como suporte, na maioria das vezes, Freud, Bion e Klein. O objetivo de divulgação da psicanálise é evidente, assim como o seu apoio à uma formação institucionalizada.

*Mito, instinto de muerte y regresión en el proceso analítico* (1968c), publicado em uma revista Argentina, trouxe o mito como plano central para a experiência analítica. Bicudo em vários artigos, como nesse, utiliza casos clínicos para exemplificar pontos específicos da teoria psicanalítica. Para ela, os relatos clínicos permitem ao psicanalista a reconstrução dos mitos universais, com as especificidades de cada sujeito.

Em outro artigo sobre teoria psicanalítica, *Regressão no processo analítico* (1968d), articulado para o VII Congresso Latino-Americano em Bogotá, Virgínia Bicudo fez uma incursão aprofundada do conceito de regressão, sintetizando as contribuições de diversos psicanalistas. Se a regressão pode ser resumida como um retorno da libido às etapas anteriores do desenvolvimento mental, sustentou que também pode ser um resultado da análise, podendo ser mobilizada pelo psicanalista de forma construtiva. A regressão no processo analítico não é algo corroborado por todos os psicanalistas. No entanto, para ela é inevitável, podendo ser manejada pela técnica analítica tanto quanto os mecanismos de defesa ou a transferência. Assim, a regressão “é considerada processo útil, inerente ao processo analítico e imprescindível para que os pontos de fixação sejam alcançados e permitam a evolução da libido e sua reintegração nas funções do ego” (BICUDO, 1968d, p. 505).

No ano de 1968, Virgínia Bicudo escreveu um artigo enquanto exercia o papel de diretora do Instituto de Psicanálise da SBPSP em parceria com um membro da mesma sociedade. Ao se mover pelos conceitos de fantasia inconsciente e *acting-out*, Bicudo e Barbosa (1968e) apresentaram um caso clínico cujo paciente, por meio do *acting-out*, tinha uma “descarga de fantasia inconsciente para aliviar-se de angústias

persecutórias” (p. 59). Através da análise, o paciente pode obter diminuição dos episódios de *acting-out* e encontrar na arte um meio para a sublimação.

Também escrito em parceria, dessa vez com Américo Rufino, *Problemas do ego face a identificações míticas e identidade de sexo* (1969b) foi apresentado no Iº Congresso Brasileiro de Psicanálise. Ambos fazem formulações teóricas relacionando casos clínicos com mitos e levantam hipóteses sobre a constituição da identidade sexual, o que para eles se referia apenas à escolha de parceiro amoroso/objeto sexual.

Apresentado em uma reunião da SBPSP, *Breves considerações sobre a primeira hora de sessão analítica* (1969c) é um pequeno trabalho em que Virgínia Bicudo discorre sobre a primeira sessão. Essa, precedida por uma entrevista, proporciona ao psicanalista o conhecimento de como se dará a análise do paciente. Para Bicudo, é na primeira sessão que as defesas regressivas são reativadas, dividindo o paciente entre o desejo de ser e não ser analisado, assim como as angústias e os mecanismos de defesa são intensamente mobilizados. O paciente, de acordo com Bicudo, “apresenta-se da forma melhor que pode ao se relacionar com o analista. É através dessa forma de ser que o paciente nos dá indicação de como se desenvolverá a sua análise” (1969c).

*Aspectos técnicos no tratamento psicanalítico da depressão* (1969e) foi apresentado quando Virgínia Bicudo era diretora do Instituto de Psicanálise da SBPSP, tema escolhido para o Iº Congresso Brasileiro de Psicanálise. Bicudo faz uma síntese das diferentes abordagens dos relatórios dos psicanalistas e dos grupos de discussão em relação ao tema depressão, quanto à etiologia e tratamentos propostos no congresso.

A relação médico-paciente foi também uma de suas preocupações. Há, sobre o assunto, uma conferência pronunciada por Virgínia Bicudo na Universidade de Brasília por ocasião da 8º Reunião Anual da Associação Brasileira de Escolas Médicas. Requisitada para articular a psicanálise com a relação médico-paciente, Bicudo proferiu um discurso em que apresentou a psicanálise, destacando a importância da relação do profissional da saúde com aquele que busca auxílio, onde o valor de cura também se encontra no vínculo dos dois.

Diante disso, em *Avaliação de atitudes do médico na relação médico – paciente* (1970c), analisou como o médico mobiliza seus afetos na relação com o paciente e como esse idealiza o médico, muitas vezes com um comportamento infantil. De acordo com Bicudo, os médicos podem estar sob intenso sentimento narcísico, cuja

cura do paciente figura como uma autoafirmação da onipotência. Outro problema observado por ela na relação entre médico e paciente é a indiferença do primeiro em relação ao segundo. O especialista, ao tratar somente um determinado órgão, pode simplesmente ignorar e menosprezar os problemas emocionais do paciente, que se reflete na parte física e na capacidade de cura das suas patologias. Ignorar a função psicoterápica do médico é um erro, pois, segundo Bicudo, há um “fator curativo na relação médico-paciente” (1970c, p. 10).

É na transferência que Virgínia Bicudo encontra um ponto normalmente não abordado pelas instituições que formavam os médicos, afirmando que é imprescindível um treinamento do estudante de medicina para que o relacionamento com o paciente possa ser manejado com uma finalidade terapêutica. “Na medida em que o médico se apercebe dos próprios sentimentos e atitudes, mais apto se torna para entender o paciente e assim abrir-lhe caminho para superar conflitos emocionais e liberar o desejo de viver, condição psíquica ponderável no restabelecimento da saúde” (BICUDO, 1970c, p. 16).

O trabalho *Psiquismo e robotização* (1976), apresentado na 28ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para O Progresso da Ciência, foi elaborado por Virgínia Bicudo em parceria com outros quatro autores. Ao relacionar o uso das máquinas a uma certa “robotização do homem”, o artigo propõe um contraponto em que a psicanálise aparece como uma tentativa de “desrobotização do homem” (p. 30). Para os autores, é próprio do ser humano delegar funções. Das mais primitivas, como o uso do pelo de urso para cobrir a própria falta de pelos, das pedras como armas no lugar de dentes e unhas e dos cavalos em substituição à marcha das pernas até as máquinas. Para os autores:

A máquina surge como tentativa precária de satisfazer o desejo sobre um servo dócil, barato, infatigável e perfeito. Em cada prelo reside um veloz copista de letra uniforme; em cada câmera, um urgente e fiel retratista; em cada navio, inúmeros escravos, de inigualável ritmo, remando dentro de cilindros. (BICUDO et al, 1976, p. 31)

De todas as descobertas e invenções feitas pelo ser humano, os autores colocaram o computador como a mais inquietante, pois é ele que leva o homem a se indagar se não poderia ser substituído. Nesse trabalho, a presença do psicanalista é apontada como algo que, na experiência com sujeitos que sofrem a desumanização do

trabalho humano e também com problemas em relação a um suposto desempenho esperado, promove a possibilidade de “desrobotização do homem”. Segundo os autores: “A analogia se completa quando apontamos para o processo analítico como uma forma de desrobotizar o homem, isto é, de oferecer aos sistemas agonizantes revoluções que contenham a possibilidade de expandir cada universo pela criação de um sempre ampliável metauniverso” (BICUDO et al, 1976, p. 37).

Em outro artigo sobre teoria, *As somatizações na transferência e na contratransferência* (1984), Virgínia Bicudo comenta o trabalho de um psicanalista, Francisco Helládio Capisano, que havia feito uma apresentação em uma jornada de psicanálise. Tendo os mecanismos psíquicos de defesa como o foco das suas contribuições, Bicudo expôs as somatizações que podem ocorrer na transferência e na contratransferência a partir de um caso clínico. De acordo com Bicudo, Capisano trabalhou o material clínico de uma paciente que tinha “distúrbios epigástricos” quando se sentia agredida e rejeitada pelo psicanalista. Para Bicudo, a somatização da paciente se manifestava também nos sonhos e o seu conteúdo “lança luz sobre a somatização transferencial com fins de sedução” (1984, p. 180). Discordou, ainda, da hipótese de Capisano, que afirmava que havia no próprio corpo da paciente um objeto transicional. Bicudo, baseada nas contribuições teóricas de Winnicott, sustentou que o objeto transicional é algo fora do corpo, um objeto específico que serve de intermediário entre a criança e o mundo.

Em um trabalho apresentado no IV Congresso Latino-Americano de Psicanálise em 1962, e publicado na Revista Brasileira de Psicanálise em 1967, Virgínia Bicudo observou que, na análise, alguns pacientes podem se comunicar sem palavras, através de gestos ou sintomas, correspondendo a um meio regressivo da angústia depressiva ou paranoide se mobilizar. Por meio de fantasias inconscientes de onipotência dos pacientes que creem na onisciência do analista, que “Pretendem tudo dizer e ser entendidos apenas com presença ou ausência, por adiantamentos ou atrasos, pelo silêncio, pela atitude do corpo e movimentos, pelas expressões mímicas, por atos falhos e acting out, pela somatização, pelos gestos de modo geral” (BICUDO, 2003, p. 986-987). Pela exposição de casos clínicos, Bicudo demonstrou que cabe ao psicanalista, mesmo diante do silêncio dos pacientes, prosseguir com a análise, compreendendo e interpretando as comunicações não verbais do paciente.

Após realizar esse percurso sobre os trabalhos publicados por Virgínia Bicudo, foi possível verificar na sua obra apenas duas citações muito breves sobre psicanálise e temas raciais. No entanto, não encontrei qualquer aprofundamento quanto a uma possível articulação desses temas com a teoria psicanalítica. Com o seu afastamento das ciências sociais, houve também um distanciamento dos temas raciais, à medida que a psicanálise foi ganhando mais espaço na sua vida e obra. Se ainda hoje notamos escassez de discussões desses temas na psicanálise, assim como em outras áreas, parece-me evidente a falta de terreno para esse debate no tempo de Bicudo.

Enquanto socióloga, Virgínia Bicudo escreveu dois grandes trabalhos, a sua dissertação de mestrado e a pesquisa para a UNESCO. Encontrei apenas um artigo de Bicudo na área de higiene mental, embora nela tenha atuado bastante. Já como psicanalista são inúmeros os seus trabalhos. Sua interlocução com outros campos do saber foi bastante inovadora, articulando a psicanálise com a arte e com a medicina, que era tão resistente à psicanálise na época. Bicudo não se furtou a responder às críticas que incidiam sobre a psicanálise, demonstrando a sua segurança e certeza na técnica psicanalítica de Freud, bem como a importância da contribuição da psicanálise à sociedade.

### 3.3 As cartas de Virgínia Bicudo

**Imagem 9** - Envelope da correspondência de Melanie Klein para Virgínia Bicudo - 01/06/1956



Fonte: DDPHP, 1956.

O intuito de trazer as cartas de Virgínia Bicudo é para cumprir com o objetivo de que as suas memórias não se percam. Essas cartas estão na Divisão de Documentação e Pesquisa da História da Psicanálise na SBPSP e não foram publicadas até então. São correspondências com pessoas importantes para a história da psicanálise e de outros campos, que comprovam o reconhecimento de Bicudo como uma figura histórica. Eu as fotografei na DDPHP, editei as imagens e as transcrevi (com exceção das duas últimas cartas).

1ª carta- Donald Pierson - 21/08/1942

2ª carta - Roger Bastide - 25/07/1955

3ª carta - Frank Philips - 11/11/1955

4ª carta - Melanie Klein - 01/06/1956

5ª carta - Virgínia Bicudo - 03/09/1956

6ª carta - Melanie Klein - 19/04/1958

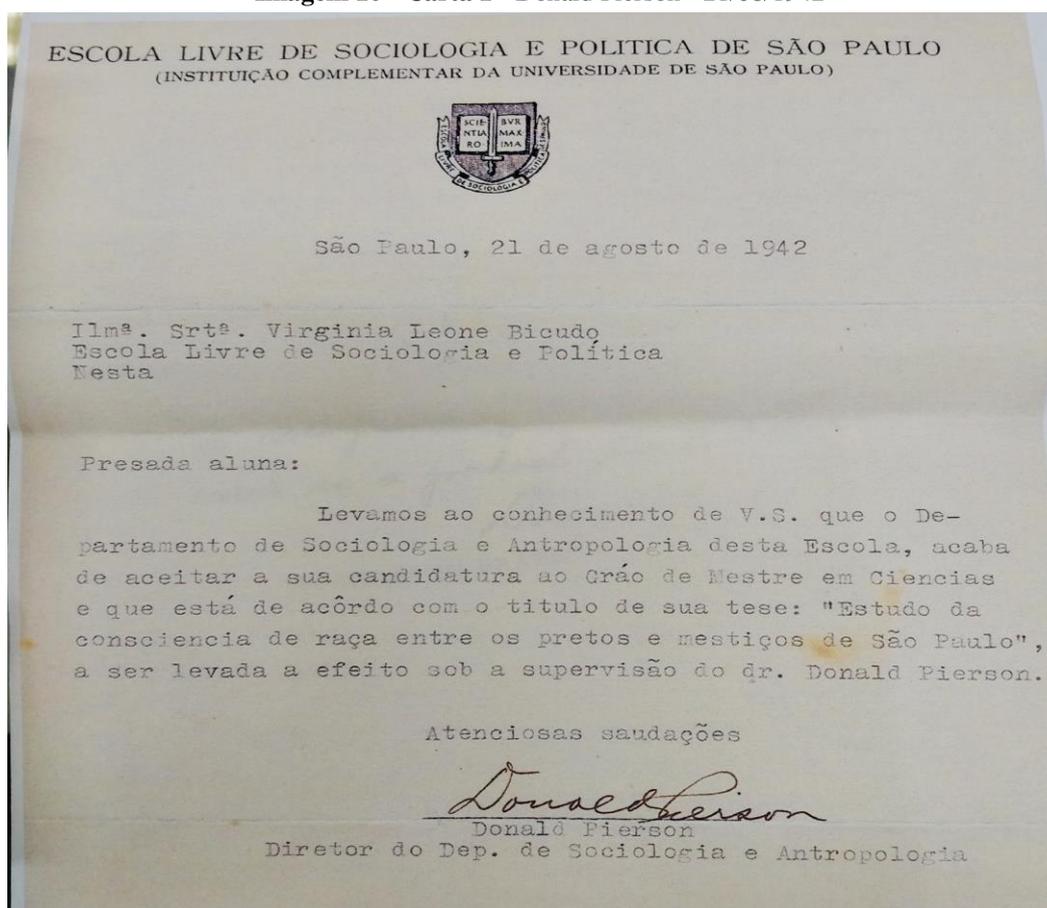
7ª carta - Virgínia Bicudo - 29/07/1959

8ª carta - Virgínia Bicudo - 07/10/1967

9ª carta - Virgínia Bicudo - 12/10/1975

10ª carta - Virgínia Bicudo - 22/12/1983

Imagem 10 - Carta 1 - Donald Pierson - 21/08/1942



Fonte: DDPHP, 1942.

Transcrição – Carta 1 - Donald Pierson

São Paulo, 21 de agosto de 1942

Ilm<sup>a</sup>. Srt<sup>a</sup>. Virginia Leone Bicudo  
Escola Livre de Sociologia e Política  
Nesta

Presada aluna:

Levamos ao conhecimento de V.S. que o Departamento de Sociologia e Antropologia desta Escola, acaba de aceitar a sua candidatura ao grão de Mestre em Ciências e que está de acôrdo com o titulo de sua tese: "Estudo da consciencia de raça entre os pretos e mestiços de São Paulo", a ser levada a efeito sob a supervisão do dr. Donald Pierson.

Atenciosas Saudações  
Donald Pierson  
Diretor do Dep. de Sociologia e Antropologia

Imagem 11 - Carta 2 - Roger Bastide - 25/07/1955

Anduze, 25 de julho de 1955

Prezada O. Virginia Bicudo,

Tive o grande prazer de receber notícias suas através de D. Ginsberg, que passou em Paris há um ou dois meses. Hoje, aproveitando minhas feiras no sul da França, numa pequena cidade, onde passo o tempo trabalhando no meu sítio e escrevendo um livro sobre o Brasil, creio que para lhe mandar minhas boas lembranças.

Não esqueço como bem trabalho em "equipes". Vamos ver no ano próximo, consigo a publicação de um trabalho, seja um livro que trata sobre as relações raciais em S. Paulo, seja uma revista de psicologia. Entretanto, gostaria saber como vai a sua pesquisa sobre os traumas das crianças que falam línguas estrangeiras em família. É este trabalho acabado? Já foi publicado em português? Fiz uma pesquisa sobre as doenças mentais em Paris entre os estrangeiros, que poderei iniciar no ano próximo. Mas deixando de lado as crianças, "caça reservada" do Prof. Heuyer. Mas se a dúvida tem um pouco de tempo, escreva-me para me dar os resultados de sua pesquisa. Não teve tempo de estudar os dados de S. Paulo. Pense em estudar, demonstradamente, no meu seminário da Escola de Altos Estudos, em 55-56.

Me dá notícias de sua saúde e de seus trabalhos, como da psicanálise em S. Paulo; e receba do meu retiro, onde o sol é tão quente que no Brasil, minhas lembranças ficam,

Roger Bastide

98. Rue Erlanger. Paris (16)

Fonte: DDPHP, 1955.

Transcrição – Carta 2 - Roger Bastide

Anduze, 25 de julho de 1955

Prezada O. Virginia Bicudo,

Tive o grande prazer de receber notícias suas através de D. Ginsberg, que passou em Paris (ilegível) ou dois meses. Hoje, aproveitando minhas feiras no sul da França,

numa pequena cidade, onde passo o tempo trabalhando no meu sitio e escrevendo um livro sobre o Brasil, escrevo-lhe para lhe mandar minhas boas lembranças.

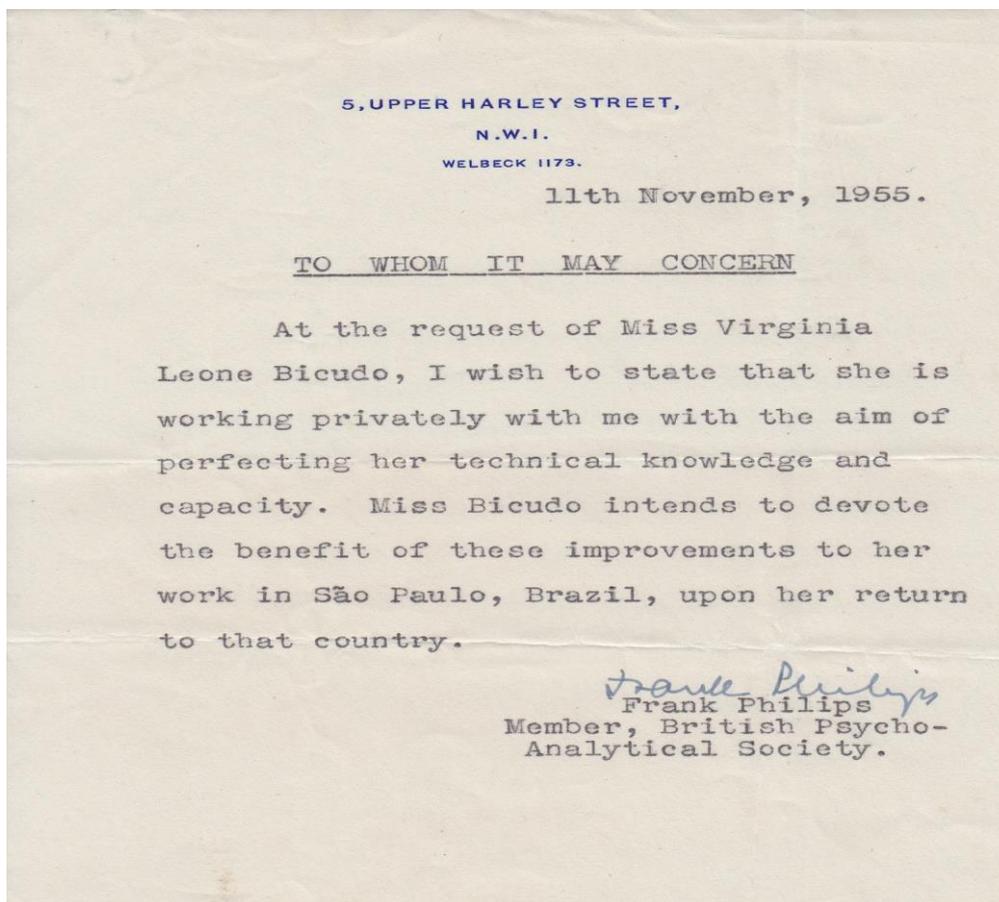
Não esqueço nosso bom trabalho em “equipe”. Vamos ver se no ano proximo, consegue a publicação de seu trabalho, seja num livro qual sobre as relações raciais em S. Paulo, seja numa revista de psicologia. Entretanto, gostaria saber como vai a sua pesquisa sobre os traumatismos das crianças onde se falam linguas estrangeiras em familia. É este trabalho acabado! Ja foi publicado em português? Projetei uma pesquisa sobre as doenças mentais em Paris entre os estrangeiros, que poderei iniciar no ano próximo. Mas deixando de lado as crianças, “caça reservada” do Prof. (ilegível). Mas se a senhora tem um pouco de lazer, escreve-me para me dar os resultados de sua pesquisa. Não tive tempo de estudar os dados das clinicas psiquiátricas de S. Paulo. Penso os estudar, demoradamente, no meu Seminario Da Escola de Altos Estudos, em 55-56.

Me da noticias de sua saúde e de seus trabalhos, como da psicanalise em S. Paulo; e recebe de meu retiro, onde o sol é tão quente que no Brasil, minhas lembranças fieis,

Roger Bastide

98. Rue Erlanger. Paris (16)

Imagem 12 - Carta 3 - Frank Philips - 11/11/1955



Fonte: DDPHP, 1955.

Transcrição – Carta 3 - Frank Philips

11th

November, 1955.

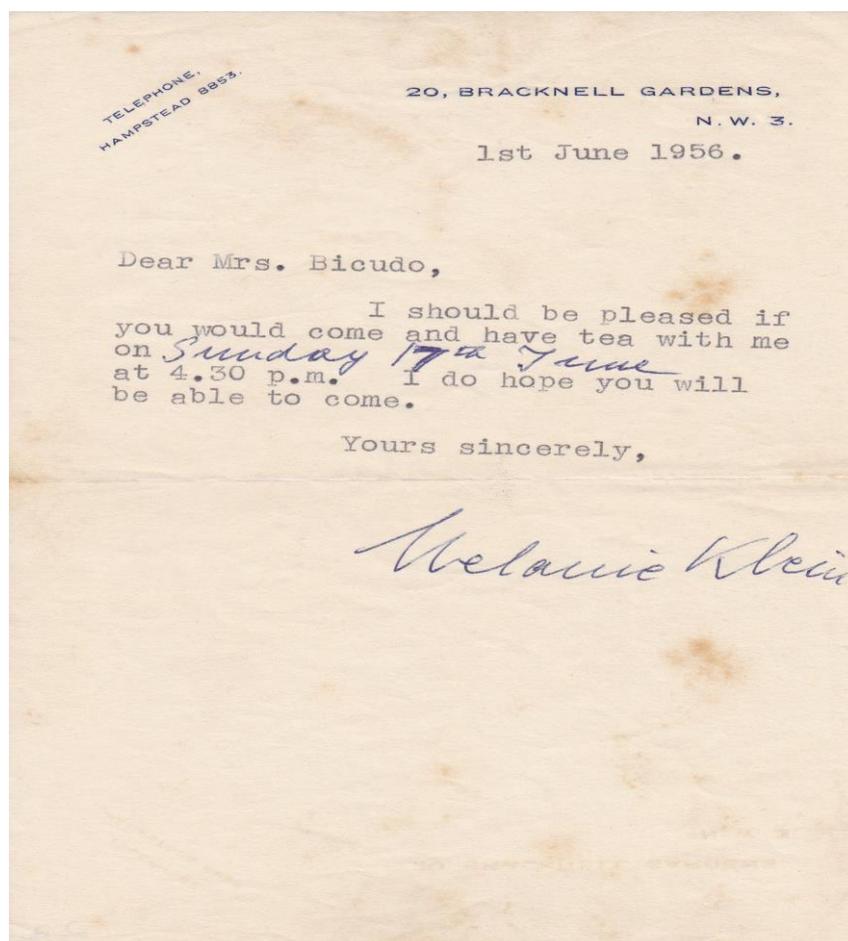
TO WHOM IT MAY CONCERN

At the request of Miss Virginia Leone Bicudo, I wish to state that she is working privately with me with the aim of perfecting her technical knowledge and capacity. Miss Bicudo intends to devote the benefit of these improvements to her work in São Paulo, Brazil, upon her return to that country.

Frank Philips  
Member, British

Psycho-  
Analytical Society

## Imagem 13 - Carta 4 - Melanie Klein - 01/06/1956



Fonte: DDPHP, 1956.

Transcrição – Carta 4 - Melanie Klein

1st

June 1956.

Dear Mrs. Bicudo,

I should be pleased if you would come and have tea with me on Sunday 17th June at 4.30 p.m. I do hope you will be able to come.

Yours sincerely,

Melanie Klein

## Imagem 14 - Carta 5 - Virgínia Bicudo - 03/09/1956

London 3<sup>rd</sup> September 1956

Dear Dr. Rosenfeld,

I have not courage to tell Mrs. Portugal that I am going to Brazil because, I think, she ~~would~~ react with depression. I had better tell her when I return. Then I will be able to give news about her children and family. I am leaving my address in Brazil and as I had written I intend to be back next month.

Yours sincerely,  
Virgínia L Bicudo

Rua Guarará, 86  
São Paulo  
Brazil

Fonte: DDPHP, 1956.

## Transcrição – Carta 5 - Virgínia Bicudo

London, 3th September 1956

Dear Dr. Rosenfeld.

I have not courage to tell Mrs. Portugal that I am going to Brazil because, I think, she would react with depression. I had better tell her when I return. Then I will be able to give news about her children and family. I am leaving my adress in Brazil and as I have written I intend to be back next month.

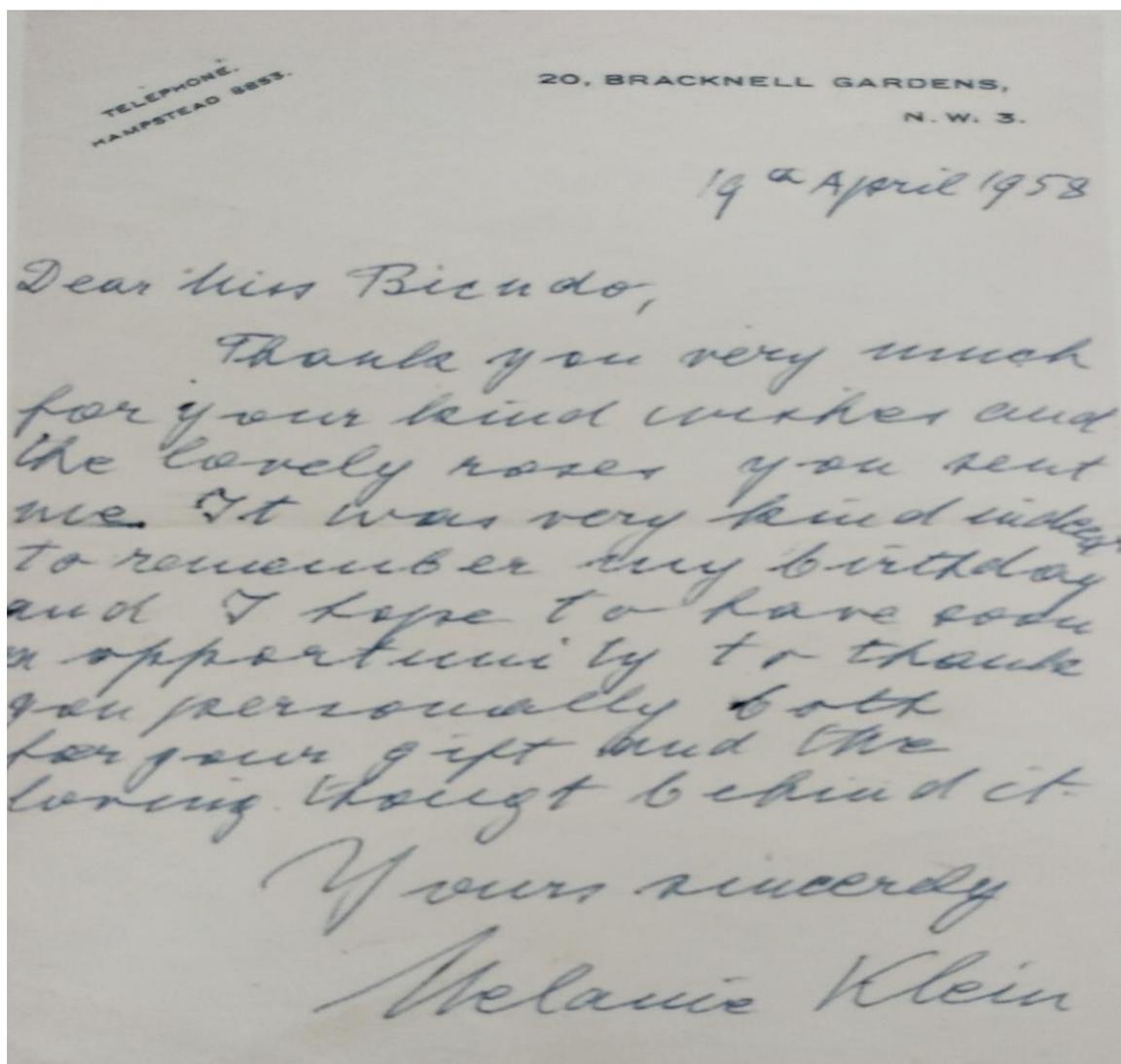
Yours sincerely,

Virgínia L Bicudo

Rua Guarará, 86

São Paulo  
Brazil

Imagem 15 - Carta 6 - Melanie Klein - 19/04/1958



Fonte: DDPHP, 1958.

Transcrição - Carta 6 - Melanie Klein

19th april

1958

Dear Miss Bicudo,

Thank you very much for your kind wishes and the lovely roses you sent me. It was very kind indeed to remember my birthday and I hope to have soon an opportunity to thank you personally both for your gift and the loving thought behind it.

Yours sincerely,

Melanie Klein

## Imagem 16 - Carta 7 - Virgínia Bicudo - 29/07/1959

Virginia L. Bicudo  
 10, Regents Park Terrace, N.W. 1  
 London 29<sup>th</sup> July, 1959

Dear Dr. Bion,

I am sending you Dr Rosenfeld's paper, whose paper I have been reading and taking some notes. At the same time I am writing to ask you something very important to me, that is, if you could lend me some of your papers not yet published. For example, a paper you have presented at one of the Scientific Meetings concerned with "splitting" and internal attacks with consequent disturbances on learning and internal object relations. From your lectures at the Institute I keep the <sup>best</sup> impression that <sup>but also the feeling</sup> you had had ~~had~~ <sup>had</sup> ~~no~~ enough time to bring on discussion all the material you had in mind.

Fonte: DDPHP, 1958.

## Imagem 17 - Carta 7 - Virgínia Bicudo - 29/07/1959

~~If you could~~ borrow for you  
 some of your contributions not yet  
 published ~~if I would~~ be able to read  
~~them~~ and return them before I leave  
 this country. I ~~intended~~ <sup>plan</sup> to go back  
 to Brazil by the end of 1959.  
 My ~~best wishes~~ <sup>best wishes</sup> to you  
 for a very good holiday.

Fonte: DDPHP, 1958.

Transcrição – Carta 7 - Virgínia Bicudo

Virgínia L. Bicudo  
 10, Regents Park Terrace, N.W.I

London 29th July, 1959

Dear Dr Bion,

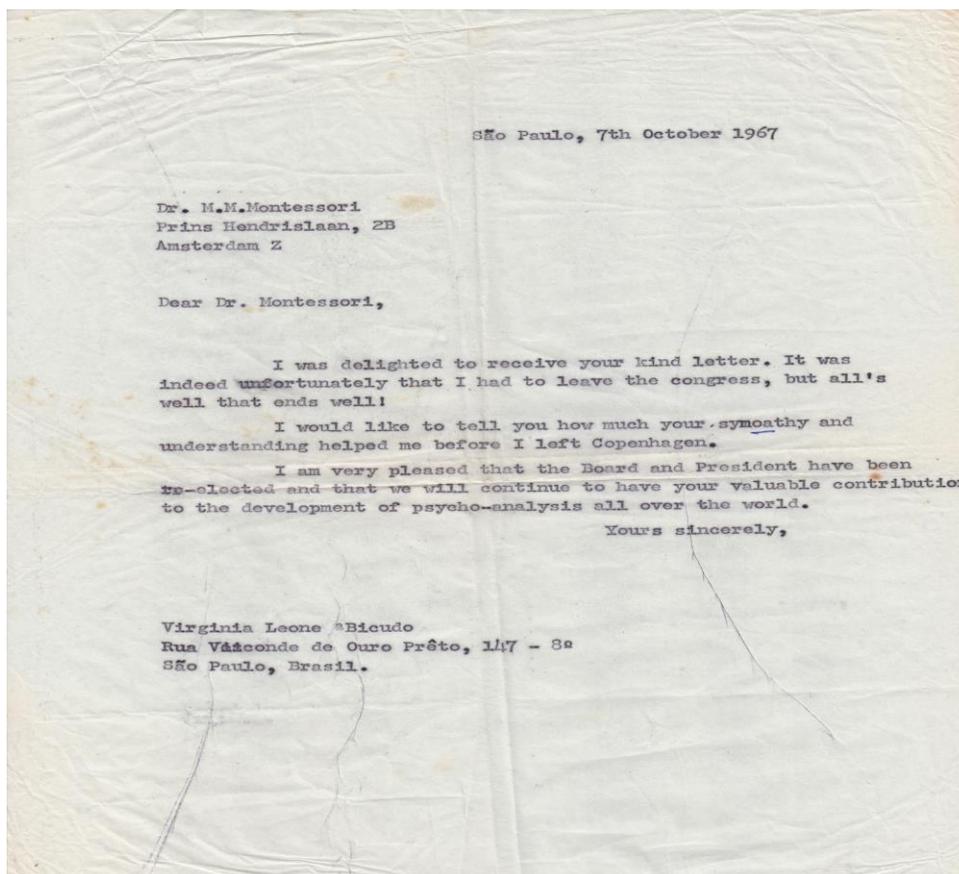
I am sending you Dr Rosenfeld's paper, whose paper I have been reading and taking some notes. At the same time I am writing to ask you something very important to me, that is, if you could lend me some of your papers not yet published. For example, a paper you have presented at one of the scientific meeting concerned with "splitting" and internal attacks with consequent disturbances on learning and internal

object relations. From your lectures at the Institute I keep the best impression but also the feeling that you no time to bring on discussion all the material you had in mind.

If I could borrow from you some of your contribution not yet published I would be able to read return the before I leave this country. I intend to go back to Brazil by the end of 1959.

(Ilegível) your family a very found holiday.

**Imagem 18 - Carta 8 - Virgínia Bicudo - 07/10/1967**



Fonte: DDPHP, 1967.

Transcrição – Carta 8 - Virgínia Bicudo

São Paulo, 7th October, 1967

Dr. M. M. Montessori  
Prins Hendrislaan, 2B  
Amsterdam Z

I was delighted to receive your kind letter. It was indeed unfortunately that I had to leave the congress, but all's well that ends well!

I would like to tell you how much your sympathy and understandingg helped me before I left Copenhagen.

I am very pleased that the Board and President have been re-elected and that we will continue to have your valuable contribution to the development of psycho-analysis all over the world.

Yours sincerely,

Virginia Leone Bicudo  
Rua Visconde de Ouro Preto, 147 - 8º  
São Paulo, Brasil.

Imagem 19 - Carta 9 - Virgínia Bicudo - 12/10/1975

Brasília, 12 Outubro 1975  
 My dear Francesca,  
 Thank you very much indeed for your letter dated 29<sup>th</sup> September as well for your invitation. I did not answer before because I have nothing for some days my reason to visit you in Los Angeles, and enjoy the company of you and Wilfred. I had thought a lot, but at this opportunity I must be away from my work longer than one week. There is another problem in my mind, one further which, if an issue, you could not give it as referring to the social psychology of the Americas - I could do in "nick" before I see if you have!  
 I wish I could run from there to Los Angeles! Once more, thank you  
 Love, from  
 Virgínia

Fonte: Moretzsohn, 2013.

Tradução de Maria Ângela Gomes Moretzsohn (2013) – Carta 9 - Virgínia Bicudo

Brasília, 12 de outubro de 1975

Querida Francesca,

Muito obrigada, realmente, por sua carta datada de 29 de setembro, bem como por seu convite. Não respondi antes porque estendi por mais alguns dias meu sonho de visitar vocês em Los Angeles e usufruir da companhia sua e de Wilfred. Refleti muito, e neste momento não posso ficar longe de meu trabalho por mais de uma semana. Há um

outro problema na minha cabeça, um problema que, estou certa, você não poderia imaginar. Refiro-me ao preconceito racial dos americanos - eu poderia estar em risco, antes de chegar à sua casa!

Gostaria de poder correr do México para Los Angeles! Mais uma vez, muito obrigada.

O amor de

Virgínia

Imagem 20 - Carta 10 - Virgínia Bicudo - 22/12/1983

À minha Família: Mãe e  
 Irmãs e Irmão solicito fazer  
 cumprir meu desejo de ser  
incinerada em lugar de ser  
 enterrada. Este desejo está base-  
 ado em meu modo de pensar  
 sobre o corpo sem vida.

O corpo sem vida retorna  
 ao mundo inorgânico e em lugar  
 de tomar espaço em cemitério  
 é mais inteligente que seja  
 transformado em um feudo de  
 cinzas tirado à terra.

Sejam pagoveis. Estaremos  
 sempre juntos; somos de natureza.

São Paulo, 22 de dezembro 1983  
 Virgínia Bicudo

(Firma, Rua Estados Unidos)

Fonte: Moretzsohn, 2013.

Transcrição – Carta 10 - Virgínia Bicudo

À minha Família: Mãe e Irmãs e Irmão solicito fazer cumprir meu desejo de ser incinerada em lugar de ser enterrada. Este desejo está baseado em meu medo de pensar sobre o corpo sem vida.

O corpo sem vida retorna ao mundo inorgânico e em lugar de tomar espaço em cemitério é mais inteligente que seja transformado em um punhado de cinzas atirado à terra.

Sejamos razoáveis. Estaremos sempre juntos! Somos da natureza.

São Paulo, 22 de dezembro 1983

Virginia L. Bicudo

(Firmo, Rua Estados Unidos)

As cartas de Virgínia Bicudo trouxeram dados novos à pesquisa. Na primeira correspondência, em que Donald Pierson escreveu à Bicudo para lhe informar de que a ELSP aceitava a sua candidatura no mestrado, vemos que a sua dissertação já teve um outro título. “Estudo da consciencia de raça entre pretos e mestiços de São Paulo”, depois se tornou “Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo”.

Na segunda carta, de Roger Bastide, tomamos conhecimento de uma pesquisa realizada por Bicudo sobre os traumatismos das crianças nas famílias que falavam línguas estrangeiras. Não pude encontrar nenhum relato de publicação dessa pesquisa nos arquivos ou nas citações de outros pesquisadores da obra e vida de Virgínia Bicudo. A pesquisa provavelmente se perdeu.

Nas cartas podemos ver o relacionamento profissional e também afetivo entre Virgínia Bicudo e Frank Philips, Melanie Klein e Wilfred Bion. São psicanalistas importantes para a história e que conviveram com Bicudo no período em que ela morou na Inglaterra. A oitava carta trouxe a única menção do encontro entre Maria Montessori e Virgínia Bicudo que pude encontrar.

A nona carta é para Francesca Bion, a esposa do psicanalista. Nela, Bicudo relatou o seu temor quanto ao preconceito racial dos americanos. Seria um risco visitar a família Bion, pelo fato de Virgínia Bicudo ser uma mulher negra nos Estados Unidos. A última carta dela foi escrita para a sua família. Sensível e comovente, a carta de Virgínia Bicudo é coerente com a sua figura imponente e determinada que acompanhei durante a pesquisa.

## CONCLUSÃO

Nos últimos meses em que esta dissertação foi escrita, vivenciamos uma epidemia sem precedentes na história recente. Trancados em nossas casas, testemunhamos a continuidade de outra epidemia, o apagamento literal das vidas de negras e negros. No momento em que ocorrem protestos no mundo inteiro pela morte de George Floyd e, aqui no Brasil, pela morte de João Pedro Mattos Pinto, de 14 anos, nosso presidente recorre a um copo de leite para reafirmar seu posicionamento racista, em uma evidente apologia à supremacia branca.

Mais uma vez torna-se urgente denunciar o racismo, o preconceito e as diversas discriminações. Não podemos nos manter passivos e condescendentes e, novamente, é necessário denunciar o inadmissível. O racismo extermina vidas, interrompe histórias, apaga feitos, torna invisíveis as obras e perpetua uma segunda morte. Portanto, falar sobre Virgínia Bicudo é absolutamente atual.

Este trabalho é o reconhecimento da sua importância, uma tentativa de dar outro destino para o seu legado. A posição ocupada pela figura histórica de Virgínia Bicudo certamente está muito aquém da sua relevância e, portanto, devemos reverter o seu apagamento. A visibilidade do seu nome e a valorização da sua figura são importantes e devem se fazer presentes nos cursos de graduação, nas sociedades e escolas de psicanálise. É a memória que não pode ser apagada.

Diante disso, o primeiro capítulo dessa dissertação acompanhou o seu percurso, em uma trajetória marcada por uma busca incessante pelo saber. A primeira mulher a fazer análise na América Latina foi também educadora sanitária, visitadora psiquiátrica, socióloga, psicanalista, professora universitária e mais outros tantos predicados que não dão conta de todas as atividades que Virgínia Bicudo desempenhou. Pôde-se confirmar, por meio de seus relatos, que a busca pela sociologia e pela psicanálise se deram pela procura por algo que lhe desse respostas acerca da origem do seu sofrimento oriundo do preconceito de cor. No entanto, os encontros com essas áreas do saber não a detiveram; pelo contrário, a instigaram a prosseguir. Por ter participado da fundação da SBPSP, do Instituto de Psicanálise, criado revistas e jornais de psicanálise, programas de rádio e publicado artigos em jornais com o objetivo de ampliar o horizonte e o alcance da psicanálise, por ter supervisionado tantos analistas e tido uma clínica com inúmeros pacientes, e ainda ter levado a psicanálise para outro estado, pode-se dizer que o seu

papel de transmissão da psicanálise se sobressaiu.

O pioneirismo de Virgínia Bicudo se deu em muitos âmbitos. O seu papel precursor não aconteceu apenas em relação à institucionalização da psicanálise, mas também no início dos estudos raciais no Brasil. Mesmo diante de difíceis circunstâncias, Bicudo teve êxito. A sua persistência e determinação são marcas presentes nas suas entrevistas e nos relatos daqueles que a conheceram.

Ainda no primeiro capítulo, foram analisadas as condições que levaram ao apagamento e ao desconhecimento de Virgínia Bicudo, algo que escancara o racismo que ainda é vigente no país. A branquitude foi discutida, colocando as implicações de ser ter uma pesquisadora branca em uma pesquisa sobre uma intelectual negra em evidência. Algo que sobressaiu nesse debate, para mim, é a importância da participação dos brancos no combate ao racismo.

No segundo capítulo, os trabalhos de cunho racial de Virgínia Bicudo foram estudados. A sua pesquisa para o mestrado, em que analisou as atitudes de pretos e mulatos em São Paulo, revelou que a ascensão social para os negros não era o bastante para acabar com o preconceito de cor e que, mesmo quando as diferenças sociais diminuem, o preconceito permanece. Bicudo se contrapôs ao seu próprio orientador, denunciando um Brasil que denegava o racismo.

Virgínia Bicudo e seu próprio pai foram exemplos de ascensão social. Ambos ascenderam em uma época com escassas possibilidades profissionais para pessoas negras. Bicudo demonstrou que a ascensão social fazia com que negros e mulatos adquirissem consciência racial e, então, se articulassem politicamente, já que testemunhavam que a ascensão não era suficiente para demover o preconceito. Para Virgínia Bicudo, ainda havia a questão do gênero. Ela circulava em ambientes eminentemente masculinos e brancos. Foi a única mulher na sua turma de sociologia, em um tempo em que as mulheres não acessavam as universidades.

Assim como o seu trabalho para o mestrado, a sua pesquisa para a UNESCO demonstrou que o preconceito no Brasil não era de raça, mas sim de cor, já que os mulatos com características associadas à brancura eram assimilados e integrados aos brancos. A sua pesquisa com estudantes em São Paulo analisou também como se deram as escolhas para cada cor e sexo, assim como para os alunos que possuíam outra nacionalidade. Suas conclusões demonstraram a predileção pelos brancos. Observou-se também, nesse capítulo, os relatos de Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra que não ascendeu como Bicudo, apesar de ter deixado como herança importantes e intensos

escritos do seu tempo.

Como o sofrimento vindo do racismo lhe era conhecido, a escuta de Virgínia Bicudo para os participantes dos seus trabalhos certamente é diferenciada. Bicudo abriu espaço para as vozes dos seus entrevistados na sua dissertação e na sua pesquisa para a UNESCO. Os relatos feitos décadas atrás continuam atuais. São relatos de sofrimento, de preconceito, de um racismo que se fazia presente todos os dias, nas ruas, nos trabalhos, nas escolas e também dentro das casas.

No terceiro capítulo foram examinadas as produções de Virgínia Bicudo na psicanálise. O seu livro *Nosso Mundo Mental* e os artigos publicados demonstraram a influência do seu tempo na Inglaterra. Bicudo importou os ensinamentos de Klein e Bion, trazendo novas referências teóricas para a SBPSP. Além disso, deu início à análise com crianças em São Paulo. A importância da infância, da educação e o papel da escola são marcantes no seu trabalho e, já naquele momento, criticava a falta de diálogo sobre a educação sexual. Suas cartas foram transcritas, revelando uma psicanalista que fazia uma interlocução com personalidades importantes do seu tempo.

Nos últimos anos, houve uma discreta retomada da figura histórica de Virgínia Bicudo. Ainda que desproporcional à sua importância, o seu nome voltou a ser falado. Em 2010, houve a comemoração do centenário do seu nascimento na SBPSP, uma reedição da sua dissertação publicada em livro por Marcos Chor Maio (2010) e uma biografia escrita por Jorge Luís Ferreira Abrão (2010). A tese de Janaína Damasceno Gomes (2013) teve uma boa repercussão e possibilitou que o nome de Virgínia Bicudo circulasse nas universidades.

Citada em artigos (MAIO, 2010; TEPERMAN, KNOPF, 2011; BRAGA, 2016; FRAUSINO, 2018; SANTOS, 2018), em dissertação (PENNA, 2019), em tese (SALES, 2018), em livro (BELO, 2018), em colunas para *blogs* (DUNKER, 2018; VENOSA, 2020), em matérias de revistas (AMBRA, LIMA 2019; DUNKER 2019; MASSI, 2019), Virgínia Bicudo parece voltar a ter um lugar, ainda que distante daquele que lhe é de direito.

Considero que ainda há muita pesquisa a ser feita sobre Virgínia Leone Bicudo. Ainda existem muitos documentos e cartas para serem analisados na SBPSP e as suas contribuições para a psicanálise foram pouco debatidas, assim como os seus trabalhos sociológicos. As suas obras devem ser mais acessíveis para aqueles que desejam estudá-la. É o seu legado que precisa ter mais circulação. Apesar de toda a pesquisa feita para essa dissertação, não houve possibilidade de dar conta de tudo o que Virgínia Bicudo

representa. A sua história viva deve permanecer entre nós, para que outras possam ser encorajadas e vividas através do seu exemplo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS TRABALHOS DE VIRGÍNIA BICUDO

BICUDO, Virgínia Leone. A visitadora psiquiátrica e seu papel na higiene mental da criança. **Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo**, São Paulo, v. 7, n. 6, p. 61-66, 1941.

\_\_\_\_\_. Contribuição para a história do desenvolvimento da psicanálise em São Paulo. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 69-72, jan./mar., 1948.

\_\_\_\_\_. Atitudes dos alunos dos Grupos Escolares em relação com a cor dos seus colegas. *In*: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan (Eds.). **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo: Editora Anhembi/UNESCO, 1955, p. 227-310.

\_\_\_\_\_. **Nosso Mundo Mental**. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1956.

\_\_\_\_\_. A propósito do filme “O mundo do esquizofrênico”. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 35-39, 1966a.

\_\_\_\_\_. Consequências do fracasso da defesa maníaca. *In*: CONGRESSO PSICANALÍTICO LATINO-AMERICANO, 6, 25-28 jul. 1966, Montevideu. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: SPRJ, 1966b, p. 10.

\_\_\_\_\_. Avaliação da Primeira Jornada Brasileira de Psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 155-179, 1967.

\_\_\_\_\_. Édipo Rei: comentários sobre a peça Édipo Rei. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 218-39, 1967b.

\_\_\_\_\_. Relação econômica entre splitting, sublimação e sintomas obsessivos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 67-79, 1967c.

\_\_\_\_\_. Duas formas ativas de resistência à psicanálise: hostilidade declarada e falsa adesão. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 402-404, 1967d.

\_\_\_\_\_. Algumas Considerações sobre as necessidades emocionais da criança de 0 a 1 ano de idade. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 14-20, 1967e.

\_\_\_\_\_. A mensagem de Roda-Viva. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 231-244, 1968a.

\_\_\_\_\_. Falso luto e falsa reparação através de recursos paranóide e maníaco. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 2, n. 6, p. 4-6, 1968b.

\_\_\_\_\_. Mito, instinto de muerte y regresión en el proceso analítico. **Revista de Psicoanálisis**, Buenos Aires, v. 25, n. 3/4, p. 749-766, 1968c.

\_\_\_\_\_. Regressão no processo analítico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 491-517, 1968d.

\_\_\_\_\_.; ALVES, Sílvio Augusto. Fantasia Inconsciente. acting out e arte. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 50-61, 1968e.

\_\_\_\_\_. Editorial: Sobre a função de psicanalista. **Jornal Psicanálise**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 1-2, 1969a.

\_\_\_\_\_.; RUFINO, Américo. Problemas do ego face às identificações míticas de identidade de sexo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 3, n. 3/4, p. 267-82, 1969b.

\_\_\_\_\_. Breves considerações sobre a primeira hora de sessão analítica. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 5, 1969c.

\_\_\_\_\_. Contribución de Freud a las ciencias sociales. **Revista Uruguaya de Psicoanálisis**, Montevideo, v. 11, n. 3/4, p. 269-286, 1969d.

\_\_\_\_\_. Aspectos técnicos no tratamento psicanalítico da depressão. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE, 30 abr.-3 mai., 1969, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: SBPSP, 1969e, p. 22.

\_\_\_\_\_. Editorial: Contribuição do psicanalista à sociedade. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 4, n. 12, p. 1, 1970a.

\_\_\_\_\_.; RUFINO, Américo. Estados de depressão: um esquema referencial teórico e técnico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 44-60, 1970b.

\_\_\_\_\_. Avaliação de atitudes do médico na relação médico-paciente. **Alter: Revista de Estudos Psicanalíticos**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 7-16, 1970c.

\_\_\_\_\_. Editorial: Os institutos de psicanálise frente às ideologias sociais. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 6, n. 18, p. 1-2. 1972a.

\_\_\_\_\_. Incidência da realidade social no trabalho analítico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 6, n. 3/4, p. 282-305, 1972b.

\_\_\_\_\_. Psiquismo e robotização. **Alter: Revista de Estudos Psicanalíticos**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 30-40, 1976.

\_\_\_\_\_. Contribuição de Melanie Klein à psicanálise segundo minha experiência. **Alter: Revista de Estudos Psicanalíticos**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 9-17, 1981.

\_\_\_\_\_. As somatizações na transferência e na contratransferência: comentários. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 177-183, 1984.

\_\_\_\_\_. As múltiplas faces do self: imagens refletidas das identificações introjetivas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 9-18, 1986.

\_\_\_\_\_. Aspectos históricos do desenvolvimento da psicanálise da criança no Brasil. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 4, 661-672, 1988a.

\_\_\_\_\_. Interpretação sob os vértices do modo de ser e do modo de não ser. *In*: FEPAL (Org.). **Congresso Latinoamericano de Psicanálise: Trabalhos temáticos**. São Paulo: Imago, 1988b, p. 273-278.

\_\_\_\_\_. Conversando sobre Formação. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 13-20, 1989a.

\_\_\_\_\_. Memórias e fatos. **Revista IDE**, São Paulo, v. 18, p. 94-97, 1989b.

\_\_\_\_\_. Psicanálise da mente homicida: vinte anos de experiência, comentários. **Centro de Estudos das Relações Mãe, Bebê, Família**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 113-115, 1990.

\_\_\_\_\_. Psicanálise: Criação ou imitação? **Alter Boletim**, Brasília, v. 1, p. 1-18, 1991.

\_\_\_\_\_. “Já fui chamada de charlatã”. [Entrevista cedida a Cláudio João Tognolli]. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 5. jun. 1994a. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/05/mais!/12.html>. Acesso em: 04 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. História do desenvolvimento da psicanálise de criança em São Paulo. *In*: PEÑA K., Saúl; CÁCERES, Dana (Comp.). **Psicoanálisis de niños y adolescentes en América Latina: desarrollos y perspectivas**. 2. vol. Córdoba: Fepal, 1994b, p. 57-75.

\_\_\_\_\_. Fato psíquico, objeto da psicanálise: dinâmica do objeto psíquico. *In*: ABP (Org.). **Trabalhos enviados para seleção do Congresso de Psicanálise**. São Paulo: SBPSP, 1995, p. 296-300.

\_\_\_\_\_. A investigação em psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicoanálisis**, Montevideo, v. 1, n. 2, p. 43-48, 1996.

\_\_\_\_\_. Comunicação não-verbal como expressão de onipotência e onisciência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 983-992, 2003.

\_\_\_\_\_. **Atitudes Raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. MAIO, Marcos Chor (Org.). São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010a. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 1945.

\_\_\_\_\_. Culpa persecutória e restrições do ego: caracterizações de uma posição pré-depressiva. **Alter: Revista de Estudos Psicanalíticos**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 13-22, 2010b.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. **Virgínia Bicudo**: A trajetória de uma psicanalista brasileira. São Paulo: Editora Arte&Ciência Editora/Fapesp, 2010.

AMBRA, Pedro; LIMA, Rafael Alves. Apresentação do dossiê “Freud explica? A história da psicanálise no Brasil”. **Revista CULT**, São Paulo, ano 22, n. 249, p. 16-17, set. 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/historia-da-psicanalise-no-brasil/>. Acesso em: 04 jul. 2020.

AMORIM, Patrícia Mafra; MOREIRA, Luiz Eduardo de Vasconcelos. "Quarto de despejo" como imagem da história da psicanálise: o caso Virgínia Bicudo. *In*: BELO, Fábio (Org.). **Psicanálise e Racismo**: interpretações a partir de Quarto de Despejo. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2018, p. 21-32.

BARCELLOS, Raymundo. **Algumas anotações biográficas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo**. São Paulo: SBPSP, 1976. Mimeografado.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**: ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo. São Paulo: Editôra Anhembi, 1955.

BELO, Fábio. Raça como código tradutivo: Uma leitura de “Quarto de despejo”. *In*: BELO, Fábio (Org.). **Psicanálise e Racismo**: interpretações a partir do quarto de despejo. Belo Horizonte: Relicário, 2018, p. 51-61.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In*: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 25-57.

BONFIM, Flávia Gaze. O desejo puro de Antígona: ética lacaniana e dimensão trágica. **Analytica, Revista de Psicanálise**, São João Del-Rei, v. 5, n. 8, p. 129-149, jan./jun.,

2016. Disponível em:  
<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/analytica/article/view/1573/1145>. Acesso: 20 dez. 2019.

BRAGA, Ana Paula Musatti. Pelas trilhas de Virgínia Bicudo: psicanálise e relações raciais em São Paulo. **Revista Lacuna**, São Paulo, n. 2, s/p, dez., 2016. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2016/12/06/n2-01/>. Acesso em: 6 dez. 2016.

CAMPOS, Luiz Augusto. Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo: a história de uma edição. **Revista Estudos Políticos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 620-627, set., 2016. Disponível em: [https://periodicos.uff.br/revista\\_estudos\\_politicos/article/view/39808/0](https://periodicos.uff.br/revista_estudos_politicos/article/view/39808/0). Acesso em: 24 ago. 2019.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez e Juventud**, Manizales, v. 8, n. 1, jan./jun., 2010. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/alianza-cinde-umz/20131216065611/art.LourencoCardoso.pdf>. Acesso: 15 jan. 2020.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CHERKI, Alice. Introdução. In: FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005, p. 7-21.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUNKER, Christian. Virgínia Bicudo e a psicanálise como lugar de escuta. **Blog da Boitempo**, São Paulo, 07 mar. 2018. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/03/07/virginia-bicudo-e-a-psicanalise-como-lugar-de-escuta/>. Acesso em: 04 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. Uma exceção no mundo. **Revista CULT**, São Paulo, ano 22, n. 24, p. 22-25, set. 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/psicanalise-brasil-excecao-no-mundo/>. Acesso em: 04 jul. 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. Obra original publicada em 1961.

\_\_\_\_\_. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA. 2008. Obra original publicada em 1952.

FRAUSINO, Carlos Cesar Marques. Virgínia Leone Bicudo: Um capítulo da história da psicanálise brasileira. **Calibán, Revista Latino-Americana de Psicanálise**, Montevideo, v. 16, n. 2, p. 178-187, s/d, 2018. Disponível em: <http://www.fepal.org/wp-content/uploads/2020/02/Fronteiras-Culturais-Frausino-Port.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2020.

FREUD, Sigmund. O Esclarecimento Sexual das Crianças. *In*: \_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Edição standard brasileira. v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Obra original publicada em 1907.

\_\_\_\_\_. Mal-Estar na Civilização. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Edição standard brasileira. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Obra original publicada em 1930.

GOBINEAU, Arthur de. **Essai sus L'inegalité des races humaines**. Paris: Gallimard-Pleiade, 1983. Obra original publicada em 1853.

GOMES, Janaína Damaceno. **Os Segredos de Virgínia: Estudos de Atitudes Raciais em São Paulo (1945-1955)**. 2013. 180 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 223-244, 1984.

\_\_\_\_\_. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun., 1988.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Patologia social do branco brasileiro. *In*: \_\_\_\_\_. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995, p. 215-240. Obra original publicada em 1955.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. **Quarto de despejo**: Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LACAN, Jacques. **Seminário 7 – A Ética da psicanálise (1959-60)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. A Eugenia no Brasil, **Anos 90**, Porto Alegre, v. 7, n. 11, jul., 1999. DOI: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.6545>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6545>. Acesso em: 04 jul. 2020.

MAIA, Kenia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas. O Brasil e a Lógica Racial: Do branqueamento à produção de subjetividade do racismo. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 265-286, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n02A04>. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652018000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652018000200005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 04 jul. 2020.

MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 141-158, out., 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69091999000300009>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091999000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091999000300009) Acesso em: 24 de agosto de 2019.

\_\_\_\_\_. Introdução: a contribuição de Virgínia Leone Bicudo aos estudos sobre as relações raciais no Brasil. In: BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. São Paulo: Sociologia e Política, 2010a, p. 23-60.

\_\_\_\_\_. Educação sanitária, estudos de atitudes raciais e psicanálise na trajetória de Virgínia Leone Bicudo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 35, p. 309-355, dez., 2010b. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332010000200011>. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332010000200011&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332010000200011&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 04 jul. 2020.

MASSI, Marina. Primórdios da psicanálise no Brasil. **Revista CULT**, São Paulo, ano 22, n. 24, p. 30-33, set. 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/primordios-da-psicanalise-no-brasil/>. Acesso em: 04 jul. 2020.

MORETZSOHN, Maria Ângela Gomes. Uma história brasileira. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 46, n. 85, p. 209-229, jun., 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352013000200019&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352013000200019&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 21 dez. 2019.

MOURA, Clóvis. **Miscigenação e democracia racial**: mito e realidade. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. Prefácio. *In*: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida (Orgs.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 9-11.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do Corpo Negro**. 1998. 198 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

OS PERIGOS de uma história única. Chimamanda Ngozi Adichie. **TED: Ideas worth spreading**. [S. l.: s. n.], 2009, 1 vídeo (18m34s). Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transcript?%20language=pt](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?%20language=pt). Acesso em: 24 de agosto 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

PENNA, William Pereira. **Escrevivências das memórias de Neusa Santos Souza**: Apagamentos e Lembranças negras nas práticas psis. 2019. 124 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, 2019.

PIERSON, Donald. **Negroes in Brasil**: a study of race contact at Bahia. Chicago: University of Chicago Press, 1942.

PIZA, Edith. Porta de vidro: uma entrada para a branquitude. *In*: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida (Orgs.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 59-90.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.

ROCHA, Simone. Educação eugênica na constituição brasileira de 1934. *In*: ANPED SUL, 10., 2014, Florianópolis. **Trabalhos completos** [...]. Florianópolis: UDESC, 2014. p. 1-14. Disponível em: [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/1305-1.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1305-1.pdf). Acesso em: 04 jul. 2020.

RUBIÃO, Laura Lustosa. O impasse trágico e a via cômica na ética da psicanálise. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 61-77, jan./jun, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100004>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982003000100004](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000100004). Acesso em: 04 jul. 2020.

SALES, Jôse. **Racismo no Brasil**: Um olhar psicanalítico. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

SANTOS, Elisângela da Silva. O legado de Virgínia Leone Bicudo para a sociologia da infância no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 48, n. 170, out./dez., 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053146009>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0100-15742018000401194&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-15742018000401194&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 04 jul. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SÓFOCLES. **Antígona**. Tradução Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

STONEQUIST, Everett. **The Marginal Man**: a study in personality and culture conflict. New York: Charles Scribner's Sons, 1937.

TEPERMAN, Maria Helena; KNOFF, Sonia. Virgínia Bicudo – uma história da psicanálise brasileira. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 44, n. 80, p. 65-77, jun., 2011. Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352011000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352011000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 04 jul. 2020.

VENOSA, Camilla. Virgínia Bicudo, a brasileira pioneira em estudos raciais na psicanálise. **Portal Geledés**. Mulher Negra, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/virginia-bicudo-a-brasileira-pioneira-em-estudos-raciais-na-psicanalise/>. Acesso em: 04 jul. 2020.

VEIGA, Lucas. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 31, n. esp., p. 244-248, set., 2019. DOI: [https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i\\_esp/29000](https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000). Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/29000>. Acesso: 15 jan. 2020.

**ANEXO – CADERNO DE IMAGENS****Imagem 21** – Fotos 3x4 de Virgínia Bicudo

Fonte: DDPHP, sem data.

**Imagem 22** – Virgínia Bicudo

Fonte: DDPHP, 1929.

**Imagem 23** – Bicudo na Liga de higiene mental

Fonte: DDPHP, 1943.

**Imagem 24** – Virgínia Bicudo na embaixada do Brasil em Londres com o presidente Juscelino Kubitschek



Fonte: DDPHP, 07/09/1958

**Imagem 25** – Virgínia Bicudo, Helena Bicudo (irmã), Maria de Lourdes Bicudo (irmã), Joana Leone Bicudo (mãe) e Carmen Bicudo (irmã)



Fonte: DDPHP. 1979.

**Imagem 26** – Virgínia Bicudo no Uruguai



Fonte: DDPHP, sem data.

**Imagem 27** – Virgínia Bicudo em congresso



Fonte: DDPHP, sem data.

**Imagem 28** – Virgínia Bicudo em Brasília



Fonte: DDPHP, 1983.

**Imagem 29** – Joana Leone Bicudo



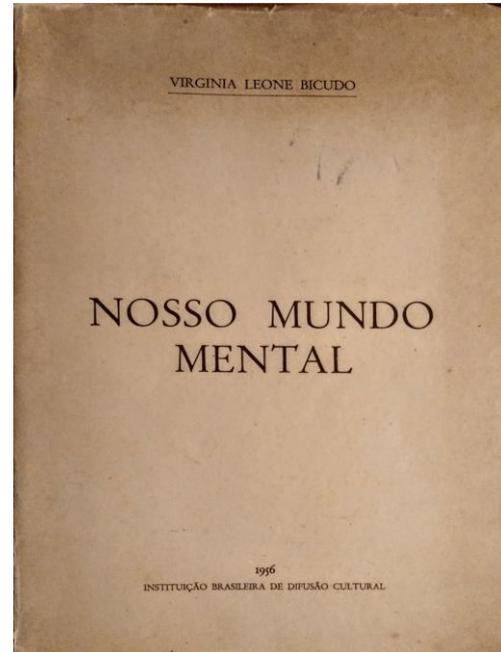
Fonte: DDPHP, sem data.

**Imagem 30** – Capa do livro Projeto UNESCO Mental



Fonte: DDPHP, 1955.

**Imagem 31** – Capa do livro Nosso Mundo Mental



Fonte: DDPHP, 1956.

**Imagem 32** – Matéria de jornal sobre Bicudo



Fonte: DDPHP, sem data.

**Imagem 33** – Artigo publicado em jornal por Bicudo



Fonte: DDPHP, 1954.